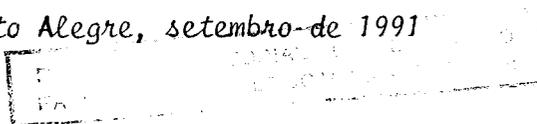


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

"VOCAÇÕES PARA AS MULHERES": O COTIDIANO
DE UMA ESCOLA RELIGIOSA DE
FORMAÇÃO DE PROFESSORAS(ES)

ROSÂNGELA DE F. R. SOARES

Porto Alegre, setembro de 1991



D.: BC/UFRGS
CRE# 12.350,00
02.07.9L

SAB 66415-4

24940

T
396.4
S676V
1991
E.2

EDU
1992/66415-4
1992/07/03
10545

S676V Soares, Rosângela de F.R.

"Vocações para as mulheres": o cotidiano de uma escola religiosa de formação de professoras(es) / Rosângela de F.R.. Soares - Porto Alegre: UFRGS, 1992.

f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

CDU:396.4:377.8.014.521(816.52Bagê)

377.8"37":291.5:27:396.4

159.923.2-055.2:377.8.014.251

159.923.2-055.2:316.346.2

ÍNDICES ALFABÉTICOS PARA CATÁLOGOS SISTEMÁTICOS

Educação da mulher: Escola normal religiosa: Bagê,RS
396.4:377.8.014.521(816.52Bagê)

Cotidiano escolar: Escola normal: Ética religiosa católica: Educação da mulher
377.8"37":291.5:27:396.4

Construção da identidade feminina: Escola normal religiosa
159.923.2-055.2:377.8.014.251

Construção da identidade feminina: Categoria gênero
159.923.2-055.2:316.346.2

Bibliotecárias Responsáveis:
Maria Hedy Lubisco Pandolfi, CRB-10/130
Neliana Schirmer Antunes Menezes, CRB-10/939

*Dissertação apresentada como requisito
parcial para a obtenção do grau de Mes-
tre em Educação.*

*Professora GUACIRA LOPES LOURO
Orientadora*

AGRADEÇO

À Professora orientadora GUACIRA LOPES LOURO pela disponibilidade e senso crítico que foram indispensáveis para esta dissertação;

Ao Grupo (Cybele, Dagmar, Margo e Neuza) pelos debates e encontros informais;

Às amigas(os):

CARMEM

CLAUDETE

MARCOS

DIANA

ROSA

RENATA

que de uma forma ou de outra participaram deste trabalho;

Aos meus pais, pelo carinho;

Ao Kleber, companheiro de todas as horas.

RESUMO

Este é um trabalho sobre a educação de mulheres no interior de uma escola religiosa de formação de professoras (es): a Escola Normal Espírito Santo (ENES), localizada na Região da Campanha - cidade de Bagé. Num recorte que vai da década de 40 à década de 70 (período da escola normal nesta instituição) investigo, através do cotidiano escolar, a promoção de um conhecimento baseado na ética cristã católica que se sobrepõe ao conhecimento intelectual, ou seja, a ENES apresenta um caráter formativo na educação das jovens mulheres, norteadas por uma filosofia religiosa que resiste apesar das inovações ocorridas ao longo da história desta instituição.

Apóio a investigação em depoimentos de professoras, diretoras e Madres e também em documentos escolares, abrangendo assim as diferentes décadas que investigo. A partir da leitura das fontes recolhidas, observo no cotidiano da escola valores veiculados pela doutrina católica e dentre estes, valores especificamente dirigidos às mulheres.

A moral cristã (católica) coloca a sua concepção feminina baseada em três vocações: a pessoal (que representa a religiosidade da mulher), a maternal (que pode ser psicossomá-

tica e/ou espiritual e representa a *função primária* da mulher) e a social (que envolve o trabalho feminino dentro e fora do lar). Estas vocações presentes num texto religioso (vide anexo) em que me detenho para compreender a visão da Igreja sobre a mulher são comparadas à educação ocorrida na escola, onde as normalistas vivenciam de modo orgânico a doutrina da Igreja sobre o papel da mulher. Então, junto com o aspecto religioso há a construção de um *ideal de mulher*, ou seja, nesta escola foi possível observar a identidade feminina sendo construída dentro de um determinado padrão, ou seja, observar a construção feminina a partir da categoria *gênero*. O termo gênero é compreendido no sentido colocado por Scott (1990), representando as diferenças sociais entre o masculino e o feminino.

Para a formação destas jovens com determinados princípios de caráter e temperamento *entram em jogo* símbolos que são apresentados no dia-a-dia da vida escolar. Tentei identificar os valores passados através destes símbolos observando algumas características próprias da escola, através de depoimentos e/ou documentos. A apresentação da escola, a relação das alunas com as religiosas, a ciência psicológica como legitimadora dos valores religiosos são, entre outros, aspectos que abordo do cotidiano da ENES. São aspectos que estão perpassados por símbolos dicotômicos como: prazer em oposição a dever, inocência em oposição a corrupção, luz em oposição a escuridão, etc.

A escola atua no sentido de construir uma mulher *intē*prete das realidades espirituais, para atuar no local que é apontado como seu *meio natural*: a família. O conhecimento promovido por esta escola tem como objetivo o mundo privado, o dito *mundo feminino*.

Porém, quando apresento as características deste cotidiano, mostro também suas contradições. Com um entendimento de cotidiano *fragmentado*, *heterogêneo* foi possível discutir as estratégias escolares relativizando-as através de comportamentos que apresentam *acomodação* e *resistência*.

ABSTRACT

This is a paper about women education within the premises of a religious school for the forming of teachers: the Escola Normal Espírito Santo (ENES), located in the countryside - Região da Campanha - in the city of Bagé. Within a time segment that ranges from the 40s to the 70s (period in which there has been a teacher forming course in this institute) I investigate, through the day-by-day school life, the promotion of a knowledge that is based on Catholic Christian ethics, which surpasses the intellectual knowledge, that is, ENES shows a formative character in the education of young women, guided by a religious philosophy, which remains in spite of the *innovations* introduced along the history of this institute.

I support this investigation with testimonies by teachers, directors and nuns, and also with school documents, thus enclosing the different decades I study. From reading the collected sources, I can notice in their day-by-day school life some values which are conveyed by catholic doctrine and, among these, some values specifically directed to women.

The Christian (Catholic) moral states its female conception based on three vocations: the personal one (which rep

resents woman's religious feelings), the maternal one (which can be psychosomatic and/or spiritual and represents women's *primary function*) and the social one (which includes women's work in the home and out). Such vocations, present in a religious text (see enclosure) which I attach to in order to understand the Church's view of the woman, are compared to the education held in the school, where the students experience in an organic way the Church's doctrine about the role of the woman. Therefore, along with the religious aspect, there is the building up of an *ideal woman*, that is, in this school it was possible to observe the woman's identity being built up within a certain pattern, that is, to observe the feminine formation out of the category *genre*. The word *genre* is understood as it was put by Scott (1990), representing the social differences between the masculine and the feminine.

For the formation of these young women with certain principles of character and temperament some symbols are used, which are introduced in their daily school life. I have tried to identify the values which are conveyed through these symbols, observing some characteristics which are typical of the school, through testimonies and/or documents. The physical appearance of the school, the relationship between the students and the nuns, the psychological science being used to legitimate the religious values are, among others, aspects from ENES's daily life which I approach. These are aspects which are permeated by dichotomic symbols such as: pleasure

in opposition to duty, innocence in opposition to corruption, light in opposition to darkness, etc.

The school's action heads to building up a woman, who is an *interpreter of the spiritual realities*, to act in the place which is pointed out as her *natural environment*: the family. The knowledge promoted by this school has as its objective the private world, the so-called *feminine world*.

However, when I present the characteristics of this day-by-day, I also show its contradictions. With an understanding of a *fragmentary, heterogeneous day-by-day* it was possible to discuss the school strategies making them relative through such kinds of behavior which show *accomodation and resistance*.

SUMÁRIO

RESUMO	iv
ABSTRACT	vii
INTRODUÇÃO -----	01
<u>Os Caminhos da Investigação</u> -----	13
EDUCANDO PARA O MUNDO PRIVADO -----	24
<u>Visualizando as Relações de Gênero</u> -----	40
ALÉM DOS CONTEÚDOS -----	52
CONCLUSÃO -----	81
BIBLIOGRAFIA -----	94
A N E X O -----	99

INTRODUÇÃO

A Escola Normal Espírito Santo é uma dessas escolas que, através do curso de Formação de Professoras(es), significou para as jovens mulheres de Bagé (cidade da Região da Campanha - RS) uma das poucas (senão única) oportunidade de profissionalização e de continuação dos estudos.

A fundação do colégio Espírito Santo data de 1905, com a chegada na cidade de seis Irmãs que foram recepcionadas e hospedadas, segundo os documentos, pelas "*damas da alta sociedade bageense*" e autoridades do local. O colégio começou neste ano com o curso primário, a alfabetização estava associada à *Catequese*, desde o sinal da cruz, juntamente com trabalhos de agulha, desenho e pintura.

A não ser pelo seu contexto específico de escola de cidade do interior e, em função disso, por apresentar um certo atraso na área educacional em relação ao centro do país, sua realidade é semelhante a outras escolas destinadas à educação de moças (Bruschini e Amado, 1988), (Louro, 1989).

Mas o histórico contido nos documentos escolares sugere uma rápida evolução. Inclusive uma curiosidade que afirmam estes históricos é que a escola criou em 1926, o Curso Gina-

sial, sendo então o primeiro ginásio feminino do Estado, extinto com a criação da Escola Complementar (1930) por convênio no termo do Decreto nº 3927 de 5 de dezembro de 1927, referente a Escolas Complementares dirigidas por entidades particulares.

Em anos anteriores, já se observava o seu crescimento, através do número de alunas que aumentava (tanto as internas como externas) a cada semestre, ocasionando a mudança da escola para um prédio maior, chegando até sua sede atual (que foi fundada em 1909).

"Em 17 de fevereiro de 1909 a comunidade das Irmãs transferiu para o atual Colégio Espírito Santo à Rua General Osório, 1254, onde continuaram ministrando o ensino primário que então abrangeu 10 anos de formação, proporcionando às alunas, sólida formação intelectual, moral, cívica, artística e religiosa"
(Histórico escolar sobre a ENES (mimeo)).

Assim o colégio foi contribuindo para a escolarização das mulheres das camadas médias em Bagé. Entrelaçado à esta escolarização, as Irmãs trouxeram novas práticas e comemorações religiosas que foram apresentadas às alunas e à cidade. Dentre essas houve a realização da 1ª comunhão das alunas do Colégio, a procissão do Corpo de Deus pelas ruas da cidade e também a Consagração da primeira turma de jovens ao receberem os votos da Virgem Maria. No interior da escola a doutrina católica era colocada no cotidiano através de uma sucessão de comemorações e festas religiosas.

A *sólida formação* estava sendo colocada às jovens mulheres através da escola com seu cotidiano religioso, com a solidez do próprio colégio, inclusive pelo seu aspecto físico (analisado posteriormente neste trabalho) que era uma barreira, ou tentava ser, aos *vícios* do mundo externo. Outro aspecto que registro, embora não vá ser especificamente analisado neste trabalho, é que a escola junto com o regime de externato manteve, até 1961, o regime de internato, novidade introduzida na educação feminina do Brasil, pela Igreja (Manoel, 1988).

Entre outras datas escolares que quero destacar uma é a passagem da Escola Complementar para Escola Normal. Em 1942 a instituição passou-se a chamar ENES, período em que inicia este estudo. A fim de dar maiores condições a esta escola normal foi criado em 1944 numa Escola Primária para estágio das alunas. Esta escola primária recebia crianças de classes populares, funcionando como Escola de Aplicação do curso normal, e foi extinta em 1972.

Ainda nesta década (1973) foi implantada a Reforma de ensino no segundo grau com a criação da habilitação de Magistério e Auxiliar de Administração Hospitalar, consequência da Lei Federal 5692/71, e é aqui que encerro o recorte histórico da investigação desta escola.

As atividades educacionais das Irmãs não se restringiam aos limites do colégio. Atuantes junto aos Padres, organizavam missas e promoviam trabalhos religiosos junto as famí-

lias. Nas vilas e paróquias mais distantes levavam a sua doutrina através de obras apostólicas ajudadas por professoras e alunas: "Instruem crianças para a primeira comunhão, promovem casamentos religiosos e a entronização do Sagrado Coração de Jesus nas famílias" (POLIANTEIA, Ed. comemorativa, 1947, p.103).

"A semana da criança é festejada com carinho. Carregadas de presentes úteis e também de brinquedos e guloseimas, as Normalistas visitam Grupos Escolares, Orfanatos e o Instituto de Menores, depositando sua oferta nas mãozinhas das crianças, exultantes de alegria" (HISTÓRICO escolar sobre a ENES (mimeo)).

A ENES é a 14^a casa fundada pelas Irmãs da Penitência e da Caridade Cristã, religiosas essas da Terceira Ordem de São Francisco de Assis. Suas origens no RS remetem a São Leopoldo, onde chegaram em 1872.

Os colonos alemães católicos, que aqui chegaram desde 1824, estavam em situação de abandono religioso, e o combate ao protestantismo precisa ser levado adiante. Esses fatores influenciaram a decisão de tentar trazer para cá outras congregações e escolas católicas: "A parte populacional católica era a minoria entre os teutos, e, entre os lusos, enxergava-se muito indiferentismo religioso, sem falar dos homens, que acompanhavam a moda de ser mação" (Rabuske, Arthur S.J., 1972, p.269).

Um dos primeiros jesuítas a tentar convencer e incentivar a vinda de mais religiosos católicos para cá, foi o Pe. Bonifácio Klüber, mas não teve êxito. Mais tarde o padre Gui

lherme Feldhaus retoma a idéia de trazer um colégio para São Leopoldo, e envia uma carta em 1871, pedindo Irmãs da Alemanha para São Leopoldo:

"Aqui em São Leopoldo... está resolvido o problema para os meninos da escola. Para as meninas, contudo existe apenas uma escola protestante. Tenho, porém boas perspectivas, no sentido de para elas conseguir franciscanas" (Excerto traduzido de "Gesammelte Nachrichten Auswärtige Missionen betreffend" apud Rabuske, A. S. J., 1972, p.269).

Junto ao pedido foi solicitado a vinda de duas Irmãs vestidas em trajes civis. Tal intenção, mostrava claramente a preocupação dos Jesuítas com a insegurança que reinava no Brasil. Os Jesuítas estavam em situação delicada, as leis pombalinas ainda estavam em vigor e com isto a Companhia de Jesus era considerada *fora da lei*. Foi na década de 1870 que ocorreu a chamada *questão religiosa*. Uma das decorrências do regime imperial do Brasil, foi a união do Estado-Igreja.

"O catolicismo era religião oficial; as outras religiões eram toleradas, mas não podiam erguer templos; o casamento religioso tinha validade civil; os clérigos recebiam salário do governo; altos signatários do Estado precisavam ser católicos" (Lopez, L.R. 1984, p.90).

Mas tudo isso tinha um preço. A igreja tinha que se submeter à tutela do governo, mesmo que as decisões viessem do Vaticano deveriam ser aceitas pelo Ministério para poderem ter validade no Brasil. Em 1864, o Papa Pio IX através da Bula Syllabus condenou a maçonaria devido as idéias ateístas e liberais, mas o Governo não aceitou a decisão papal. Assim,

a situação sob esse aspecto não era das melhores.

Contudo a Madre Superiora Geral Aloisia Lenders, responsável pela vinda das Irmãs para o Brasil, acreditava ser conveniente virem seis Irmãs, em vez de duas. Além disso, não concordou com a vinda das Irmãs em trajes civis, elas viriam vestidas com seus hábitos religiosos de franciscanas usando para responder o pedido, palavras alemãs assonantes "*Haut e Habit*" na seguinte expressão: "*Lieben geben wir die Haut als den Habit preis*".

(Preferimos soltar a pele a largar o hábito religioso) que, segundo o texto, representou uma atitude de grande amor, até de heroísmo, pelo hábito religioso. (Rabuske, A.S.J., 1972).

O jesuítas como precursores das Irmãs haviam preparado o terreno para a chegada, e posteriormente assimilaram muito bem o convívio com a nova orientação religiosa das franciscanas.

Assim, depois de uma longa viagem, as Irmãs chegam a São Leopoldo para iniciar o novo Colégio, batizado de São José (nome escolhido durante a viagem). Devido a uma tempestade, quebrara o leme do navio, e em função de ser dia de São José as Irmãs fizeram uma promessa de colocar o nome São José no colégio, caso chegassem salvas.

Junto com a filosofia de *caridade* e o *sacrifício do trabalho*, traziam em sua bagagem o material didático e a *pedagogia associada à providência divina*.

"Um humilde casebre, contando de quatro peças serviu de moradia. Quatro malas com roupas e utensílios escolares se haviam perdido na viagem. 'Deus Providenciará' diziam as Irmãs, felizes na sua pobreza"* (Madre Magdalena e sua fundação: as Irmãs Franciscanas no RS, 1935, p.42).

Apenas três dias haviam se passado após a chegada e os trabalhos começaram. Montaram um altar improvisado e rezaram a primeira missa comunitária. Era o dia 05 de abril de 1872. Com 23 alunas (alguns textos falam em 32) de sete a treze anos iniciam-se as aulas. Poucos dias depois recebem as primeiras pensionistas.

O colégio esta se tornando exemplar. Situado ao lado do Colégio Conceição dos jesuítas, o São José era motivo de comentários e respeito para quem quisesse nele colocar suas filhas. As Irmãs Franciscanas cuidavam dos afazeres domésticos de maneira impecável. Possuíam uma característica particular de organização e asseio que causava admiração e orgulho para quem tinha suas filhas ali estudando. Tudo deveria estar sempre em ordem e muito limpo, como vemos no relato de uma das famílias:

"o assoalho parecia ter sido feito naquele dia mesmo, de tábuas novinhas, tão branco e limpinho era! No refeitório das meninas, as toalhas pareciam ser feitas de neve, os talheres brilhavam como prata, os pratos e tu-

* A expressão "Deus Providenciará" nasceu junto com a Congregação das Irmãs Franciscanas. Era usada por sua fundadora Catarina Daemen, quando em dificuldades (Souza, 1979).

do o mais alinhado em perfeita ordem; no chão nem uma migalha; enfim, a mamãe ficou encantada!" (Gomes, Carlos de S., S.J. apud Rabuske, A., S.J., 1972, p.273).

A preocupação com o asseio e o cuidado doméstico por parte das Irmãs Franciscanas era intenso, indo ao encontro das expectativas das famílias alemãs aqui instaladas neste período, contribuindo de maneira significativa para a formação da cultura local. Formava-se assim um elo de ligação muito forte entre a comunidade e as Irmãs Franciscanas através da nova educação familiar.

As atividades educacionais como os cuidados com a casa, os trabalhos manuais (bordado, tricot, crochet,...) e os ensinamentos do catecismo constituíam as tarefas desenvolvidas pelas alunas, ensinando assim um ofício para as moças e ao mesmo tempo formando a moça prendada, integrante da elite de educandos do Rio Grande do Sul.

As orientações educacionais ministradas pelas Irmãs Franciscanas foram sendo levadas aos poucos a vários locais do Estado, e em especial a conotação religiosa.

"... muitas delas ocupam hoje cargos importantes, como os de diretoras, orientadoras, inspetoras, fiscais de ensino. É notável a influência religiosa destas professoras em meio ao campo de ação em que foram colocadas pela Providência" (POLIANTEIA, Ed. comemorativa, 1947, p.103).

Observa-se que o projeto de educação escolar das Irmãs Franciscanas está inserido em um projeto social mais amplo. Apoiada pelos jesuítas, a chegada das religiosas também ti-

nha por objetivo colocar uma visão de mundo católico em contraponto ao protestantismo e positivismo.

Esta questão insere-se na luta da Igreja pelo monopólio do saber, ou a discussão do primado da fé sobre a razão. Segundo o catolicismo é pela fé que se alcança as verdades últimas, e no caso é a doutrina católica que detém a correta interpretação da palavra divina.

A disputa cultural colocada pela Igreja pode ser traduzida a partir de questões atinentes ao conhecimento, porém com intenções políticas: "*pode o homem chegar a saber alguma coisa pelos seus próprios meios? Pode existir um conhecimento sem que ele seja revelado ao homem?*" (Manoel, 1988, p.15).

Ainda, segundo Manoel (1988) o controle da educação escolar é fundamental para a Igreja, pois através deste sistema é possível controlar a difusão de idéias e evitar a divulgação contrária a suas teses e dogmas (materialismo, evolucionismo ...).

No RS, a fundação de escolas foi uma medida eficaz. Para exemplificar, foi Júlio de Castilhos, um positivista, com a bancada gaúcha, que apagou da 1^a Constituição Republicana o parágrafo, que ainda previa a expulsão dos jesuítas, explicando este ato em função de que não queria perder no Estado os melhores educadores.

As disputas entre católicos e liberais no Brasil, permearam os debates educacionais expressando-se em alguns momentos de forma acirrada (Cury, 1986) (Buffa, E. 1979). Tais

disputas perpassaram a escola estudada, como mostra o texto de uma professora no jornal:

"... Perguntemos aos partidários do ensino leigo, onde encontraremos outras pessoas que se dediquem assim de corpo e alma à formação educacional da juventude?..."

Aquí nesse recinto ouvimos pela primeira vez dessas criaturas para as quais morreu o mundo, ouvimos, em flagrante contraste com os modernos doutrinadores que vivem para o mundo que a Pátria não é a humanidade, mas que a Pátria é o nosso lar, a nossa cidade, o nosso Estado, o nosso país, as nossas instituições. Aquí aprendemos que o amor instintivo que votamos aos nossos pais é abençoado no céu e que esse amor se deve desdobrar a todos os nossos semelhantes. Aquí aprendemos que a vida, embora contingente e transitória, deve ser considerada como um dom conservado e estimado. Aquí aprendemos que não somos indivíduos apenas, mas pessoas que receberam com a alma um sopro divino..."* (Almeida, L., Discurso proferido pelo 40º aniv. da ENES, Jornal Ibagé, set. 1945, p. 6).

As relações da Igreja com a educação passa pela especificidade do próprio conhecimento. Numa escola onde a particularidade é a educação das mulheres, além do saber também se insere um modelo ocidental-cristão de família. Este aspecto também se relaciona a sobrevivência da Igreja como instrumento de dominação na sociedade brasileira, principalmente a partir da década de 40.

* A distinção entre indivíduo e pessoa faz parte da visão de homem da Igreja católica. Ver Cury (1986) p. 49 e segs.

"Tomando a família como núcleo, encontraremos na mensagem católica dos anos 40 um conjunto coerente e bem definido de práticas recomendadas e de valores que a sustentam. Assim, quando se trata de casamento, tamanho da família, educação dos filhos, trabalho da mulher, autoridade paterna, etc., a Igreja dessa época sempre apresentará um modelo acabado que fazer, com fazer e porque fazer" (Prandi, 1981, p.91).

O aspecto da família é um tema obrigatório nas reflexões sobre a mulher. Os papéis femininos desempenhados dentro da família, refletem a dependência da família à dinâmica social mais ampla. Nesta intenção, as feministas tem trabalhado colocando a esfera privada como fenômeno social.

"El interés por temas como la reproducción, la familia, la sexualidad y la 'cultura femenina' ha permitido abrir un debate sin precedente. Actividades durante mucho tiempo consideradas como estrictamente 'personales' han sido sometidas a un análisis minucioso, vinculado a la idea que la liberación sexual y afectiva de la mujer es una faceta de su emancipación política" (Scott, J., s/d p.82).

Nesta escola, a formação das jovens mulheres está voltada para o mundo privado (a família), seguindo as recomendações da Igreja para a educação feminina. Na citação abaixo, pode-se observar a relação do conhecimento com a manutenção da mulher no meio familiar, como seu lugar por excelência:

"Um primeiro problema surge: como reconhecer que uma moça pode prosseguir proveitosamente estudos secundários e universitários? Não falamos critérios de fácil aplicação. É preciso:

- a) que a moça se sinta à vontade nestes estudos e os domine;
- b) que descubra neles um interesse intrínseco, graças ao qual tais estudos estruturam a vida dela em lugar de ficar na superfície de seu ser;

- c) que conserve a liberdade de espírito necessária para prestar atenção a horizontes não livrescos: cultura religiosa, artística e familiar.

Presentes estes sinais (complacência, interesse alegre, labores judiciosamente empregados), poderemos dizer que uma moça está no seu caminho ao prosseguir estudos secundários e sobretudo superiores. No caso contrário, perigará a vocação propriamente feminina e maternal da moça." (Margerie, B., S.J., 1968, p. 22).

Fica aí colocado o lugar do conhecimento para a mulher, que não pode ultrapassar ou pôr a perigo a sua vocação feminina a qual a partir da doutrina católica é expressada em três vocações: a vocação Pessoal, Maternal, e Social (explicitadas posteriormente neste trabalho).

É dessa forma que a educação deve ser um guia na vida feminina, guia necessário pois,

"A função da mulher assim entendida, é claro, não se improvisa. O instinto maternal é nela um instinto humano, não determinado pela natureza até nos últimos pormenores de aplicação; é dirigido por uma vontade livre, e esta, em seu turno, guiada pela inteligência. Daí decorre o valor moral e a dignidade deste instinto, como a sua imperfeição que deve ser compensada e resgatada pela educação. A educação feminina e, frequentemente, da mulher é, logo, uma condição necessária da sua preparação e formação para uma vida digna de las... No imenso tesouro da cultura católica, os problemas da mulher têm, em virtude de uma longa tradição e graças às obras de mestres insígnies, um lugar de destaque" (Pio XII, 1945, apud Margerie, B., s.j., 1968, p.22).

Por esta receita para o aprisionamento da mulher, recomendado aqui pela doutrina católica é que se guiou a educação feminina na ENES. Não estou dizendo, que a interdição do

conhecimento e a construção de uma *mulher ideal* é exclusividade das escolas femininas, ou especificamente de escolas religiosas. Tentei levantar alguns valores perspassados pela doutrina católica na sua necessidade de reprodução social e que, obviamente vão ser exemplificados ou salientados numa escola com esta orientação. Porém, esta escola é um exemplo, ou para ser mais exata, é um recorte de um processo complexo e amplo, que é a construção da identidade feminina. É um lugar onde pode-se observar, com nitidez e clareza, os valores religiosos articulados às relações de gênero. Falo com *nitidez e clareza* por ser um local em que a relação (gênero e religião) se mostrou tão evidente que interferiu no rumo original desta investigação.

Para abordar especificamente a trajetória deste trabalho pretendo deter-me a seguir em aspectos metodológicos que o marcaram.

Os Caminhos da Investigação

Acredito que a metodologia utilizada nesta pesquisa está associada a trajetória deste trabalho. Num primeiro momento eu comecei a investigação com uma questão de pesquisa que tinha por finalidade identificar quais as concepções de psicologia que estiveram presentes na Escola Normal Espírito Santo. Para isso, tinha como procedimento entrevistar professoras de psicologia e pessoas representativas da escola. Durante os depoimentos colhidos, juntamente com o que eu buscava, ou seja, as concepções psicológicas que se fizeram presentes

nesta escola, evidenciou-se uma outra fala que apontava para o caráter formativo e não informativo desta matéria de ensino.

A partir desta constatação (o caráter formativo), foi se delimitando uma nova perspectiva de estudo. Era evidente que apesar de mudanças, evoluções mostravam-se práticas pedagógicas que pareciam resistir, ou seja, o novo, o moderno incorporado pela escola não abalava seus princípios básicos. O que se mostrou através dos depoimentos sobre as aulas de psicologia era na realidade uma amostra do funcionamento da escola como um todo, que também tinha um caráter formativo.

"Se se pensa em educação – mentalidades – os gestos, as atitudes, as expressões, os silêncios, os sentimentos, as afetividades, as emoções tudo aquilo que perpassa a prática e as relações pedagógicas não são permanentes, mas porque são profundamente pregnantes, ressam, pregnâncias a serem captadas" (Lopes, E. M., 1990, p.5).

Este outro jeito de olhar para a mesma instituição, ou o desvio de questão como resolvi chamar, impôs-se para mim a partir dos depoimentos. Neste sentido é que relaciono esta trajetória a questões metodológicas, pois acredito que isto só foi possível por ter optado pela história oral, através de um dos seus meios (depoimentos ou entrevistas temáticas).

A história oral vai além do conceito restrito de entrevista, ou seja, não é uma técnica onde a partir de um questionário oral, com um número determinado de sujeitos obtém-se uma amostra das respostas obtidas através de um tratamento estatístico (Louro, 1990).

A escolha deste procedimento permite que a investigação se realize a partir da experiência concreta de sujeitos que participaram desta realidade. Embora tendo um eixo temático permite aos entrevistados que relatem suas vivências e suas percepções sem limites impostos pelo entrevistador. Buscou-se, assim uma maior profundidade dos temas propostos e retirar o máximo possível de informações de um número não muito extenso de pessoas, o que propiciou que as categorias de análise fossem levantadas a partir do que relatam os sujeitos envolvidos.

Resolvi assumir este *risco* e ouvir este outro discurso, que me pareceu afinal ter mais força (não sei se no sentido de maior importância de ser abordado como tema de pesquisa ou se por interesse próprio da investigadora).

Os depoimentos trouxeram informações e também abriram a possibilidade para novas perspectivas: conhecer o cotidiano desta escola através de suas relações e práticas pedagógicas.

Para isso, além de uma re-leitura das fontes já colhidas - depoimentos, histórico da escola, atas de formatura, histórico da congregação, provas, programas de matérias, agendas - foi necessário recorrer a outras fontes antes inexpressivas para este trabalho. Obtive, então, outros documentos escolares que ajudaram a reconstruir as peças para montar a história de um colégio religioso feminino. Registro os mais significativos: cadernos com peças teatrais, materiais de cineclube, materiais do grêmio estudantil, boletim sobre os objetivos e normas da escola e jornais da normalista primeira-

mente intitulados Ibagé (durante a década de 40) e Normalista (na década de 50). O que a princípio parece demonstrar um arsenal vasto de material, na realidade são fontes fragmentadas. Por exemplo, dos jornais foram obtidos números escassos, longe do que se imaginava obter antes de realizar a coleta de materiais. Outro documento que se revelou de grande importância para a investigação foi um texto religioso produzido em São Leopoldo, (Faculdade de Teologia Cristo Rei) por um padre jesuíta. Este texto além de tratar especificamente sobre a educação e concepção da mulher a partir da doutrina católica, traz outro aspecto interessante. No histórico da congregação, já observa-se a influência dos jesuítas para a vinda das Irmãs da Penitência e Caridade Cristã (Congregação fundadora desta escola) e esta aproximação permanece nos anos posteriores à instalação desta Ordem no RS. Portanto este documento demonstra o quanto esta escola se utilizava das produções ditadas pelos jesuítas, pois foi encontrado entre os arquivos da escola e não na Faculdade onde foi produzido. O que também se observa neste texto é que, apesar de ser datado em 1968, relata uma trajetória do pensamento religioso a partir de citações de Papas e intelectuais católicos desde a década de 30, permitindo acompanhar os diversos discursos sobre a mulher.

Assim como ocorre no texto, tentei recolher fontes que fossem representativas de diversas décadas que o trabalho aborda. O recorte que faço é o período da Escola Normal que vai da década de 40 até a década de 70.

Optei por terminar em 1973 quando a Reforma 5692/71 é implantada na escola e, a exemplo do que opera-se no ensino brasileiro, com mudanças nos 1º e 2º graus, este estabelecimento também passa a ter outras particularidades. No caso, o curso de Formação de Professoras (es) é agora denominado Magistério. Anterior à 1942, a Escola de Formação de Professoras era Escola Complementar e meu interesse era estudar a formação das professoras a partir do momento que a psicologia fizesse parte do currículo, o que ocorre quando a escola passa de Complementar para Escola Normal. Mantive esta data, apesar da mudança na questão de pesquisa, porque a ciência psicológica serviu como exemplo da utilização das ciências humanas para legitimar a doutrina católica.

Particularmente nesta escola muitas vezes confundem-se psicologia e religião, como pode ser lido neste depoimento, onde a professora relata o que a preocupa quando pensa nos objetivos das suas aulas:

"... como todo colégio religioso, ele opta por uma filosofia mais humana... em que se dá uma ênfase muito grande à formação da personalidade para que ela (aluna) não seja mais um dentro da sociedade, e sim alguém capaz de levar uma transformação a nível de mentalidade... A parte humana sendo levada em consideração, ela desenvolve aquela parte que está muito morta nas pessoas hoje, que é o lado sensível... De tal forma que o aluno, mais tarde, ele carrega esta mensagem na sua vida e procura colocá-la em prática para um melhor trabalho junto a seus semelhantes... este sentimento de ajudar as pessoas, mais pelo lado psicológico, que é justamente o que acha que falta mais, que é o conhecer-se que é o mais difícil..." (Depoente do década de 70).

Este depoimento é um claro exemplo da preocupação com o aspecto formativo que norteou a educação das normalistas. Aspecto também evidente nos outros depoimentos, tanto entre leigos como religiosos.

Ao todo foram feitas quinze entrevistas com pessoas que atuaram em diversas décadas. Algumas entrevistadas, que busquei em função de serem professoras de psicologia, acumulavam diversas funções. Eram professoras de várias matérias, como: Didática, Estrutura e Funcionamento de 1º grau, religião etc. o que na verdade, era uma prática comum na escola (este aspecto será analisado no decorrer do trabalho).

Outra característica que busquei para selecionar as entrevistadas foi a representatividade, nomes que tiveram interferência no processo educacional desta escola. A seleção, a partir da relevância dos sujeitos, retirei de alguns documentos examinados que enfatizavam nomes que pareciam ter importância na determinação das linhas adotadas pela escola, o que demonstra uma seleção não aleatória, mas sim realizada em função dos propósitos da pesquisa (Louro, 1990), que neste caso é o acompanhamento histórico de uma instituição escolar. O que importava nesta busca eram sujeitos que vivenciaram em diversos momentos este processo e outros que além da vivência tenham influenciado os caminhos tomados.

Coloquei anteriormente que os depoimentos abriram dimensões que me obrigaram a buscar novas fontes para o trabalho. Esta afirmação pode se inserir numa outra discussão sobre his

tória oral, que refere-se a seletividade e/ou confiabilidade da memória. No trabalho *Lembranças de Velhos*, Bosi afirma o seguinte: "A veracidade do narrador não nos preocupou: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas conseqüências que as omissões da história oficial" (Bosi, E., 1987, p. 1).

Nesta abordagem (História Oral) as falhas e os esquecimentos também podem revelar algumas coisas (Louro, 1990).

No caso deste trabalho algumas vezes me preocupou mais a autenticidade de alguns documentos escritos, ou seja, quem é o sujeito que fala. Por exemplo, os jornais das normalistas, escrito basicamente pelas alunas, pareciam mais reproduzir um discurso religioso do que propriamente uma linguagem de adolescentes. E pude, confrontando com os depoimentos relativizar estes discursos das alunas tão obedientes aos princípios escolares e religiosos.

Como lembra Lopes (1987) a interferência e o controle fazem parte do espírito das relações pedagógicas, não é possível pensá-la sem levar em conta estes aspectos. Portanto, estas fontes (jornais) foram imprescindíveis para observar a construção neste cotidiano do *ser mulher*. É um jornal escrito por mulheres para mulheres abordando o dia-a-dia, o que não deixa de ser um exemplo da produção feminina. "Sobre a família e o cotidiano, que se pergunte as mulheres! Esse aspecto das coisas lhe cabe" (Perrot, 1989, p.17).

O privilégio dado à esfera pública (reservado aos ho-

mens) nos registros oficiais, calou um saber sobre a mulher, que vem sendo resgatado pela história oral, ou no dizer de Perrot: "o desenvolvimento recente da história dita 'oral' é de certo modo uma revanche das mulheres" (Perrot, 1989, p.16).

Porém, além do resgate dos excluídos da história vejo esta abordagem num sentido mais amplo e não como um recurso usado quando não se tem outros. E é dentro desta perspectiva que busquei a complementação através de outras fontes que referi anteriormente. Quero registrar aqui o valor dos depoimentos nesta investigação, além de informarem sobre a vida escolar também proporcionaram que outras perguntas se impusessem.

"Acredito que a história oral pode e deve ser realizada não só para pesquisar sujeitos ou temas aos quais não se teria outra forma de acesso mas também, e com destaque, para responder novas perguntas sobre antigos temas, provocar novos temas, abrir outras perspectivas de análise, estabelecer relações e articulações entre fatos, sujeitos e dimensões de um estudo. Estas preocupações podem algumas vezes ser atendidas através do exame de registros escritos, mas ainda assim a análise de fontes orais representará um enriquecimento significativo" (Louro, 1990, p.3).

As entrevistas recolhidas foram gravadas e transcritas posteriormente. O uso do gravador facilitou que durante o encontro me mantivesse atenta ao que ocorria sem preocupar-me em registrar. Quanto a transcrição procurei ser o mais fidedigna possível, registrando as lacunas, as nuances da fala. A transcrição se torna também importante porque permite diversas leituras do texto com a intenção de uma exaustiva análise.

se, se impregnar deste material. Muitas vezes, ocorreu que a pós a leitura dos depoimentos recorria às fontes e esta lei tura me obrigava a (re)ler (ler diferente) os depoimentos.

Outra forma que propiciou entrar no *clima* da escola foi buscar as fontes e observar um pouco em suas salas, seus aspectos físicos, sua rotina, a organização, as fotos nos corredores etc.

Todos estes aspectos aparecerão diluídos no texto, inte grados a alguns marcos teóricos que lhe dão consistência. Pa ra isto foi necessário selecionar, escolher o que interessava para responder a pergunta feita a estas fontes, no sentido de delimitar um núcleo em torno do qual gira esta investi gação.

Com esta intenção o problema de pesquisa fica assim colocado:

Como uma escola religiosa de formação de professoras(es) promove um conhecimento baseado na ética cristã católica (ca ráter formativo) com supremacia sobre a construção do conhecimento intelectual?

Algumas hipóteses podem nortear esta questão:

- Existe uma educação especificamente feminina, que se sobrepõe a formação da professora.

- Esta educação específica é norteadada por uma filosofia religiosa.

- As disciplinas humanísticas, entre elas, a psicologia

contribuem para manter e reproduzir a filosofia da escola, ou o caráter formativo da educação feminina.

- As *inovações* ocorridas ao longo da história desta escola são incorporadas à filosofia religiosa.

- Os valores religiosos se articulam e atravessam o cotidiano da escola.

- A escola promove a interdição do pensamento, impedindo as dúvidas e colocando certezas absolutas.

Para analisar a realidade estudada a partir da questão de pesquisa e das hipóteses apresentadas, divido este trabalho nos capítulos que passo a apresentar:

1º Capítulo

O objetivo desse capítulo é apresentar a concepção de mulher na visão da doutrina católica a partir de três vocações: a *vocação pessoal*, a *vocação maternal* e a *vocação social*. Observo a partir desta concepção feminina, o que a escola incorporou do campo religioso, ou seja, demonstro uma educação específica para mulheres permeada por uma filosofia religiosa. Estes aspectos estão articulados à categoria gênero.

2º Capítulo

Demonstro através do cotidiano específico da ENES (Escola Normal Espírito Santo) a transmissão de um conhecimento para as normalistas, ou seja, a transmissão de valores baseados na ética cristã (católica). Estes valores permeiam o

dia-a-dia da escola e são colocados para as alunas através de vários aspectos que tento identificar, como: a apresentação da escola, a relação das alunas com as religiosas (principalmente as Madres), a utilização das ciências humanas (no caso, a psicologia) como legitimadora dos valores religiosos, entre outros.

Por fim, na conclusão discuto o cotidiano da escola e sua educação específica para as jovens mulheres como um exemplo, dentre outros, onde é possível observar a construção da identidade feminina.

EDUCANDO PARA O MUNDO PRIVADO

Ao resgatar e analisar as práticas cotidianas de uma escola religiosa de formação de professoras(es), apresentam-se duas características que são o fio condutor deste trabalho: uma educação específica para mulheres e uma filosofia religiosa que permeia e define esta educação.

As escolas normais caracterizaram-se como uma das poucas oportunidades de continuação de estudos para as mulheres. A atuação da Igreja Católica na educação brasileira e particularmente nas escolas normais foi marcante. Com isto poder-se-ia afirmar que a educação das mulheres nestas escolas visava antes a manutenção de uma moral conservadora, do que propriamente sua profissionalização (Bruschini e Amado, 1988). Tema este que também foi abordado a partir de outras fontes, como, por exemplo, no trabalho sobre os romances de M. Delly (Prado, 1981), onde os paradigmas de homem e mulher são construídos numa determinada visão, na qual o papel da mulher é dentro de uma moral católica, predominando a docilidade e submissão ao marido.

Olhar dentro desta instituição escolar, para desvendar seu cotidiano e sua filosofia, faz-nos lembrar como Lopes

apresenta estas instituições:

"Os colégios religiosos femininos, matrizes primeiras da formação escolar feminina nos dois papéis fundamentais que a mulher vem assumindo ao longo da história do país - mãe e professora - são também o depositário da mentalidade religiosa e masculina..." (Lopes, 1987, p. 28).

Que conhecimento se faz necessário numa escola feminina? Ou, como Lopes questiona, *"Como passam - e são mantidas - para o campo 'civil' as normas e regras que vêm do campo religioso?"* (Lopes, 1987, p. 33).

Tais questões colocam-se já que nestas escolas as questões disciplinares ultrapassam o campo das disciplinas didático-pedagógicas, incorporando a disciplina que advém do campo religioso.

Nesta escola, a compreensão que pretendo obter é a da construção da identidade da mulher das camadas médias.

É dentro desta perspectiva que Lopes (1987), numa pesquisa ainda em andamento, em uma escola mineira do Século XIX observa a educação feminina. Com uma perspectiva semelhante a de Lopes, Cunha e Leal (1990) apontam em direção a um estudo sobre a educação e a escola, especificamente, a educação da mulher no interior de uma escola de mulheres, o Colégio Coração de Jesus de Florianópolis - SC. Estes dois trabalhos foram de vital importância para o estudo que desenvolvo, no sentido de oferecerem pistas para um estudo do cotidiano, estudo que leva em conta pequenos fatos (a afetividade nas relações, o ambiente escolar...) que permitem entender o

todo, desvelar a *pedagogia total*.

O imaginário que circulava na escola ENES, no recorte feito por este estudo (década de 40 a 70 – tempo da escola normal) relaciona-se a uma questão sobre a educação feminina, que no meu entender foi central na construção da identidade das suas normalistas, que é a seguinte: "como lhe dar uma educação que a prepare para as várias profissões, mas sobretudo para a profissão feminina por excelência: a maternidade educadora?" (Margiere, B., S.J., 1968 p.21).

Esta questão, que está presente num dos documentos escolares, refere-se especificamente à educação feminina. É um texto religioso escrito pelo Pe. Bertrand de Margerie, s.j. intitulado "A Igreja e a educação feminina: promoção da mulher", (1968)*

Pode-se constatar que a pergunta acima coloca a situação da doutrina católica no momento. Por um lado é impossível negar a profissionalização da mulher e por outro, tenta conter este avanço através de um chamamento ao lugar *tradicional* da mulher, idolatrando a sua *natureza*. A ambigüidade observada faz sentido no contexto que foi produzido o texto religioso (1968), década em que se pode falar de (re)construção do movimento feminista, quando o discurso sobre a dominação e libertação da mulher já estavam presentes no Bra-

* Citado anteriormente (na Introdução) como um documento escolar. Também remete às origens das Irmãs Franciscanas no Brasil. Desde sua chegada a São Leopoldo, suas relações foram estreitas com os jesuítas, sofrendo influências do seu pensamento e do seu trabalho.

sil. Junto com isso, convém salientar o movimento de 68, que representou uma ruptura na relação com a sociedade e a cultura. E, entre as contestações estava o questionamento do poder doméstico/familiar, a *politização do privado* (Moraes, 1981). Também na imprensa feminina, com reservas ao seu caráter ideológico, a mulher nesta década é representada como *do* *na-de-casa* que começa a descobrir a sua insatisfação (Buitoni, 1981).

Contextualizando, faz sentido que a Igreja tente marcar sua posição numa escola que por várias gerações dedicava-se à educação de jovens mulheres. Era necessário manter o *ideal feminino* dentro dos padrões religiosos inspirados em Maria - e evitar as idéias anti-cristãs (que podem ser traduzidas como marxismo e existencialismo) e que são relacionadas à Eva ou ao demônio.

No Instituto de Educação (IE), na década de 60, estudava-se Sartre, e discute-se o existencialismo (Louro, 1987). Esta escola se caracteriza como propagadora das idéias *modernas* no plano pedagógico para outras escolas normais, e de alguma maneira o Espírito Santo (ES) sempre manteve relações com o Instituto de Educação. Provavelmente Sartre não esteve no currículo do ES, mas a escola não se manteve alheia a essas mudanças. Acredito que se o texto opondo-se ao existencialismo e marxismo esteve presente na escola foi por necessidade de responder às idéias que estavam eminentes. Pode-se observar alguns *indícios* sobre a discussão em torno da mulher num jornal do Departamento Cultural do Grêmio Estudan-

til da década de 60. Na verdade este não tem uma estrutura de jornal. É uma folha datilografada e passada no mimeógrafo. É igualmente composto de notícias curtas sobre atividades do Grêmio, atividades da escola, *pensamentos* e algumas entrevistas, em geral com pessoas da escola. O jornal chama-se *A Voz* e diferencia-se do jornal das normalistas. Este é mais glorificador em relação à Pátria, à escola, à religião e apresenta-se numa linguagem rebuscada. O jornal *A Voz* é bem mais simples na sua linguagem, mas não se pode dizer que seja contestador. Na verdade são textos ingênuos que apresenta. Porém, apesar da ingenuidade, mostra, numa entrevista com uma professora, perguntas que evidenciam estarem circulando na escola algumas *discussões* a respeito da emancipação feminina; como o trecho abaixo exemplifica:

- P. "A emancipação feminina está se processando como deveria ou não?"
- R. Atualmente no Brasil, está se dando valor ao elemento feminino. Já somos livres, condicionalmente, mas somos. Porém, se não nos encontramos mais, é devido a própria mulher, que não se capacitou ainda das qualidades que possui para se integrar nos problemas da atualidade brasileira" (Entrevista com a prof. Maria Inês, jornal *A Voz* nº 3, 1968).

Observo neste depoimento que a professora entrevistada acusa a mulher pelo pouco avanço da sua emancipação, o que talvez indica uma posição ingênua. Mas ao mesmo tempo, o diálogo evidencia que no interior desta escola estavam presentes (mesmo que não politizadas) idéias que já se faziam atuantes no contexto brasileiro.

Também se apresenta em 55 no jornal da escola normal, cujo nome é *Normalista*, uma matéria que chama a atenção. Trata-se de um texto de um aluno de uma escola estadual e pertencente a diretoria da UBES (União Bageense de Estudantes). Neste texto, este aluno chama a atenção para a necessidade de maior participação e apoio à entidade (UBES) por parte das alunas do Espírito Santo. O texto não é nada mais do que este chamamento e até apresenta a entidade como neutra politicamente. Porém o que interessa aqui é que este artigo se diferencia de toda a linha editorial que vinha sendo adotada até então pelo jornal. É o primeiro momento em que este jornal abre espaço para alguma coisa (como já observei anteriormente) que seja diferente da glorificação à Pátria, às Irmãs, à escola. E por sua vez, passa a tratar de interesses concretos dos estudantes. O último número que obtive foi este, portanto não sei se estas discussões passaram a ter mais espaço ou não.

E era em relação a este contexto que permeava o cotidiano brasileiro que o texto religioso *A Igreja e a educação feminina* (versando sobre a filosofia religiosa) opunha-se. Num síntese sobre as diversas alocações feitas pelos Papas e intelectuais católicos, em décadas variadas, coloca as posições da Igreja sob vários aspectos da vida feminina (mãe, trabalhadora, dona-de-casa, etc.) e, em contraposição ao feminismo ateu, apresenta o culto mariano como o *feminismo católico*.

"Frente ao programa demoníaco de 'emancipação' feminina, Deus ostenta em Maria uma promoção feminina que jamais qualquer criatura humana ou mesmo angélica, teria podido conceber. E a promoção das outras mulheres, embora inferior, está concretamente ligada com a conscientização por elas da suprema promoção feminina que constitui a maternidade divina" (Margerie, B., s.j., 1968, p.12).

Este princípio feminino inspirado no culto mariano, é concebido a partir do resgate de três vocações próprias das mulheres: a vocação pessoal, maternal e social. Resgate que se justifica em função da crise que vive o mundo moderno.

Interessante observar que a crise moral parece ser uma constante no pensamento católico.* Segundo os jornais da escola constata-se que a sociedade do séc. XX está em crise, e esta crise é evidente principalmente na década de 40, período em que se desenrola a Segunda Guerra. Tal crise relaciona-se principalmente à moral e a religiosidade dos homens. Estes estão afastados das doutrinas religiosas, enfim, impõe-se uma luta contra o materialismo expressada em vários momentos:

"Nunca talvez, um período da civilização mundial apresentou cena mais dramática porque a força espiritual foi relegada a plano ínfimo e secundário. Contemplamos as nações que se debatem e não encontram solução para os seus problemas. Contemplamos a morte lenta de todas as manifestações da cultura e da arte..." (Páscoa, Ibagê, maio, 1946, p.5).

* Sobre a visão de sociedade da Igreja
Ver Manoel, I.A. Igreja e Educação Feminina: Os colégios das Irmãs de São José de Chamberry (1859-1919), 1988
Cury, C.R.J.. Ideologia e Educação Brasileira: católicos e liberais, 1986.

"Fico profundamente triste, quando me lembro que, no século em que vivemos, o homem tem um espírito completamente materializado e belicoso. É preciso que Cristo volte, ou melhor diríamos é preciso que os homens voltem para Cristo..." (Perez, A., Reflexões, Ibagé, out, 1946, p.6)

No caso desta escola, onde a função é a formação de jovens mulheres, é chamada a atenção para a família, lugar onde a mulher é protagonista, como um espaço importante na luta contra a crise moral.

A família é um dos lugares importantes, senão o mais importante onde o gemen cristão deve se desenvolver. É na família que a mulher veste seu papel *primário* ou, dito nas palavras religiosas, sua *função primária* que é a de mãe. Em vários momentos a família é vista como destruída pela crise moral, mas também vista como o local onde a reação a esta crise deve germinar, obviamente com a mãe tendo o papel principal neste lugar. É possível registrar a conversão da família à moral cristã e católica nos documentos escolares, através de histórias que narram o dia-a-dia de uma família, aí reproduzindo os estereótipos sociais do masculino e do feminino.* "... Mãe e dois filhos estão sentados à sombra, no jardim... Marta, a senhora, faz ponto de malha..."

* Sobre a Reprodução dos estereótipos masculino e feminino, ver Moreno, M., Como se ensina a ser niña: el Sexismo en la escuela (1986). Nosella, M.L.C.C. As Belas Mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos (1981) entre outros.

"Mamãe borda um lençol... Papai levanta a cabeça do livro..." (Sallenave, L. R., Alegrias sãs Ibagê, abr. 1947, p. 4 e 5), junto com estes estereótipos, há sempre momentos em que o pai de família converte-se ao catolicismo, provavelmente (o que deixa entrever a estória), depois de um longo tempo de espera por parte da esposa, como está presente numa cena entre os filhos e a mãe (Marta). Nesta cena o primogênito da família (Aquino) chega e relata:

"... Quando passei pela Igreja, notei que pa pai e o Padre Francisco palestravam... Porém, era o fim do diálogo, e sõ ouvi papai dizer: - Então Padre quero confessar-me agora..."

Marta rompeu o silêncio: Eu já contava com isto, meus filhos, mais tarde ou mais cedo. Tinha fê em Deus. Sei que ele ouve as preces humildes..." (Domingues, N. Páscoa - Retôrno a Cristo, jornal Ibagê, abril, 1947, p.6).

Apôs desenrola-se a cena junto com o pai e a demonstração de total harmonia familiar, construindo assim o papel feminino e masculino de uma família das camadas médias (camadas a que pertencem a população da escola) e a felicidade através da entrega à Igreja. Cenas familiares com estes ingredientes são bastante comuns nos documentos escolares.

Estas pequenas estórias cotidianas revelam alguns parâmetros pelos quais se guia a educação das moças. Em primeiro lugar, demonstram um ideal de família harmônico e cristão, e é esta cena familiar que segundo denuncia-se, parece estar desaparecendo do século atual.

"...Talvez, em período algum, nem mesmo na época do paganismo, esteve o santuário da fa-

mília tão periclitante como nos dias que vivemos. A crise econômica obriga, muitas vezes, a mãe — vestal sublime, sempre tão atenta ao lume no templo santo do lar cristão — a lutar pela vida para auxiliar o esposo na manutenção da prole.

Nas famílias mais abastadas as distrações modernas, o teatro, os cinemas dispersam cada vez mais os seus membros, os quais já, agora dificilmente tem ocasiões de encontro em casa...

Mas não é somente a crise econômica e a variedade das distrações que têm contribuído para o desmoronamento do lar. Ideologias exóticas e teorias anti-cristãs tem surgido nos últimos tempos com o intuito de banir de todos os corações os sublimes sentimentos de família..." (Beal, G. A família contemporânea, Ibagé set. 1945, p.6).

A partir destes dois momentos (a constatação da crise e um ideal de família) há uma busca de resposta para a decadência moral dentro da própria família:

"Demos à família o lugar que lhe é devido; demos-lhe o caráter espiritualizado que ela tem como colaboradora de Deus da grande obra da criação..." (Beal, G., A Família contemporânea, Ibagé, set., 1945, p. 7).

"... É no recesso das casas humildes ou suntuosas, é do interior das quatro paredes do lar que deve surgir a reação..."

"... É dos lábios das mães que sofreram ao nascer seus pequeninos, que devem brotar palavras que apontem a trilha luminosa e obrigatória do dever, para que não sejam mãe apenas na manifestação da vida física..." (Páscoa, Ibagé, maio, 1946, p.5).

Nesta batalha, o papel da mulher como mãe ganha expressão, porém de forma idealista. Há uma desconsideração das condições objetivas, concretas e sociais da mulher. Não há referências à diferenças de classes sociais e coloca-se também

nela (mulher) a culpa pela destruição familiar — caso esta relegue a um segundo plano o seu papel de mãe.

Então, num segundo momento, além do ideal de família, se delineia, nesta educação, um ideal de mulher capaz de construir esta família harmoniosa. O perfil desta mulher vem carregado de algumas expressões como *sacrifício*, *submissão*, *uma mulher que borda*, *faz preces*, enfim espera resignada uma vida melhor. Porém, esta mulher resignada aparece junto com uma mulher forte, que *luta com outros meios*, diferente dos meios ditos masculinos, mas que apresentam resultados, (no fim ela é vitoriosa) ou é a partir dela que vai se consolidar esta vitória expressa através de uma família unida. E esta tendência fica evidente em outras passagens como por exemplo a que coloco abaixo:

"... toda moça deve sonhar ou melhor realizar o grande milagre do Séc. XX. E qual é ele? ... Construir um ninho de felicidade, dentro de um mundo bastante decaído e buscar a calma suficiente e um amor forte e inquebrantável para isolar os seus queridos das deturpações e vícios dum século de progresso material, mas em que impera o retrocesso em matéria de moral e de costumes.

Colegas, sois as estudantes de hoje e as mães e esposas de amanhã. Cumprí o vosso dever; sê de dóceis e estudiosas...

"Jovens que me ouvis, a sociedade de hoje não é a mesma do tempo de nossas avózinhas. Não basta que uma moça saiba cozinhar e dirigir a casa. É preciso mais muito mais. Ela deve adquirir conhecimentos e bem aproveitá-los para embelezar o espírito e enriquecer a mente e o coração" (Rodrigues, D., Saudação de boas vindas, Ibagé, maio 1946, p.2).

Com diferentes matizes de décadas anteriores, onde o en

sino da mulher para ser a rainha do lar se restringia ao aprendizado do bordado, da agulha... (Bruschini e Amado, 1988) agora o panorama de sua educação exigia conhecimentos, embora o fim seja o mesmo.

A sua formação, o conhecimento para a mulher, está expressa nesta citação: "...: *estudantes de hoje e as mães e esposas de amanhã...*" A função do conhecimento não está explícita, parece só servir para tornar a mulher *ilustrada* (Louro, 1987). É um conhecimento que só tem função para o mundo privado, alienado do *caos* em que está o mundo *lá fora*. Formar uma mulher que tenha forças para transformar uma sociedade que está em ruínas e possa construir dentro do lar um *ninho de felicidade*. A idéia aqui da formação da mulher para o mundo privado remete à construção de poderes particulares. A onipotência relativa das mulheres, lembra Perrot (1988) quando se refere ao *poder* como um termo polissêmico. Segundo ela, no singular (poder), refere-se ao masculino, concentra-se em um poder central; já no plural (poderes) seu sentido se dispersa e fragmenta-se, dando a idéia de influências difusas, relativas ao feminino. Reproduz a idéia de que, por detrás dos bastidores, as mulheres atuam de forma oculta. Se a crise atinge a sociedade como um todo, cabe a esta escola atacá-la onde a mulher parece ter força ou poderes e daí formá-la com esta intenção. Então, tendo a problemática da crise como *pano de fundo*, é que se desenrola e se justifica a educação das moças. O seu preparo para uma atuação específica frente a esta crise é que o texto religioso aponta como

uma das suas vocações: a vocação maternal. Esta vocação se refere não somente a ser mãe, pelo menos não apenas no sentido psicossomático, como já aponta a citação anterior "... para que não sejam mães apenas na manifestação da vida física". O entendimento da vocação maternal assim expresso nos documentos escolares coincide com o pensamento expressado pela Igreja e abordado pelo texto religioso:

"a maternidade é muito mais ainda educação do que procriação, a maternidade é essencialmente relação interpessoal que permite o pleno desabrochar humano e espiritual da personalidade maternal, não menos do que da personalidade filial" (Margerie, B., s.j., 1968, p.4 e 5).

Embora possa ser puramente espiritual,

"...o, caráter espiritual da maternidade nunca brilha tão claramente como no caso da maternidade exclusivamente espiritual, embora manifestada às vezes por um amor sensível, mas não sentimental, da virgem que renunciou as alegrias da maternidade física para receber em troca filhos espirituais muito mais numerosos..." (Margerie, B., s.j., 1968, p.5).

São estes os horizontes que devem ser focalizados pela educação. Todas as mulheres, casadas ou não, têm chances de realizarem-se via maternidade. O matrimônio é um dos meios, e a mulher celibatária daria, sob outras formas o que a mulher casada dá a seu marido e filhos.

Retirar da vocação maternal o seu caráter apenas físico e valorizar mais o seu caráter espiritual implica que a formação de um ideal de mulher poderá nortear qualquer opção de vida que venha a ter esta mulher: mãe, esposa, trabalhado

ra, celibatária e/ou religiosa. Na verdade o que se constrói principalmente são características de cunho religioso como *sacrifício, doação, exaltação do mundo espiritual*, com o conseqüente fortalecimento da doutrina católica.

A vocação social, que representa o trabalho da mulher fora do lar, mostra a ambigüidade do catolicismo em relação a este espaço conquistado pela mulher. Diz o texto abordando sobre a vocação social:

"... lá está a magnífica missão das educadoras cristãs: descortinar às moças hodiernas os horizontes políticos, científicos, artísticos abertos aos seus olhos; inculcar o princípio de Pio XII: 'nenhuma atividade humana fica, de per si, fechada à mulher'" (Marge-rie, B., s.j., 1968, p. 8).

Mas também explicita:

"... não podemos esconder que o trabalho feminino fora do lar vem a ser o abandono do lar, com as gravíssimas conseqüências familiares e sociais... Perante uma tal situação, o papel social extra-familiar da mulher será mais condizente com a condição da celibatária. Sobretudo se se trata de uma profissão exercida com tempo integral..." (Margerie, B., s.j., 1968, p. 8).

Dentro do contexto social pode-se analisar estas citações do texto religioso, pois o trabalho da mulher fora do lar já era um fato consumado, desde 1940 ela representa mais de um quarto da força de trabalho brasileiro (Prandi, 1981, p. 91). No próprio texto religioso é nítido a incorporação da profissionalização da mulher, na justificativa colocada para

a aceitação pela Igreja do trabalho feminino. É expressada esta aceitação por dois motivos: o tempo tornou claro a igualdade fundamental e natural entre o homem e a mulher, e também a transformação que a indústria trouxe à vida familiar, já que necessitava-se de trabalhos que *pela sua natureza* cabiam mais as mulheres (Mensagem de Pio XII em 56 apud Margerie, B., s.j., 1968).

Na verdade, a preocupação maior é com a maternidade feminina, é realmente o que deve ser preservado. Com estas idéias, quando se apresenta a vocação social da mulher isto é feito com traços da vocação maternal.

A afirmação de Pio XII se diferencia do que Pio XI expunha em 1931, onde admite o trabalho da mulher em casa ou na vizinhança, em trabalhos domésticos. Porém, como o próprio autor do texto analisado afirma, não há contradição, pois apesar do reconhecimento que homem e mulher tem um idêntico *destino sobrenatural* e um comum *destino terreno* a *função primária* da mulher é considerada a maternidade.

A preocupação maior é com a harmonia familiar, o que obriga a Igreja a incorporar a nova realidade, a se adaptar a novos padrões, mas tentando manter a unidade da família, que é o seu princípio primordial (Prandi, 1981).

Portanto, esta escola reproduz a concepção de professora com idéias maternais: *sacrifício, dever*; aproximando na verdade estas duas vocações (social e maternal) já que profissionalmente é exigido da mulher as mesmas características

exigidas de uma mãe e esposa. Junto com isso, significa formar também mulheres convertidas às idéias religiosas, mantenedoras da moral e conservadoras dos costumes.

Esta concepção do trabalho feminino fora do lar explica porque seu trabalho e, no caso desta escola, a atividade de professora não é uma profissão,* mas uma missão semelhante a sua *função primária* como se coloca no texto dedicado as normalistas no jornal de maio/junho de 1955:

"... É impossível com vãs palavras buriladas, descrever a grandiosidade do papel que representa a professora no seio da sociedade humana. ... As normalistas aureoladas pela missão sublime que as aguarda, preparam-se para o dia vindouro... Finas e etéreas flores, desabrochadas para o enleio da primavera da existência, porque vão elas viver junto a parte mais bela da vida que é a infância... Elas viverão mais para os outros que para si mesmas, espiritualizadas no sublime mister de educar instruindo..." (Carvalho, O., Falando às normalistas, jornal Normalista, maio/junho 1955, p. 8).

Estas vocações (social e maternal) mediatizam o fim último da mulher, a sua origem divina que é denominada vocação pessoal pela doutrina católica: "... em nenhum momento, Deus cessa de dar existência a cada mulher, de lhe pôr no coração uma atração invencível para o bem, para o absoluto, para a beatitude perfeita..." (Margiere, B., s.j., 1968, p.2).

Quanto à vocação pessoal, cabe à educação focalizar a dignidade pessoal da mulher, que é colocada nos seguintes ter

* Ver BRUSCHINI, C. *Vocação ou Profissão?* (1986).

NOVAES, M. E. *Professora Primária: Mestre ou tia* (1984).

mos: a mulher é mais religiosa que o homem, o que a coloca num plano divino e mais próximo de Deus. Cabe a ela (mulher) interpretar aos outros as realidades espirituais. Portanto, é através de sua missão espiritual que a mulher constrói a sua dignidade pessoal.

Visualizando as Relações de Gênero

As citações referidas anteriormente remetem a construção de um *ideal de mulher* para o qual estas instituições tem contribuído, ou seja, estas constituem-se num local privilegiado na construção do gênero.

Devo registrar que o uso do termo gênero não se faz aqui aleatoriamente. Sua utilização tem uma história que se origina dos estudos sobre a mulher.

Na intenção de rejeitar termos como *sexo, diferença sexual*, por insinuarem que as diferenças entre homens e mulheres se constroem a partir da divisão biológica, a reivindicação do uso de gênero se coloca na perspectiva de enfrentar estes argumentos biologicistas. O que busca evidenciar-se com gênero é o *caráter fundamentalmente social das distinções fundadas sobre o sexo* (Scott, 1990, p.5). Por outro lado, a expressão gênero enfatiza um aspecto relacional, que Lopes acena na citação referida anteriormente. Diz que os *colégios femininos "... são também o depositário da mentalidade religiosa e masculina..."* Isto pressupõe que o estudo de um sexo, indica o estudo do outro. Ao estudar sobre mulher se faz presente o homem e vice-versa.

"Este uso rejeita a validade interpretativa da idéia de esferas separadas, e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que numa esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo... Além disso, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos... É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres" (Scott, 1990, p. 7).

Os debates sobre o que é determinante no comportamento humano, ou entre um pólo (o biológico) e outro (cultural), desenvolveram-se sobre uma constatação universal: a subordinação da mulher em diversas culturas (Lamas, 1986). O gênero se coloca aí como uma nova maneira de abordar velhos problemas e dar um novo sentido a um objeto de estudo que já estava presente nos meios institucionais: a mulher (Franchetto et alli, 1980).

A complexidade que vai matizando os estudos sobre a mulher traz junto novos desafios teóricos: "o gênero como categoria útil de análise" (Scott, 1990), junto com outros conceitos como classe social e raça.

No esforço de potencializar o gênero como categoria, Scott propõe sua definição a partir de duas proposições: "o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos. O gênero é o primeiro modo de dar significado às relações de poder" (Scott, 1990, p.14).

Junto com este núcleo central de proposta, há também quatro elementos que se articulam e operam um em relação ao

outro. Estes elementos se referem à primeira proposição do seu conceito.

Primeiramente, são "os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com frequência contraditória)" (Scott, 1990, p.14). Neste caso seria interessante observar o momento, o contexto em que são invocadas estas construções simbólicas.

Cita como um dos exemplos, Eva e Maria (símbolos da tradição cristã do Ocidente). Estes também são os símbolos utilizados no texto religioso frequentemente referidos no presente estudo. Neste texto esta simbologia é explicitamente revigorada com a intenção de se opor ao feminismo (inspirado no marxismo e no existencialismo). Contrapõe a este o feminismo cristão.

"Eva e Maria são dois protótipos eternos da falsa e da verdadeira promoção feminina." (Margerie, B., s.j., 1968, p.9).

A primeira, querendo obter a imortalidade e a ciência do bem e do mal, nega a Deus e se torna escrava do demônio ou falsamente emancipada.

A segunda, Maria, é a reparadora deste pecado da primeira mulher, e representa a divinização feminina (Margerie, B., s.j., 1968).

Divindade ou objeto, as opções colocadas estão apoiadas nos símbolos ocidentais cristãos (Eva e Maria). Em momentos diferentes Satã perturba a mulher, a velha Eva pode sobrevir mesmo com o batismo da segunda Eva. A mulher agente de Satã

é uma acusação que data de longe, segundo Delumeau, no seu trabalho sobre História do Medo no Ocidente:

"Mal magnífico, prazer funesto, venenosa e enganadora, a mulher foi acusada pelo outro sexo de ter introduzido na terra o pecado, a desgraça e a morte. Pandora grega ou Eva judaica, ela cometeu a falta original ao abrir a urna que continha todos os males ou ao comer o fruto proibido" (Delumeau, 1989, p.314).

Segundo este autor, o medo da mulher (ele analisa particularmente os séculos XIV - XVII) não é uma invenção dos cristãos, porém pelo próprio contexto cultural em que o cristianismo se difundiu, este integrou o antifeminismo da época em que a mulher era vista como demoníaca. Contrariou a pregação do Evangelho sobre a igualdade entre o homem e a mulher (Delumeau, 1989).

Por outro lado, junto com estas acusações, Delumeau mostra a veneração feminina.

"Da idade da pedra... até a época Romântica a mulher foi, de uma certa maneira exaltada. De início deusa da fecundidade, 'mãe dos seios fiéis', e imagem da natureza inesgotável, torna-se com Atenas a divina sabedoria, com a Virgem Maria o canal de toda a graça e o sorriso da bondade suprema..." (Delumeau, 1989, p.310).

Estes sentimentos opostos, que oscilam da atração à repulsão, da admiração à hostilidade exprimiram-se algumas vezes, alternadamente (o judaísmo bíblico e o classismo grego são exemplos deste caso). Porém na tentativa de unicidade, os estereótipos explicativos da exclusão das mulheres do espaço público, apoiam-se, conforme a época, em diferentes ciências.

No séc. XIX os argumentos biológicos forneceram os argumentos contra a emancipação da mulher (baseados na medicina e biologia).

"É um discurso naturalista, que insiste na existência de duas 'espécies' com qualidades e aptidões particulares. Aos homens, o cérebro (muito mais importante que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. Às mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos" (Perrot, 1988, p.177).

Os argumentos que justificam a diferença entre homens e mulheres no séc. XX, mudam do biológico para o psicológico. As diferenças aí passam a ser relativas ao temperamento, caráter. Justifica-se, a partir do psicológico, a docilidade, a submissão, a dependência das mulheres, e aos homens atribui-se a agressividade, a independência (Louro, 1987).

Estes estereótipos, apesar de serem a posição dominante, não são um consenso e escamoteiam uma parte da verdade, negam os conflitos e confrontações que acompanham estes debates.

A pesquisa feminista contribui para mostrar a ação das mulheres ou, no dizer de Perrot, *"superar o discurso miserabilista da opressão"*, (Perrot, 1988, p.169). Peter Gay, em seu livro *a Educação dos Sentidos*, mostra os debates sobre a sexualidade da mulher na era vitoriana (Gay, 1989). Já numa realidade mais próxima, Louro (1987) avalia os papéis das mulheres numa escola de formação de professoras(es), o Instituto de Educação, mostrando que a escola, apesar de reproduzir os valores tradicionais das mulheres, também se constitui num

espaço de resistência ã estes valores.

Ao historiador cabe elucidar as circunstâncias dos debates que estão presentes nas doutrinas religiosas, nas concepções educacionais etc... rompendo com o caráter de aparente imobilidade na representação do gênero.

Este aspecto tem a ver com o 2º elemento proposto por Joan Scott: *"os conceitos normativos que põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que se esforçam para limitar e conter suas possibilidades metafóricas"* (Scott, 1990, p.14). São conceitos que limitam o sentido do masculino e do feminino, como expõe no exemplo abaixo:

"os grupos fundamentalistas atuais que quise ram ligar necessariamente suas práticas à restauração do papel 'tradicional' das mulheres, supostamente mais autêntico, enquanto que na realidade há poucos antecedentes históricos que testemunham a realização inconteste de um tal papel" (Scott, 1990, p.15).

Pensando na escola estudada, em particular, observo que provávelmente o método usado para exorcizar o lado obscuro (mas também presente) da mulher nos termos que a Igreja coloca...

"A moça moderna não deixa de ser filha de Eva e mesmo as águas do batismo não destroem as concupsciências dos olhos e dos sentidos, orgulho da vida, que nasceram do pecado de Adão, instigado por Eva, e conduzem às vezes a Eva batizada ao pecado atual" (Margiere, B., s.j., 1968, p. 11).

Dã-se com a construção de uma formação que eu chamo de permanente, ou seja, além de instruir, o objetivo é formar

peessoas com determinados princípios de caráter, temperamento. Isto se explica quando as entrevistadas comparam as diferenças entre escola pública e particular:

"...As escolas confessionais... têm religião, psicologia. Quando podem têm filosofia... Então, que tipo de alunas saem das escolas confessionais? Qual a diferença dos alunos que saem da escola estadual, da escola leiga?... Existe muita diferença! A escola confessional tem uma filosofia bem mais determinada do que a escola estadual. A escola confessional tem uma religião... Na escola estadual, o que se vê, muitas vezes, é uma frieza em todo o sentido. A própria apresentação da escola. Entra numa e noutra e sentes o ambiente, que é diferente. Não é aquele ambiente austero da escola confessional. Porque a escola pública não é de ninguém... Não existe preocupação com a pessoa, com a educação integral... O mesmo professor que trabalha na escola estadual, trabalha aqui. Mas ele aqui parece que se torna mais humano. Ele entra numa filosofia diferente..." (depoente da década de 60).

"na escola particular se acentua a necessidade do desenvolvimento integral. Se tu conseguires te desenvolver tu tens isso em qualquer lugar que fores. Então, é estimulada a importância de tu te descobrires para saber onde que queres chegar..." (depoente da década de 50).

"... a parte técnica e dos conteúdos até se pode ler, não é tão difícil de se aprender. Elas tem certa importância em função dos vestibulares. Mas esta parte humana, para nós, é fundamental, porque a humana é cristã... E se alguém ainda procura a escola particular eu acredito que seja por causa destes valores humanos e cristãos..." (depoente da década de 70).

O que se explicita nestes depoimentos é que o eixo fundamental da educação nesta escola é a religião. A parte relativa dos conteúdos é secundária em relação a parte formativa.

Esta formação permanente, a que me refiro, numa escola feminina toma determinados contornos. Vai se tecendo uma formação em que, apesar das inovações, da *evolução* em termos de matéria e metodologia de ensino, há algo que se mantém e resiste (chamo a atenção que os depoimentos assemelham-se em diversas décadas). A educação da mulher se sobrepõe à formação da professora. E isto é feito obviamente, a partir de matrizes religiosas, reproduzindo junto uma moral cristã.

Concordo com Lopes quando diz:

"trata-se da transmissão de uma moral familiar na qual o ensinamento religioso ocupa um lugar fundamental. Evidentemente em um tipo de educação como essa predomina a formação de caráter, do coração, da consciência, em detrimento da formação intelectual..." (Lopes, 1990, p.10).

O que até este momento tenho buscado evidenciar é a afirmação que fiz inicialmente, quando apresento esta escola como um dos locais privilegiados na construção do gênero. Isto remete ao que Scott (1990) sugere no seu trabalho, quando afirma que o gênero também se constrói a partir de transformações políticas e sociais (e não apenas reduzido ao parentesco).

"Este tipo de análise deve incluir uma noção de política bem como uma referência às instituições e à organização social - este é o terceiro aspecto das relações de gênero" (Scott, 1990, p.11).

Esta visão relaciona a categoria gênero com vários processos da sociedade moderna: mercado de trabalho, educação e

sistema político.

Lembro ainda que a categoria gênero não tem sido incorporada nos estudos sobre educação e isso tem impedido de abrir novas perspectivas para se compreender a educação, na o pinião de Bruschini e Amado:

"... aqueles que analisam as questões educacionais do país, de modo geral, parecem ser relutantes, avessos ou simplesmente desconhecem a contribuição dos estudos sobre mulher para o avanço do conhecimento em sua própria área de estudos. Assim, a análise de temas como a formação do magistério, escolha vocacional, interação professora-aluno, para citar apenas alguns, continua sendo reproduzida sem que a questão das relações de gênero — cuja importância no campo da Educação é tão evidente — seja percebida e muito menos incorporada" (Bruschini e Amado, 1988, p.11).

Nesta teia que vai se tecendo chega-se a identidade subjetiva, ou às formas como se constroem homens e mulheres, historicamente, nas relações com as organizações e representações sociais.

Scott também evidencia a reciprocidade na construção das significações de gênero e poder. O significado que o poder assume reforça literalmente ou análogamente a dimensão de igualdade ou desigualdade de homens e mulheres.

"Estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social. Na medida em que estas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou um acesso diferencial às fontes materiais e simbólicas) o gênero torna-se envolvido na concepção e construção do poder em si mesmo" (Scott, 1990, p. 16).

Como posso observar a construção e consolidação do poder (religioso) nesta escola? É interessante notar que um dos critérios a ser levado em conta para julgar a eficácia desta educação, é através do número de catequistas e de freiras que saem das instituições católicas, segundo Margiere, B. (1968).

Neste sentido, o objetivo da educação das moças não é atingir um grau de virtude qualquer, mas a perfeição, é realizar uma *santidade feminina*.

No caso específico desta escola, não acredito que buscasse primeiramente vocações religiosas. Os colégios, asilos e hospitais são captadores de recursos, e a busca de novas vocações têm se dado em regiões mais afastadas dos grandes centros, como por exemplo, o Nordeste e o Centro-Oeste (Grossi, 1990).

Mas certamente buscava-se nesta escola uma conversão ao catolicismo, ou seu fortalecimento, o que fica evidente em várias passagens do Jornal das normalistas, inclusive no objetivo da criação do próprio jornal. O primeiro número já anuncia este objetivo na sua apresentação:

"... Defendendo o nosso ideal católico e as nossas aspirações de patriotismo são, esperamos de cada amigo desta escola um gesto de apoio e solidariedade para que esta obra continue sem tropeços na ação que pretende realizar" (Apresentação, Ibagê, set.1945, p.1).

São formas de vivenciar de um modo orgânico a doutrina da Igreja sobre o papel da mulher.

Outras recomendações que são feitas vão no sentido de as moças terem contato com textos sagrados. Nestes incluem-se a vida das santas, cuja mensagem transmitida é a santidade obtida somente através do absoluto sofrimento e sacrifício.

A vida da fundadora* da Ordem à que pertencem as Irmãs desta escola já é um exemplo desta abnegação e entrega total em nome de uma recompensa espiritual. A forma como é apresentada a vida das madres contém tons semelhantes de sacrifício sem recompensas terrenas:

"... Madre A., com seu dinamismo e alegria, levantou o colégio Espírito Santo. Permaneceu na direção durante 12 anos, cheios de sacrifícios e abnegação... foi substituída por Madre H. que com sua amabilidade e entusiasmo continuou com bastante dinamismo, a obra iniciada por sua antecessora... foi substituída no cargo pela Madre A. que com zelo incansável e verdadeiro espírito de abnegação, tudo sacrificava em favor da comunidade das Irmãs e do colégio..." (Madres do Colégio Espírito Santo desde a fundação: 1905 - 1975).

E assim sucessivamente. O tom da apresentação permanece o mesmo, vinculando prazer ao sacrifício, nas santas ou nas representantes destas (as Madres e Irmãs) que as alunas devem se espelhar e a quem devem tratar de imitar.

Vemos que a representação do feminino é colocada pela

* Os históricos referentes a vida e obra da fundadora da Congregação (Catarina Daemen) referem-se a uma trajetória com muitos sofrimentos, dificuldades. Porém, junto com isso uma força e abnegação sem limites. Obviamente, estas descrições são feitas numa linguagem religiosa.

Igreja (como aponta o texto do Pe. Margiere) fora do âmbito humano e histórico, fazendo parte da ordem divina, como uma espécie de compensação para a exclusão das mulheres do social e do histórico.

Estas são pistas do imaginário sobre a identidade de mulher que circulava nesta escola, no recorte feito por este estudo. A partir destas pistas e dos apoios teóricos mencionados aqui, é possível observar a escola mais no seu interior, desvelando em seu cotidiano, quais estratégias que utilizou no sentido de construir uma mulher que independente das opções de vida conservasse os conhecimentos e a leitura de mundo a partir de uma ética cristã (católica).

ALÉM DOS CONTEÚDOS

Para apresentar um cotidiano específico da formação feminina, começo por olhar o local onde se concretiza: o interior de uma escola normal religiosa.

Acredito, como Cunha e Leal (1990), que o ambiente do colégio já expressa alguns valores. A descrição do local escolhido remete a um lugar que busca se preservar das perturbações externas, "*... em um dos pontos mais salubres e agradáveis da cidade. O local é saudável, sem poeira excessiva e preenche todos os requisitos exigidos pela higiene.*" (Histórico escolar sobre a ENES (mimeo)).

Quanto ao aspecto físico é marca registrada desta congregação e de outras de origem germânica a limpeza e a organização. Desde sua chegada ao Brasil e ainda hoje na escola (isto pude testemunhar), é visível esta organização. Isto também faz parte das exigências às alunas, que devem apresentar o seu vestuário, os seus livros e objetos escolares e os pertinentes à escola com o *máximo asseio*.

Com semelhanças ao trabalho de Cunha e Leal (1990), o *uso educativo do espaço* também nesta escola se assemelha a

um clima familiar, onde os termos *fraternidade*, *grande família*, *segundo lar*, aparecem tanto nos documentos como nos depoimentos recolhidos, "... a escola tem uma linha muito boa. É fraterna... vê o lado humano...".

É interessante observar a percepção das alunas quando se referem à escola, como deixa entrever algumas passagens dos jornais: "... Órgão representativo da ENES, falará a todos sobre as atividades diárias que se desenvolvem nas altas paredes do nosso educandário." (Apresentação, Ibagé, set., 1945, p. 1).

"Esse poder da lembrança nós o teremos, quando nossas professoras de 1946 partirem. Essa saudade elas carregarão na bagagem de suas reminiscências, quando enfrentarem a vida real entre as flores do jardim de seus lares ou entre a algazarra e a balbúcie de seus primeiros alunos numa escola de campanha..."

"... Vós estais habituadas à luz. Não sois como os encarcerados nos cubículos escuros que não podem encarar o brilho do sol. Nossa escola tem janelas amplas e o sol que por elas entra é o mesmo sol que aquece as árvores de nossas alamedas. A vida é bela, quando há paz de espírito. Levai convosco a paz de nossa capela e sereis felizes..." (Despedida, Ibagé, novembro de 1946, p.2).

Este templo do saber como se refere em outras passagens é apresentado como um local não só isento de ruídos da vida externa, mas também isento de outras perturbações. Estas perturbações são na verdade as mesmas das quais as mulheres devem isentar os seus queridos, construindo seus lares como lugares inquebrantáveis da vida real. A escola aparece como um local onde foi possível construir este modelo de

lar, através de suas *altas paredes* que protegem dos vícios e suas *janelas amplas* que permitem entrar apenas e que é claro e límpido junto com o clima de *fraternidade* e de *máximo asseio*, reconstrói um exemplo de perfeição digno de ser imitado, *entre as flores do jardim de seus lares ou entre a algazarra e a balbúcia de seus primeiros alunos.*

Junto com esta idéia de que a escola é uma espécie de *santuário* se construiu ao longo de sua existência na comunidade a imagem de uma escola com status de *boa educação, bons professores*, com tradição no ensino.

"... Elas estavam sempre preocupadas em melhorar a qualidade do ensino..." "O ES acompanhava tudo o que o Estado a dotava de novo..." (depoente da década de 60). "Tínhamos uma tradição de trabalho pedagógico na área do ensino normal." (depoente da década de 50).

Tais características, segundo uma das suas diretoras, tem sido um dos motivos que levaram a sua clientela em vários momentos a buscar esta instituição.

"... em outras épocas a vô, a mãe, estudou... e acreditam numa maior eficiência. Há uma preocupação. Se falta um professor, já se substitui. Se evita ao máximo que não haja aula, ao passo que no Estado, não é assim..." (depoente da década de 60).

Chamo atenção que esta depoente também afirma que os valores humanos é que são fundamentais e que acredita que a busca por esta escola talvez também seja por causa destes valores cristãos.

Aceno aqui com a apresentação da escola, uma tensão entre suas características técnicas e/ou religiosas que vão estar presente em outros momentos. A escola buscava inovações era atualizada, e quanto a este aspecto ressaltou uma dependente de muita expressividade na instituição e que em vários momentos se contrapõe ao ensino proposto pela escola. No depoimento desta professora, ela não deixou dúvidas sobre sua própria qualificação, foi o que mais registrou. Tem um longo currículo de cursos feitos no centro do país com educadores de renome na época (Década de 40) como Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira para citar alguns. E foi esta bagagem intelectual que norteou seu trabalho, e fez também com que o panorama educacional da escola ES fosse bastante influenciado pela sua presença, principalmente o curso de formação de professoras, como ela mesma explicita:

"Quando chegue aqui, a professora de Didática era uma professora que tinha o curso, mas não de Faculdade, e não podia comparar com o preparo que eu trazia do curso. Aí eu achei que o aluno merecia, que ele recebesse o que eu tinha trazido, oportunizando ao aluno uma cultura pedagógica mais profunda, mais séria, porque estão acostumados a notas altas, com único texto de didática. E isso para mim era um verdadeiro absurdo..."

"Mas voltando a Bagé, foi aquele choque. As notas caíram. As alunas tinham que estudar muito mais. Eu exigia muito mais. Mas eu pensava que o negócio era não ceder ou eu baixava ou elas subiam. E o melhor seria fazê-los subir..." (depoente da década de 50).

Eu registro a influência desta professora não só pelo seu depoimento, mas também nos documentos escolares. Nas atas de formatura (década de 50) sua presença como paraninfa

é constante. Também é registrada no *Jornal da Normalista*, com a seguinte nota da secção do III Normal intitulada *Você Notou*: "*Que a turma está excessivamente exuberante e entusiasmada com relação aos planos de Didática...*" (*Você Notou*, III Normal, jornal *Normalista*, mar/abr. 1955, p.4).

Outra iniciativa desta professora é a criação de uma biblioteca homenageando Irmã Estefânia que, segundo a depoente, era uma professora de ótimo nível, preocupada com a qualidade do ensino das normalistas.

Portanto, o discurso religioso não é privilégio das religiosas e nem o técnico exclusividade dos leigos, são discursos que circulam na escola como um todo. A tendência a assimilar as idéias pedagógicas do escolanovismo já estão presentes no ensino religioso através de correntes mais espiritualistas (Ghiraldelli, 1986). Esta tendência na escola se evidenciará cada vez mais nos anos posteriores através da preocupação com materiais e atividades indicados pelos técnicos em educação (laboratórios, pesquisas, excursões, etc.).

Quanto às normalistas, a preocupação com a sua profissionalização parece estar mais presente neste momento. Os seus jornais diferem um pouco dos da década de 40 quanto a esta característica, há várias notas que falam a respeito do ensino, da importância da profissionalização, que pode estar relacionado com um maior acesso da mulher aos cursos superiores que ocorrem na década de 50 (Bruschini e Amado, T. 1988). Curiosamente, junto com estas referências profissionais convive também uma exaltação à beleza feminina e às técnicas de

conquista. Este quadro no qual acrescenta-se um ideal de mulher atuante, não deixa de preservar as *qualidades* ditas femininas, revelando o ideário da década de 50.

O aparecimento da fotonovela traz fortes traços românticos, ao mesmo tempo que trata da vida urbana e da mulher trabalhadora, exalta a idéia de que a felicidade está no amor, e que a mulher se realiza no lar com o marido e os filhos (Buitoni, 1981).

Esta dupla exigência é flagrante nesta década através dos jornais escolares, principalmente nas seções criadas pelas normalistas. São seções hilariantes que põem à mostra a face mais *divertida* das adolescentes. Uma dessas seções é chamada *loja do II B* onde se põe em liquidação o que as garotas podem oferecer ao público, e entre estas estão as seguintes:

"Um bellissimo par de brincos feitos dos pegas-rapazes da L.M.

Um quadro com o esboço da lua onde viaja o pensamento da S.R.

Potes com experiênciã profissional oferecida pela professora M.P.

No caso de você não se interessar pelo objeto acima mencionado, hã outro com experiênciã de boa mãe, oferecido esse por M.V.

Hã ainda segredos do coração carinhosamente escondidos numa bolsinha inseparãvel de R.G.

Um volume tão ricamente encadernado quanto sabiamente escritos e que trata da 'Arte de Saltar Janelas' de autoria da pacata V.D.

Um romântico chaveiro enfeitado com o retrato de um rapaz, doado por S.G.

O crãneo luminoso em forma de lâmpada, ideal para mesa de estudos.

A perspectiva de uma aliança de propriedade de M.S....

Um imenso compêndio de pesquisas didáticas, incansavelmente trabalhado por T.D..." (Loja do II B, jornal Normalista, maio/jun. 1955, p. 7).

Os jornais das normalistas apresentam-se recheados com estas duas perspectivas (profissionais e românticas) e também com diversas alusões a concursos de beleza, entrevistas com Miss, refletindo a apologia ao atributo de beleza e juventude. (Buitoni, 1981).

"É certo que não se pode dizer que NADA mudou. Mas pode-se dizer TUDO mudou?" (Lopes, E., 1990, p.14).

Quero destacar que apesar das alunas refletirem o ideário a nível mais geral, convive junto valores que passam do campo religioso para o discurso escolar.

"Não se diz a mesma coisa, não se diz por causa das mesmas coisas, não se diz do mesmo lugar e época, não se diz às mesmas pessoas. Mas alguma coisa insiste." (Lopes E., 1990, p.14).

Esta insistência talvez se construa com simbologias como *sagrado, claro*, (em oposição à profano, à escuridão) que não dão espaços para ambigüidades nem contradições. Imagens que são colocadas na escola e também nas religiosas (principalmente as mães). As alunas a descrevem acima do papel histórico e social da mulher.

"Que o nosso olhar esqueça a materialidade e repouse um momento nessas figuras esguias que atravessam silenciosas os corredores luminosos desse educandário. Repousemos nosso olhar nessas mãos brancas que ofuscam na verdadeira beleza de seus dedos despídos de anéis que

se erguem diariamente para a consolação e para a prece... Encarnação perfeita da Diretora de um estabelecimento de ensino, Madre Elenara sempre esteve à altura de todas as situações. Bondosa sem negligência, ela foi uma batalhadora pelo bem da disciplina..." (Madre Elenara, Ibagé, jul, 1946, p.2).

"Madre Lourdes!"

"Quando após seis meses de emocionante despedida de nossa estimada Madre Elenara, dávamos adeus também à sua digna substituta, a boa Madre Hertulana, e partíamos para as almeçadas férias, não sabíamos a quem haveria de escolher a Divina Providência para continuar a tarefa das profectas antecessoras. Angustiante expectativa! Seria verdade, uma outra Filha de São Francisco, animada dos mesmos ideais de sede das almas e ambição pelo reino de Cristo. Mas, não a conhecíamos.

Hoje vos conhecemos. O sorriso franco e acariciador com que os recebeste, achou reflexo em nosso semblantes ... e estamos alegres... Digníssima continuadora da árdua tarefa de zelosas Apóstolas, podeis contar com a vitória e esta será certa, pois no campo de Deus, o trabalhar já é avançar... E nos rendemos graças aos céus, ao pronunciarmos novamente jubilosas - Temos Madre!" (Madre Lourdes, Ibagé, abr, 1947, p.2).

A relação de glorificação com as religiosas é tão presente, que, uma troca de dirigentes, não deve importar quem venha. A angustiante expectativa cede rapidamente lugar para a certeza de que este alguém que vem luta por fortes ideais, pelo Reino de Cristo. Não deixa espaço para o conflito, pois elimina o que é imprevisível, que faz parte da vida dos mortais. A construção desta relação se dá colocando nesta representante da Divina Providência, alguém capaz de suprir as necessidades das alunas, Temos Madre, na forma de

uma Mãe espiritual, e ocultando suas origens, pois é filha de São Francisco.*

Aqui poderia se objetar que estes jornais tinham a tutela e o controle por parte da Direção da escola e disto eu não tenho dúvidas, transparece na linguagem rebuscada das alunas quando se referem às religiosas. É uma linguagem diferente, inclusive dentro do mesmo jornal, quando se referem a outros assuntos. Porém, concordo com Lopes (1987) que, abordando o mesmo material (Jornal *O Providência*), optou pela posição de que o discurso alunal ou professoral é fruto de uma relação e não um discurso genuinamente de um ou de outro lado. E principalmente nesta escola onde a relação das alunas com as professoras é visceral.**

A relação entre as professoras(es) e alunas é perpassada pela afetividade e confidências, o que faz com que as depoentes sintam-se responsáveis com esta relação:

"... Elas te cobram. Elas querem respostas. Elas te procuram como confidentes, porque elas acham que tu tens todas as respostas para todos os problemas delas. Elas te colocam uma figura de mãe mais compreensiva..." (depoente da década de 70).

-
- * Este sentimento de orfandade provisória sentida pelas alunas deste educandário, não deixa de ser um exemplo do que ocorre quando da escolha do Papa. Até o momento da escolha o sentimento dos católicos é de abandono como se estivesse faltando-lhes um protetor, o pai.
- ** A forte relação entre professoras e alunas não é exclusividade desta escola. Também é apontado por Cunha e Leal (1990) num estudo sobre uma escola religiosa feminina do Estado de Santa Catarina (trabalho já citado anteriormente).

"... para tu veres o grau de intimidade a que se chegava: professora, se a gente beija, a gente fica grávida? Se a gente dançar com um rapaz a gente fica grávida?..." (depoente da década de 60).

Estes depoimentos, como outros, colocam em evidência o que a Diretora da Escola expressa em sua entrevista, quando afirma que o principal aspecto do currículo é o relaciona-
mento.

Uma das depoentes (professora), comentando sobre o seu pa-
pel de confidente, afirma que talvez ela representasse para as alunas uma pessoa diferente, pois, segundo ela, tinha um comportamento e uma postura independente como mulher e que talvez isto tenha criado um relacionamento *gostoso* com as alunas.

Provavelmente isto fazia com que as alunas tivessem as professoras leigas como modelos diferenciados das religiosas, pelo menos num nível mais real e concreto da história social da mulher. Esta situação parece-me que se evidencia especial-
mente com professoras das áreas humanas (universo dos depoi-
mentos), e é justamente esta área que importa mais numa esco-
la onde se tenta construir e aprimorar valores permanentes.

Por outro lado, o papel destas professoras como *confi-
dentes*, está carregado com características maternas; "...
uma figura de mãe mais compreensiva...", como afirmou uma das
depoentes. Esta visão maternal do magistério impregnou-se nos
discursos sobre educação, relacionando o trabalho de profes-
sora como extensão do lar. Conforme Louro (1989), mesmo com
o advento de teorias pedagógicas modernas (como o escolano-

vismo) que proporcionaram um *status* profissional ao magistério, as características como doação, dedicação e amor foram enfatizadas para o exercício da profissão. Neste sentido, quando falo sobre outros modelos femininos diferentes das religiosas, faço-o com reservas, em função de que estes modelos expressam a reprodução dos estereótipos históricos do papel da mulher. Conforme diz Apple:

"... As professoras e os professores devem preocupar-se com a segurança emocional e o sentimento de seus alunos... elas o fazem às expensas de restabelecimentos de categorias que parcialmente reproduzem outras divisões que historicamente têm brotado das relações patriarcais." (Apple, 1987, p.12).

O objetivo da educação formativa justifica-se em função do seu público ser composto de adolescentes. A visão da adolescência é a de uma fase de muitas dúvidas, e da formação do caráter e busca de autoconhecimento. Aqui posso fazer ligações diretas entre o que as depoentes expressam e a idéia que o texto religioso também traz a este respeito.

Em geral as professoras colocam:

"... é preciso tu conheceres um pouquinho a ti mesmo. Acho fundamental para elas mesmas. Como mãe, como professor." (depoente da década de 60).

"Então, ainda não tem estabilidade, falta auto-afirmação..." (depoente da década de 70).

"... porque geralmente os adolescentes gostam de se conhecer..." (depoente da década de 60).

"... são tantos os problemas. Principalmente para quem trabalha com adolescentes. Eles se apoiam em ti..." (depoente da década de 70).

ou como o texto religioso justifica a educação nesta fase:

"... dando às adolescentes equilíbrio e maturidade, prevenindo muitos problemas afetivos inerentes a esta idade difícil e desenvolvendo nelas o sentido altruista". (Margiere, B., s.j., 1968, p.24).

"... A juventude gosta de heróis e de heroínas. Às vedetas, devemos opor às santas que poderíamos chamar as vedetas de Cristo e de sua igreja. Nenhuma pedagogia feminina será completa senão fornecer ocasiões concretas de contactos íntimos com as vidas, as obras, as façanhas das santas". (Margerie, B., s.j., 1968, p.29).

Mesmo com discursos diferenciados, uns com aspectos mais religiosos e outros com aspectos mais psicológicos, a idéia é de que as alunas estão na escola para plasmar o seu caráter, o que num discurso religioso aparece como valores cristãos, e num discurso mais psicológico aparece com conhecer-se a si mesmo.

São depoimentos que encontram sustentação em livros (manuais) usados pelas normalistas. Retiro aqui pequenos trechos, de um autor citado por praticamente todas as depoentes: Theobaldo Miranda Santos, que possui livros em várias áreas da educação e entre elas, na psicologia educacional.

"O adolescente necessita que o tomem a sério, que o respeitem, que o tratem como adulto... Nêle se afirmam impulsos de independência... Daí orientar suas ações por imitação de modelos ideais... geralmente personagens de novelas, artistas... ..A organização da personalidade e o desenvolvimento espiritual permitem ao adolescente compreender e viver os valores morais, religiosos, estéticos... (p.297) Toda a educação moral se baseia na formação do caráter cuja elevação, estabilidade e harmonia dependem intimamente da força das convicções e da firmeza da vontade..." (Santos, T.M., 1969, p.304).

"... No rapaz o sentimento pessoal se revela, sobretudo, pelas tendências de expansão... Na mocinha, ao contrário... uma tendência a se exprimir através do recolhimento e da inibição... acostuma-se a moderar sua expressividade... manifesta, quase sempre, amor à ordem e a conservação..." (Santos, T.M., 1969, p.300).

Estes trechos são recolhidos da parte que descrevem a personalidade do adolescente. É um autor representativo do que ocorre na escola, aborda uma determinada ciência (no caso, a psicologia) a partir da visão da doutrina católica.

Assim, no ES, o *feminismo cristão* foi colocado às adolescentes através das descrições religiosas (santas, mães, etc) mas também através das áreas humanas. Lado a lado, convivem a psicologia e a religião, contribuindo na educação formativa das jovens mulheres. A vertente religiosa através de cerimônias e atividades de cunho religioso que preenchem o dia-a-dia da escola neste período que analiso. Já a vertente psicológica expressou-se na sala de aula principalmente através de temas a respeito da *personalidade, do cultivo pessoal, dinâmicas*, demonstrando que a Psicologia que estava em voga naquele período na educação também esteve presente no E.S. Além disso, a presença desta matéria é um claro exemplo de como ela foi utilizada no sentido de legitimar um pensamento conservador sobre a mulher.

Esta preocupação com a formação religiosa e/ou psicológica tem um traço em comum, que é o conhecer-se para saber lidar com o outro, sejam os seus futuros alunos, filhos ou marido. A mulher é sempre vista em doação e nunca a partir

de si mesma, "ser você-mesma não é um processo pessoal; é um artifício para se obter a felicidade a dois... Não é Ser, mas ser para ter felicidade..." (Buitoni, 1981, p.92).

Neste sentido, o uso do conhecimento psicológico e a religião convivem sem conflitos, pois apesar do viés diferente apontam para o mesmo fim. Algumas depoentes religiosas afirmam que a psicologia lhes ajudou a ter maior controle na escola, pois passavam a ter conhecimentos para lidar com as professoras(es) e alunas. Óbvio que aqui está se lidando com uma vulgarização da psicologia, onde a concepção de ciência psicológica envolve a todo e qualquer ato da pessoa humana. Mas também evidencia, o uso de alguns conceitos científicos para fazer valerem idéias de cunho religioso. Esta tendência é presente no método proposto por João XXIII: Ver, julgar, agir (Margiere, 1968). Este método consiste, no caso da educação feminina, unir os aspectos morais a elementos baseados na história, na psicologia etc., que permitam às jovens alunas: "a ver a condição da mulher no decorrer dos séculos e hoje, a julgar é luz da razão e da fé, e a agir para incentivar e apressar sempre mais a promoção das suas irmãs..." (Margiere, B., s.j., 1968, p.25).

Elementos de história, sociologia, psicologia são usados tendenciosamente, e em geral de forma vaga para apoiar os comportamentos formativos da educação feminina, emprestando-lhes um caráter científico, portanto carregando-lhes de legitimidade. Em vários momentos o texto religioso (Margiere, 1968) utiliza-se de declarações como:

"... o fato foi constatado por psicólogos e médicos..." (Margerie, B., s.j., 1968, p.1).

"... Dã a falência terapêutica de muitos psicólogos, que desprezam ou negam esta relação pessoal. O problema social da mulher é condicionado por um problema de formação religiosa" (Margerie, B., s.j., 1968, p.27).

"... Vários sociólogos sugerem que seja retribuído pela comunidade o trabalho doméstico da mãe de família..." (Margerie, B., s.j., 1968, p.6).

Este apoio numa ciência imprecisa também é utilizado em outras situações na escola:

"... nós desenvolvemos no ensino religioso, que a gente mistura bastante, até, com psicologia, conforme a necessidade..." (depoente da década de 60).

"... e muitas pessoas têm verificado que as pessoas que mais tem problemas são os adolescentes..." (depoente da década de 50).

Estes empréstimos das diversas ciências para o desenvolvimento das idéias religiosas na formação das jovens mulheres pode ser melhor compreendido desde uma perspectiva da psicopedagogia (Fernandez, 1987). Estas citações, tanto do texto religioso como nos depoimentos, além de não determinarem as fontes, não revelam como foram construídos os conhecimentos.

Fica colocado um falso conhecimento com *status* de verdade. É um conhecimento que deve vir no sentido de reforçar a visão de mundo católica. A Igreja define seu trabalho como *Magistério*,

"a ela cabe ensinar os homens a verdade que, embora revelada por Deus a todos e contida

nas letras sagradas, possui mistérios que somente ela e o seu clero, instituído por Jesus Cristo, podem compreender e ensinar, evitando que os homens deturpem o sentido mesmo das palavras divinas, estiolando não só o seu sentido, mas a sua própria eficácia". (Manoel, 1988, p., 71).

O conhecimento para a mulher dentro desta orientação, tem como direção o mundo privado, alienado do caos da vida social. Esta mulher *ilustrada* tem a função de proteger o seu lar, reforçando a doutrina católica no interior da sua família.

Sendo a escola um lugar de verdades absolutas e inquestionáveis, coloca uma interdição às jovens mulheres na busca do conhecimento. Aliás, a busca do conhecimento na tradição cristã ocidental está colocada como uma transgressão, como mostra o mito de Eva, que é expulsa do paraíso porque quis conhecer a ciência do bem e do mal (a vontade de saber).

Não só este símbolo, mas os símbolos com os quais a escola constrói o seu dia-a-dia são dicotômicos. Num lugar como essa escola onde se forma com conhecimentos absolutos, cria-se uma alienação, no sentido de não poder duvidar, de não ter lugar para o imprevisto. Esta transmissão não se dá somente através do que é dito, mas também do não dito, através das relações pedagógicas.

Acredito que é possível pensar a partir daí a despreocpação com os conteúdos "...a parte técnica e dos conteúdos... não é tão difícil de se aprender... parte humana para nós é fundamental, porque a humana é cristão..." (depoente da década de 70). Esta citação, que afirma a educação formativa das

adolescentes, acena também para a existência de um conhecimento que se origina da ordem espiritual, da *Divina Providência*. Com esta concepção posso entender a referência das alunas ao regulamento sobre a escolha da Madre que virá para a escola "...a quem haveria de escolher a *Divina Providência* ..." (Ibagé, abr., 1947, p. 2), ou como em outra passagem em que se colocam impotentes frente a este regulamento, pois é algo muito mais forte que elas:

"... os deveres de sua vida de religiosa afastam-na de nós. Nada podemos fazer porque as vozes que a chamam, são mais eloquentes que as nossas saudades. É a disciplina, é a obediência do regulamento conhecemos a força de tudo isto..." (Madre Elenara, Ibagé jul., 1946, p.1).

O que se revela é a construção do discurso religioso, onde o locutor e o ouvinte pertencem a mundos distintos, o primeiro pertencendo ao plano espiritual, (o Sujeito, Deus) e, o segundo ao plano temporal (os sujeitos, os homens) (Orlandi, 1987).

Estas citações ao mesmo tempo que aludem a presença da hierarquia religiosa no cotidiano escolar, ocultam os mecanismos de seu funcionamento. As transferências de pessoal (ou de professoras) que são determinadas pela Madre Superiora (a qual manifesta o seu poder sempre que necessário, de acordo com os interesses da congregação, ditando o lugar para onde se deslocam as irmãs (Grossi, 1990), são aqui colocadas como vindas da *Divina providência*, confundindo o regulamento com o poder divino e absoluto, não deixando espaços para o con-

flito, nem para as dúvidas.

Segundo Orlandi, (1987) está é a forma de mistificação em termos de discurso, é o *estar no lugar de* sem que o mecanismo pelo qual esta voz é representada na outra se *mostre*.

A hierarquia religiosa deve ser acima de tudo respeitada. As transferências de pessoal, que são uma das suas *conseqüências*, são muito enfatizadas pelas depoentes, particularmente pelas professoras leigas. A busca de novas professoras (es) para substituir as irmãs transferidas, algumas vezes *causavam* transtornos, que são expressados nas seguintes *passagens*:

"... Agora, há uma dificuldade muito grande. Por exemplo, eu *lecionei* sociologia aqui, *durante* uns meses. Elas me pediram e eu disse: *mas* Madre, acho sociologia uma *matéria* muito bonita... Eu gostava da *matéria*. Mas *entre* gostar e saber alguma coisa sobre ela *não* nos leva a nos *credenciarmos* e *acreditar* que *se* possa ser professor. Eu sempre digo que *é* preciso saber muito, para *ensinar* alguma *coisa*". (Depoente da década de 50).

"... Quando eu cheguei em aula, eu disse para a Madre: *durante* uns meses, *até* a *senhora* conseguir um professor, eu *fico*, mas *não* posso *ficar* com esta *cadeira* de *jeito* nenhum. *Não* me sinto a *vontade*". (Depoente da década de 60).

"... Não sei. Nem sei se soube, naquela época, quem eu estava substituindo. Agora, acho que devia ser uma professora que devia dar *várias* *matérias*, porque a *madre* esta me chamou e me ofereceu para pagar por fora, *particular*, para dar *didática*. E foi um *trabalho* para convencer a *freira* que eu *não* me animava a dar ... Eu *não* tinha *preparo* nenhum para dar." (Depoente da década de 60).

"... Eu me lembro que quando eu cheguei eu a presentei meus papéis, e disse que era formada em filosofia. Já nesse dia a Madre pediu para eu dar didática. Eu disse que o meu curso era filosofia e não pedagogia. E quando ela foi me apresentar na sala de aula, ela disse que eu era formada em pedagogia." (Depoente da década de 70).

Estas dificuldades (ou a expressão de dificuldades) não aconteciam obviamente quando se tratava de professoras religiosas, pois faz parte do regulamento a obediência à hierarquia.

"... A gente perguntava para os professores que davam a matéria antes... As professoras que davam a matéria eram irmãs, que eram transferidas e a gente tinha que substituir. Então a gente perguntava quais eram os livros que adotavam, para saber o que era mais vantajoso..." (Depoente da década de 50).

"... nós no convento, em geral, obedecemos." (Depoente da década de 50).

Se o entendimento da escola sobre o conhecimento está em um nível divino fica compreensível que não importa quem vai substituir as irmãs transferidas, "... precisava-se mais de Santos e Apóstolos do que de professoras, e mais da fé do que saber". (Lopes, E., 1987, p.30).

São afirmações que evidenciam a presença da hierarquia religiosa permeando o cotidiano escolar, contradizendo com a imagem de uma instituição competente e inovadora na área do ensino.

É curioso notar, no entanto, que as mesmas depoentes que denunciam o desleixo no contrato de professoras(es), afirmam também a competência da escola como registrei anteriormente.

Porém estas características (técnicas e/ou religiosas) não se apresentam de lados opostos, mas se relacionam e são disputadas na própria vida cotidiana desta escola. Apontam que não há um discurso puramente religioso, nem puramente técnico, eles se interrelacionam, a incorporação do técnico, permite a sobrevivência na escola de seus valores cristãos (católicos), e vice-versa. Existe uma necessidade de incorporar e ajustar à filosofia *idéias modernas* que estão em evidência no país (ressalvo que o termo "técnico" está aqui sendo usado como modernas técnicas e concepções didático-pedagógicas).

A reprodução de valores religiosos no *campo civil* foi demonstrada aqui através da obediência à hierarquia religiosa que, junto com outros valores como trabalho e santidade, faz parte da construção da *vocação religiosa* (Grossi, 1990),

A busca de santidade através do sacrifício do trabalho faz parte do cotidiano da escola. Num boletim de 1962, pode-se observar a doutrina católica sendo vivenciada de modo orgânico, através de trabalhos extra classe, colocados da seguinte maneira:

"Principais movimentos extra-comunitários com vistas à sadia ocupação das horas de lazer;

As alunas ocupam-se, nas horas de lazer, nos seguintes movimentos:

- a) catequese às crianças nos arrabaldes;
- b) visitas as residências dos pobres;
- c) confecção de enxovais para a maternidade da Santa Casa e roupa para os pobres;
- d) auxiliam os vigários na ornamentação das capelas;
- e) esportes, cinemas, leituras de jornais e revistas e livros recreativos;

- f) ensino recíproco, entre as alunas de tricot, crochê e outros trabalhos manuais;
- g) participam nas festas cívicas e religiosas;
- h) campanha de assistência social. (Boletim de estudos da ENES, 1962).

São ocupações que fazem parte das aulas de religião, onde o método utilizado é: ver, julgar e agir (Boletim da escola, 1962) (mimeo), método proposto pela Igreja como já referi. O que se pode concluir é que a utilização deste método não permite escolhas pois o que é permitido *ver* se restringe ao que passa pelos critérios religiosos e escolar (também observado na utilização dos conhecimentos científicos).

Ora, na realidade o modo que este método é utilizado serve como mecanismo de controle sobre as ocupações das horas de lazer. A mensagem que expressam estas atividades vinculam-se ao universo católico onde não há prazer sem sacrifício.

É importante notar que estas atividades religiosas ocorrem fora do tempo de aula, impõe-se um controle sobre o tempo livre e o lazer das alunas.

Porém, ser católico neste contexto também significa ser *moderno*, embora isto represente adotar novos padrões para garantir valores religiosos. Na escola, o Grêmio Estudantil teve vitalidade, embora lendo suas atas se registre a presença permanente das irmãs. O teatro, o cinema também passavam pelo gerenciamento das religiosas. As peças teatrais eram representativas da luta do bem e do mal. Os filmes eram escolhidos pelas irmãs, inclusive foi criado um cine-clube em

1960, por motivos óbvios, de que estava difícil selecionar bons filmes.

"... não basta lamentar contra os abusos do cinema, não basta censurar e proibir, mas é necessário ir mais longe, isto é promover uma legítima cultura e educação cinematográfica, que faça o espectador tomar posição consciente face ao cinema". (Didonet, H. In: O PAPA João XXIII e a cultura cinematográfica, 1959).

"... No colégio ES, há muito existia o costume de se apresentar às alunas, um filme, por semana. Verificou-se, porém que, apesar do cuidado dos Revmos. Srs. Pes. Salesianos em escolherem o filme, sempre havia alguns senões. Debatido o assunto, chegou-se a conclusão de que não bastaria apenas, suspender as projeções... mais imperiosa se tornava a necessidade de dar-se às educandas uma formação tal que estivessem aptas a assistir... de emitir um juízo crítico... aprendem a formar juízos certos sobre o aspecto moral. (CULTURA cinematográfica em Bagé, 1959).

A entrada que a escola faz na vida extra-escolar apresenta-se também quando se propõem determinadas posturas que as alunas devem apresentar, como uma forma de estar representando a escola mesmo quando estão em outros lugares. Eis algumas sugestões: "por própria iniciativa (dos alunos): oferecem hospitalidade e demonstram grande solidariedade aos alunos visitantes de outras localidades; promovem reuniões dançantes; comemoram com entusiasmo, o aniversário da Diretora da Escola, o Dia do Professor e o Dia da Criança". O que estas ações dizem em termos de conteúdo fica evidente: são ações permeadas de aspectos de devoção aos superiores, bom comportamento e cordialidade das meninas. Porém, o que quero registrar é a tentativa de controle do tempo, a vigilância

que perpassa o cotidiano escolar, sendo entendido como uma forma de relação que tenta interferir em todos os momentos da vida das alunas. Aqui pode-se recorrer às contribuições teóricas de Foucault, especialmente quando ele diz que a organização do espaço, o controle do tempo, a vigilância e um contínuo conhecimento compõem a disciplina. O poder disciplinar para Foucault apresenta-se disperso e tem como característica ser produtor de verdades.

"O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, força o saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir". (Foucault, 1986, p.8).

Estes elementos da formação não deixam nada ao acaso, preve-se todos os elementos que possam abarcar e modelar a prática escolar, mecanismos que Cunha e Leal (1990) denominam de *pedagogia total* pois todos os detalhes e aspectos estão presentes nesta formação.

"Nessa grande tradição da eminência do detalhe viriam se localizar, sem dificuldade, todas as meticulosidades da educação cristã, da pedagogia escolar ou militar... A mística do cotidiano aí se associa à disciplina do minúsculo." (Foucault, 1987, p.129).

Entendendo o detalhe como parte técnica da disciplina, isto permite integrar à análise algumas práticas cotidianas que parecem desproporcionais, como pequenas coisas comemoradas com determinado ritual.

"por gentileza da querida madre Elenara, recebemos novos bebedouros. E que lindos! Aque las doze torneirinhas niqueladas...

Antes da cerimonia inaugurativa, o garboso desfile ao compasso de 'Hino da Juv. Bras.' Logo após são escolhidas as madrinhas destinadas a patrocinar o ato..." (Recordando, Ibagê, jul., 1946, p.3).

Poderia citar centenas de outras comemorações que ocorreram na escola (formaturas, comunhões...), porém este exemplo, para mim é a representação do exagero. Concordo com Da Matta, que quando se refere aos ritos de ordem, afirma que tais solenidades talvez sejam mais legitimadoras do que comemorativas (Da Matta, 1986).

A política do detalhe também se observa na disciplina exigida, onde se revela uma rigidez que tenta controlar os atos e comportamentos das alunas dentro e fora da escola, o que deve e o que não deve fazer a normalista.

"... contribuir, pela atitude intelectual moral, social e religiosa, mantida no estabelecimento ou fora dele, para elevar, no conceito da sociedade, a escola Normal;...

... atender, pronta e cortêsmente, as ordens da Superiora, da Diretora, dos professores e seus auxiliares...

... seguir as normas da moral e dos bons costumes.

...

... Emtrar nas aulas ou delas sair em silêncio...

... Guardar silêncio nos corredores do estabelecimento. Durante os intervalos das aulas, manter-se nas respectivas salas, em atitude calma, sem expansões ruidosas...

... Comparecer à missa na primeira sexta-feira de cada mês, à procissão da festa Ss. Corpo de Deus, bem como as demais comemorações cívicas e religiosas...

... É vedado formar grupos ou promover distúrbios nos corredores e nos pátios... Conservar-se nas salas de aula ou nos corredores, durante o tempo de recreio, fumar..." (Boletim de estudos da ENES, 1962).

São alguns exemplos do que era exigido e proibido para as normalistas. É a disciplina, segundo Foucault, tornando os corpos dóceis, "métodos que permitem o controle minucioso do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade..." (Foucault, 1987, p.126).

Nesta escola existia a Ação da Juventude Católica, cujos membros eram chamados jecistas* e alunas menores faziam parte de um grupo semelhante, mas que se chamava Cruzadinhas. Estas duas associações, segundo os jornais, ganhavam novos membros a todo ano. Tinham programas de rádio, escreviam nos jornais. São grupos mensageiros da doutrina católica, como exponho abaixo:

"... a Ação Católica continuará firme, a arrastar todas as vicissitudes. Manteremos sempre acesa em vosso coração a flama do ideal que aí colocaste, quando prestamos o nosso compromisso solene a Jesus Eucarístico, diante do nosso Pastor... Levai a certeza de que vossos exemplos e ensinamentos serão adquiridos e que a vossa substituta encontrará em cada membro da Jec. do ES um soldado disciplinado, sempre a postos para o combate." (Querida Madre Elenara, Ibagé, jul., 1946, p.6).

* Chamo atenção, que as jecistas em anos posteriores significaram um movimento político dentro das escolas, segundo depoimentos da pesquisa de Louro (1987), sobre o Instituto de Educação.

"Dias antes, algumas dentre nós se tornaram Cruzadinhas e Congregadas do Menino Jesus. Como ficamos, então faceiras!

De lã de POA, a querida M. Elenara hã de saber que as pequeninas sempre estarão pondo em prática os conselhos que lhes deixou - De trabalhar muito por Jesus e assim irmos nos ensaiando para a A.C. quando formos grandes". ("Deixa vir a mim os pequeninos", Ibagê, jul., 1946, p.2).

As declarações datam da década de 40, portanto a guerra como pano de fundo aparece nas metáforas em comparação aos termos *soldado, exército, combate*.

Acredito que estas atividades presentes no cotidiano escolar se relacionam com elementos que fazem parte do universo religioso. Nesta construção estão presentes representações do sagrado (a busca de santidade) através do trabalho, do dever desvinculado do prazer. Parece-me que estas atividades, junto com outras que referi anteriormente, são de alguma maneira uma forma de associar o cotidiano à práticas sagradas. E conseqüentemente, isto relaciona-se a concepção de mulher na ótica religiosa que é apresentada através das vocações pessoal, social e maternal.

À mulher, através da construção do seu papel de mãe e professora, é dada a função de *interpretar as realidades espirituais* e não de construir autonomamente a atividade de seu pensamento, isto significa uma não apropriação do saber pela mulher, o que lhe impede de pensar para além das dualidades postas pela doutrina católica. Em lugar da autonomia, há um pedido de conversão à estas doutrinas, explicitada em alguns documentos:

"... Acuso em meu poder um exemplar do 'Ibagê', mimoso órgão ou vibrante mocidade dessa Escola Normal... Ibagê, seja pois 'forja' onde se aprimorem inteligências e se preparem os 'Soldados da Pena' para as lutas, sem cessar, em prol da renovação Cristã de nossa pobre e desnorteada sociedade moderna". (Reis, A., Mensagem honrosa, Ibagê, maio, 1947, p.1).

E este pedido parece ser aceito por parte das alunas, que corroboram no sentido de cooptar as outras colegas a participarem dos princípios religiosos desenvolvidos na escola, colocando este apelo em diversas passagens, como exemplifico:

"Lembrai-vos que ao espírito nunca se dá férias. A nossa alma vigilante e forte não conhece o descanso das horas de lazer. Aquele caminho que encontraste entre os ensinamentos da Religiosas de São Francisco, deveis palmar lá fora. Vós estais habituadas à luz. Não sois como os encarcerados nos cubículos...

Levai convosco a imagem do vosso dever e não haverá lágrimas pelo caminho". (Despedida, Ibagê, nov., 1946, p.2).

"Hoje, ainda estais aqui. Amanhã, deveis completar apenas o espetáculo de vossas responsabilidades... Perto das galerias, com livre acesso ao sol do verão, está nossa linda capela. Visitai-a porque ali se prendem as mais salutares lições de humildade e se recebe do Alto o influxo necessário a um trabalho constante e idealizador.

... Vem chegando as formosas noites em que os sinos das igrejas bimbalam qual um apelo de mãe que chama para junto de si os filhos bem amados...

As vezes, porém, parece-me que um vislumbre de mágoa empana o terno olhar de Maria. Afigura-se-me ouvir sua voz sentida dizer: porque faltam tantas as minhas festas?... e por que se mostram muitos tão descontentes na casa de meu filho?...

Mas eis que a porta do Santuário se abre, e uma legião de donzelas, vestidas de branco, cantando, levam a Excelsa Rainha, perfumadas flores...

O semblante da Mãe do Céu não é mais o mesmo. Seus olhos, antes tão tristes, agora transbordam de ternura. Seus lábios melífluos parecem balbuciar palavras maternais repletas de carinho..." (Vasconcelos, T.F., Aproximase o mês de maio, Ibagé, maio, 1947, p.2).

É necessário destacar, no entanto, que este não era o único comportamento. Em várias entrevistas apareceram depoimentos colocando a indisciplina das alunas, principalmente com relação às professoras religiosas.

"... a nossa turma era unida, divertida, mas nunca tinha chegado aquela anarquia em sala de aula, até agressiva. Comigo não, porque nos tínhamos ótimo relacionamento em sala de aula. As meninas da escola normal eram maravilhosas. Mas eu me lembro das meninas com outros professores. Um dia chegou uma freira para dar aula... E eu estava dando aula ... do lado daquela freira só faltava berrar. As meninas esperaram a freira comendo melancia e era um mar de melancia dentro da aula. A freira não conseguia entrar. Era uma coisa fantástica. E elas faziam mesmo umas brincadeiras assim. Mas comigo não." (Depoente da década de 60).

"... Agora, numa escola particular, não sei hoje, para ser bem sincera, senti muito que havia da parte das Irmãs e da própria Madre uma condescendência muito grande com os alunos de classe mais abastada. A origem do aluno tinha muita influência no tratamento que ele recebia. O aluno, então, achava: eu pago. Uma vez uma me disse: eu pago. Eu respondi: tu pagas para receberes as aulas, mas não pagas para eu suportar a tua falta de educação. Porque elas respondiam e as irmãs diziam: é filha de seu fulano.

...Havia muito isso: elas passavam a mão. Na minha sala de aula não sei nem quero saber quem são os pais. Eles são apenas meus alunos. Eu os respeito e eles também me respeitavam. Dentro da normal eu sou assim. Se a senhora não está de acordo com a minha maneira de trabalhar, eu já não entro mais na sala de aula...". (Depoente da década de 50).

As atitudes diferentes frente a inculcação que a escola promove, apontam para o dizer de Heller, quando afirma que a vida cotidiana é: *"em grande medida, heterogênea, e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividades"*. (Heller, 1989, p.18).

Exatamente por esta heterogeneidade, pelo fato de a realidade não se apresentar monolítica e homogênea é que no interior desses processos há espaço para a luta contra o poder, há resistência. Poder e resistência são entendidos como polos de uma mesma relação: *"... lá onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder."* (Foucault, 1985, p.91).

Não é possível analisar este cotidiano escolar sem olhar seu modo de funcionar, são formas que expressam valores. Independente dos rumos que as vidas destas jovens mulheres tomarem, elas serão atravessadas por esses mitos que intervirão nas suas ações.

CONCLUSÃO

Os aspectos levantados por este trabalho não são exclusividade desta escola. O estudo do cotidiano, o olhar no interior da escola, (a *caixa preta*) significa um local que pode ser comparado e discutido dentro de um contexto amplo.

Na descrição e interpretação dos pormenores que parecem significativos, foi possível captar além de especificidades, um projeto maior que estava como pano de fundo. Sendo uma escola católica é possível captar nos seus discursos uma visão de mundo segundo esta orientação, e sendo uma escola feminina o discurso religioso tomou determinado contorno e direção: o mundo privado, ou mais especificamente, a família idealizada pelo catolicismo: um modelo ocidental – cristão de família, onde a mãe tem o papel de agente *transformador*.

A formação da mulher para este lugar leva a algumas considerações. A escola como um local onde são depositados valores religiosos. Valores estes que se apresentam nos discursos tanto quando as mulheres se referem a vida privada como quando abordam sua vida profissional.

Impressões de uma professora:

"A manhã era fria, quieta, silenciosa. Na estrada solitária, a lama preta, fôfa, abafava o rumor dos passos.

Uma carreta passou, conduzindo crianças bem loiras, as faces coradas pelo frio cortante, sentadas num monte de palhas secas...

... Quando cheguei ao Grupo, as crianças espalhadas pelo jardimzinho bem cuidado, segredavam a novidade, e olhinhos tímidos...

... Depois ... depois ... tudo ficou fácil! Descobrir a sinceridade, a inocência, a dedicação daquelas alminhas, foi a coisa mais maravilhosa que me aconteceu!

Um santinho, uma caixinha de lápis para colorir, uma medalhinha, tudo era motivo de felicidade para eles... Às vezes, caminhando sob a chuva fria, fininha que cortava o rosto, com as botas pesadas de lama, eu pensava com desilusão, com cansaço já: 'não vale a pena...' Chegava ao Grupo, e a minha turminha já na sala de aula por causa do frio, me esperava em discreta algazarra.

Via muitos pésinhos descalços, roxos, lábios trêmulos, que faziam a gente esconder envergonhada a manta e as luvas de lã...

Por isso eu gosto deles, porque são humildes, porque são diferentes, porque são sinceros. ... Gosto mesmo, muito deles.

Agora... começo a achar que sim... que vale a pena..." (Vernet, L. L., *Impressões de uma professora...*, Ibagé out. 1946, p.6).

A escola como modeladora, promoveu e preparou no seu cotidiano as mulheres para o trabalho com sacrifício e doação. Nesta construção esses valores foram transmitidos nos seus discursos, pois é evidente a valorização do aspecto religioso nesta escola, observável na montagem dos seus currículos. Quando por exemplo, adota o Sistema Departamental, em 1962 (Lei nº 2588 de 25 de janeiro de 1955 e a Regulamentação do currículo escolar pelo Decreto nº 6004 de 26 de janeiro de

1955 e 6071 de 10 de maio de 1955) registra em um boletim escolar do mesmo ano, a divisão dos Departamentos da seguinte forma:

- I - Departamento de Cultura Geral.
Tempo - 2 períodos de um semestre cada um.
- II - Departamento de Cultura Profissional.
Tempo - 4 períodos de um semestre cada um.
- III - Departamento de Educação Religiosa.
Tempo - 6 períodos de um semestre cada um." (Boletim de Estudos da ENES, 1962).

Pode-se observar de forma saliente o aspecto religioso nos conteúdos. Mas não é só por aí que eles atuaram. Houve também um modo de funcionar cotidiano permeado com um referencial ético cristão. Neste funcionamento apresentaram-se os valores religiosos de modo absoluto. Os símbolos contraditórios (inocência em oposição à corrupção, claridade em oposição à escuridão, entre outros) fizeram-se presentes nas relações pedagógicas, não deixando dúvidas de que neste local, no caso a ENES, havia verdades e respostas para a mulher, seja através das religiosas, do próprio colégio e até utilizando-se de ciências para dar lógica e consistência à ética cristã.

Apresentando-se como um local que não tem espaço para dúvidas, a Escola não permitiu às suas alunas um questionamento do conhecimento transmitido, conhecimento que esteve mais a nível da revelação do que da construção. O papel desta escola católica foi ser uma interlocutora da palavra divina, ocultando os mecanismos de poder que se fizeram presen-

tes no seu funcionamento, mecanismos permeados por uma vontade superior e inquestionável (divina).

A Escola Normal Espírito Santo, se por um lado representou uma oportunidade nesta cidade (Bagé-RS) de avanço, para as mulheres ocuparem lugares públicos, o fez com traços do mundo privado e modelado com aspectos religiosos. Selecionando os conhecimentos que entraram no seu interior, tentou impedir às mulheres outros conhecimentos que não fossem dentro da sua visão de mundo. Formar as jovens mulheres como agentes sociais desta doutrina, implicava ir além dos conteúdos e proporcionar no interior das altas paredes da escola exemplos de conduta feminina, alienando-as do mundo lá fora.

"La alienación tiene por meta la exclusión de toda duda, de toda causa del conflicto e implica la muerte de la actividad de pensamiento. Poder reconocerse un derecho a pensar implica renunciar a encontrar en la escena de la realidad una voz que garantice lo verdadero y lo falso y presupone el duelo por la certeza perdida. Tener que pensar, tener que dudar de lo pensado, tener que verificarlo: tales son las exigencias que el yo no puede esquivar." (Aulagnier, P., In: Hornstein L., s/d p.6).

Rastrear a construção da subjetividade das mulheres da escola normal implicou em observar um funcionamento que atravessou as décadas, insistindo em se manter mesmo dentro de inovações pedagógicas que se apresentavam e eram incorporados nesta escola, ou seja, as relações pedagógicas parece que foram imprescindíveis na construção de um modelo de mulher e permitiram a apropriação pelas jovens estudantes do conhecimento aprovado neste local.

A estrutura da escola que foi mostrada neste trabalho também pode ser relativizada por alguns comportamentos individuais, como no caso de professoras que se opunham ou mesmo de alunas que não apresentavam *bons comportamentos*, que foram contrapontos a este modo de funcionar da instituição. Ao mesmo tempo quando se lê nos jornais as *colunas sociais* participando casamentos das alunas e nascimentos dos seus filhos, não se pode deixar de ler como um retorno aos ensinamentos escolares.

As contribuições de Anyon (1990), quando afirma que o desenvolvimento do gênero envolve tanto recepção passiva quanto resposta ativa, podem auxiliar para esclarecer os comportamentos presentes neste cotidiano.

A escola é um local de profissionalização e transmitiu ao longo dos anos para a comunidade a idéia de que a *competência técnica* ocorria nos seus cursos. E isto existiu. Para que pudesse manter-se com este discurso conviveu com profissionais que valorizavam e estimularam estes aspectos na escola, como se observa neste registro:

"... e cada criança é um livro diferente... Depois de muitos anos de estudo, concluímos um curso, recebemos um diploma, somos professoras... Tanto estudo, tantos livros manuseados, tantos planos para o futuro, para a profissão que se vai abraçar... . A nova professora perde-se, muitas vezes, em indagações. Que fazer? Como melhor agir? Dedicou sua mocidade ao estudo, quer dar muito de si. Como será mais eficiente? Como colherá melhores resultados?... . Em realidade começa novo curso, novos estudos... . Como médico, como o piloto, a jovem professora tem dúvidas. Mas como eles prossegue, às vezes vence, às vezes desanima... Professor, ... lê, estuda con

tinuamente múltiplos livros vivos que te chegam as mãos, ama-os na sua multiplicidade e não esquece:

Cada criança é um livro diferente" (Nova, E., A Voz de nossos Mestres, Jornal Normalista, MAF./ABR. 1955, p.5).

Comparando-se as duas citações sobre o ser professora, observa-se diferenças acentuadas que conviveram na escola. Portanto, a internalização de intenções diferenciadas pelas jovens mulheres, aproxima-se das análises que Anyon (1990) faz sobre as expectativas sobre as jovens de camadas médias. Coloca que ao mesmo tempo em que se espera que as jovens apresentem comportamentos ditos femininos e desempenhem um papel doméstico, tenham também sucesso profissional. Ainda segundo a autora, este é um desafio que as mulheres lutam ativamente para chegar a um acordo e superar os conflitos que estão permeando o ser mulher. Tanto no mundo público como no privado as mulheres podem utilizar comportamentos que caracterizam acomodação e/ou resistência, alternando, muitas vezes sua utilização.

Sabe-se que para enfrentar o mundo do trabalho é necessário uma certa dose de agressividade e força. Estas características por mais obscurecidas que possam estar pelo discurso religioso, estão presentes na história da congregação de sua fundadora, que ultrapassou diversas dificuldades para conseguir fundá-la. Na vinda das Irmãs para o RS, todo o seu trabalho expressa na verdade um trabalho de grande dimensões. Ser professora na região da campanha, onde geralmente atuavam as mulheres formadas pela ENES, que trabalhavam no magistério primário, mesmo sendo apresentado como uma doação e sa

crifício próprio da mulher (a descrição feita pela jovem professora exalta mais estes aspectos do que os profissionais) não escondeu que era um trabalho exigente. Na educação das mulheres para o mundo privado, observei que o comportamento esperado era de uma mulher com poderes para agir por detrás dos bastidores e manipular no sentido de converter a família aos preceitos cristãos. A situação destas mulheres, assemelha-se ao que Anyon (1990) cita sobre a apropriação da feminilidade pelas mulheres com a intenção de aumentar a auto-estima. Diz que:

"Hã também mulheres que se apropriam do papel feminino no sentido de conseguir auto-estima. As mulheres que criam os 'melhores' filhos, que possuem as 'melhores' casas, que diz-se, 'vivem' através de seus filhos, maridos e mobílias podem estar tomando a única via legítima ou possível para tentar alcançar sucesso e auto-estima numa sociedade que define sucesso de uma forma que geralmente as exclui" (Anyon, J. 1990, p.18).

Estas duas categorias (acomodação e resistência), apresentadas na mesma pessoa em situações diferentes (privado e público) são úteis para se entender os comportamentos ambíguos das jovens mulheres desta escola, ou seja, *"a maioria das mulheres nem aceita nem rejeita totalmente a feminilidade, mas faz concessões a ela e às demandas contraditórias de feminilidade e auto-estima" (Anyon, J. 1990, p.18).*

Olhando os comportamentos a partir destas categorias é possível discutir o cotidiano desta escola sem opor de modo excludente resistência/reprodução, dicotomia que parece insuficiente, pois são vários os processos que se articulam na

formação e transformação das relações sociais (Rockwell, 1990).

Por aí algumas alunas e professoras reagiram à estrutura de poder presente nesta escola, onde a construção de um modelo feminino parece contribuir para a consolidação de um poder religioso. Uma mulher que, atuando na família com preceitos cristãos, atuaria conseqüentemente na sociedade, lógica assim descrita por Manoel, "...a sociedade humana gravita em torno da família e a família gravita em torno da mãe, a regeneração social deveria ter início pela regeneração da mulher" (Manoel, 1988, p.248).

Dois aspectos (sistema educacional e instituição familiar) indispensáveis para a consecução dos ideais do catolicismo interagem claramente nesta formação de jovens mulheres.

As estruturas hierárquicas (como a Igreja católica) colocam suas percepções sobre a mulher e o homem como naturais. Ao abordar a opressão das mulheres no texto religioso, o autor afirma, que são *injustiças temporárias*. Esta abordagem é claramente uma forma de ocultar as lutas feministas no processo de libertação da mulher, bem como um apelo ao acomodamento, ao conformismo.

Quando Scott (1990) propõe a teorização de gênero, relacionando à consolidação do poder, afirma que o gênero é um primeiro e recorrente campo através do qual o poder se articula. Esta articulação pode ser colocada como uma relação explícita ou não. Deve ser entendido o nexo entre o gênero e a construção do poder, sendo aquele uma dimensão decisiva da organização do poder.

A consolidação do poder religioso parece ter um laço explícito com o gênero. A manutenção das mulheres no seio familiar relaciona-se diretamente a um projeto da Igreja na manutenção do seu poder (do poder da Igreja).

A mulher formada dentro destes preceitos seria, no caso, um agente social da Igreja. Faz sentido então, no texto religioso, reativar os símbolos da tradição cristã do Ocidente como Eva e Maria, e também os componentes que os acompanham como: divindade, luz, inocência etc. (e seus respectivos opositores), na tentativa de conter e limitar a natureza do debate ou da repressão que acompanham as discussões sobre a mulher histórica.

Nesta investigação, tentei desvelar o contexto em que foram invocadas as representações simbólicas. Reafirmo assim que a construção da identidade do gênero relaciona-se com momentos historicamente situados. A Igreja católica disputou a sua concepção de mulher, baseada no culto mariano (feminismo cristão) colocando-a em contraposição ao *feminismo ateu*.

A escola investigada neste trabalho (ENES), apresentou claros momentos em que construiu a sua educação baseada na disciplina religiosa. Pareceu-me também um local privilegiado para observar a construção do gênero feminino e, por consequência, das relações de gênero. Com uma educação específica para mulheres, ficou colocado em diversos momentos um ideal de mulher que a escola se propôs a construir em detrimento da formação profissional da professora. Na formação destas mulheres foi criado um ambiente propício, para que valo-

res que ditavam o ser mulher fossem passados no dia-a-dia desta escola e tivessem um caráter permanente, para além dos muros escolares.

As vocações (Pessoal, Maternal e Social), embora apresentadas separadamente no texto religioso, coincidem quanto às características que norteiam este ideal feminino. À mulher é dado o papel de *interpretar as realidades espirituais*, ou melhor, reproduzir o que é interpretado pela Igreja católica como o verdadeiro conhecimento, já que esta doutrina coloca-se como a real interlocutora da palavra divina. A moral católica colocou-se para a mulher interditando o desejo de saber, sob pena de esta se ver condenada ao castigo supremo em caso de transgressão (claramente colocado pelos mitos da tradição ocidental-cristã). Esta contenção apoiada no culto à Maria, apresenta a emancipação feminina (econômica, social e fisiológica) como inimiga da natureza humana (Margiere, Pe. B.S.J. 1968). O demônio, segundo este autor, refere-se a posições onde o lucro está mais presente do que a vocação propriamente feminina, ocasionando o desprezo pela família e a desobediência ao marido. À esta emancipação contrapõe Maria, que tinha uma vida simples e solitária. A isto chama de promoção econômica. E a Igreja tem levado este aspecto através da libertação econômica da mulher, quando se coloca na defesa do trabalho feminino desde que autorizado pelo marido e se for um bem para a família como um todo.

A emancipação social é traduzida como vedetismo, exibicionismo, onde as *estrelas* de cinema são os modelos, colo-

cando a glória vindo dos homens e não de Deus. Este culto le varia à sedução das aventuras e conseqüentemente ao horror pelas tarefas domésticas. Em oposição teríamos uma dedicação voluntária e estima pelos trabalhos domésticos (promoção social). A superioridade do trabalho doméstico está em ser próximo da pessoa humana, e portanto ao atendimento de suas necessidades. Quanto a este aspecto a Igreja tem levantado a libertação social, onde saúda a entrada da mulher na vida pública e se põe ao lado desta, lembrando aos maridos que as mulheres não são escravas de suas casas, mas donas destas (Rainha do Lar?). A Igreja também saúda o mundo moderno com suas máquinas que tem auxiliado a mulher nos trabalhos domésticos.*

Quanto a última emancipação (fisiológica) o demônio seria a sensualidade (aventuras sem intenção matrimonial) e a negação da função primária (maternidade), afetando assim, a sua sexualidade e feminidade. A promoção maternal coloca tanto a maternidade espiritual (esta a mais fecunda) como a psicosomática (a mais comum) como uma aceitação da mulher da vontade divina. A igreja coloca-se como promotora da libertação fisiológica, através da *regulação da prole* que se dá por motivos sérios de natureza médica, eugênica, econômica e social. Esta regulação seria uma forma de libertar a mulher de encargos que poriam em risco o desempenho das funções de

* Aqui lembra Buitoni (1981), quando apresenta a década de 60 com o texto "uma Pequena Rainha triste", abordando o trabalho feminino fora do lar e a introdução da mulher na sociedade de consumo p.93 e segs.

mãe, esposa e educadora, e não no sentido de afastar a mulher de sua vocação e deveres conjugais.

Então onde reside o perigo, que possa ocasionar que a mulher não cumpra a sua vocação? Qual a função desta escola, formando mulheres com características como já foi apontado anteriormente (sacrifício, doação, busca de santidade...) através dos trabalhos extra-escolares, controlando as horas de lazer e atividades como por exemplo, o Cineclube, com a intenção de manter a moral e os bons costumes? Pode-se afirmar que a escola seguiu as prescrições da doutrina católica.

Porém, aqui, coloca-se uma questão, que aliás premeou o trabalho: esta educação ofereceu novas possibilidades para a construção da subjetividade feminina, ou reproduziu um novo espaço com antigas noções de gênero? Acredito que as intenções óbvias da escola relacionam-se muito mais à segunda opção, produzindo com sua filosofia religiosa, no dizer de Foucault, efeitos de verdade.

Já referi sobre o cotidiano, apoiada em alguns autores (Heller, 1989), (Foucault, 1985), como um espaço fragmentado e heterogêneo (tanto de resistência quanto de opressão). Tentei expressar, ao reconstruir o interior desta escola, não um local onde apenas a reprodução existiu, onde não se colocou apenas o permanente, mas também o diferente, um espaço com um viés crítico.

Acredito que esta concepção de cotidiano, é um exemplo do que Foucault denomina micro-poderes. Diz ele que estes são

autônomos e diferenciados de um núcleo central de poder. Este núcleo não existe, o que há são práticas sociais onde o poder se dispersa e é disputado no interior destas práticas. Nestas estruturas há espaço e possibilidade de reinterpretar, de oposição à estrutura. É dentro deste jogo reinterpretativo que tentei observar a ENES e sua formação de jovens mulheres na década de 40 à 70.

E abordando especificamente a educação feminina, pode-se dizer que embora não houvesse um *consenso* das alunas quanto a aceitação dos ensinamentos escolares, creio que os mitos perpassados na prática escolar devem ser pensados na construção da identidade destas mulheres. Esta escola é um exemplo, dentre outros, onde foi colocada uma leitura de mundo para a mulher, (leitura baseada na dualidade e contradição). E onde lhe foi apontado, e até determinado, um único caminho.

Reconstruir esta escola e tentar compreender esta visão – ainda que seja ela apenas um fragmento da realidade – espero que possa ajudar na discussão sobre a educação da mulher.

BIBLIOGRAFIA

- ANYON, Jean. Intersecções de gênero e classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais. Cadernos de pesquisa, São Paulo : n. 73, p. 13-25, maio 1990.
- APPLE, M. W. Relações de classe e de gênero e modificações no processo do trabalho docente. Cadernos de Pesquisa, São Paulo : n. 60, p. 3-14, fev. 1987.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembrança de velhos. 2. ed. São Paulo : T. A. Queiroz, EDUSP, 1987. 402 p.
- BRUSCHINI, Cristina. Vocação ou profissão? ANDE, São Paulo : v.1, n. 2, p. 70-74, 1981.
- BRUSCHINI, C., AMADO, T. Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. Cadernos de Pesquisa, São Paulo : n. 64, p. 4-13, fev. 1988.
- BUFFA, Esther. Ideologias em conflito: escola pública e escola privada. São Paulo : Cortez e Moraes, 1979.
- BUITONI, D.H.S. Mulher de Papel: a representação da mulher na imprensa brasileira. São Paulo : Loyola, 1981. 150p.
- CUNHA, M.T.S., LEAL, E. J.M. Pesquisando o cotidiano de um colégio religioso feminino. Florianópolis: Centro de Ciências da Educação da UFSC, 1990. 35f. Trabalho apresentado na 13ª Reunião Anual da ANPED, Belo Horizonte : 15 a 19 out. 1990.
- CURY, C.R.J. Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais. 3. ed. São Paulo : Cortez, Autores Associados, 1986. 201p.
- DA MATTA, R. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro : Rocco, 1986. 126p.

- DELUMEAU, Jean. História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada. São Paulo : Companhia das letras, 1989. 471p.
- FERNANDEZ, Alicia. Aprendizagem: mito e realidade. Porto Alegre : SMED, 1991. 5f. Palestra proferida na jornada Pedagógica, Porto Alegre : 7 a 9 mar. 1991.
- FERNANDEZ, Alicia. La inteligencia atrapada: abordagem psicopedagógica clínico del niño y sua familia. Buenos Aires : Nueva Visión, 1987. 295p.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. 7. ed. Rio de Janeiro : Graal, 1985. 152p.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 6. ed. Rio de Janeiro : Graal, 1986. 295p.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. 5. ed. Petrópolis : Vozes, 1987. 277p.
- FRANCHETTO, B., CAVALCANTI, M. L. V. C., HEILBORN, M. L. Perspectivas antropológicas da mulher. Rio de Janeiro : Zahar, 1980. v. 1.
- GAY, Peter. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos. São Paulo : Companhia das letras, 1989. 405p.
- GHIRALDELLI JR, P. A evolução das idéias pedagógicas no Brasil Republicano. Educação e Realidade, Porto Alegre : v. 11, n. 2, p. 69-79, jul/dez. 1986.
- GROSSI, M.P. Jeito de freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. Cadernos de Pesquisa, São Paulo : v. 73, p. 48-58, maio 1990.
- HELLER, Agnes. O cotidiano e a História. 3. ed. São Paulo : Paz e Terra, 1989. 121p.
- HOMSTEIN, Luis. Piera Aulagnier: un homenaje. Actualidad Psicológica, p. 2-6, 1990?
- LAMAS, Marta. La antropología feminista y la categoría "género". Nueva Antropología, México : v. 8, n. 30, p. 172-193, nov. 1986.
- LOPES, E. M. T. Casa da Providência: uma escola mineira do século XIX. Educação em Revista, Belo Horizonte : n. 6, p. 28-34, dez. 1987.

- LOPES, E. M. T. Mentalidades e Educação: Um cruzamento necessário. Belo Horizonte : UFMG. 1990, 15 f. Trabalho apresentado na 13ª Reunião Anual da ANPED, Belo Horizonte : 15 a 19 out. 1990.
- LOPEZ, L.R. História do Brasil Imperial. 2. ed. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1984. 116p.
- LOURO, G. L. A história (oral) da educação: algumas reflexões. Porto Alegre : Faculdade de Educação da UFRGS, 1990. no f. Trabalho apresentado na 13ª Reunião Anual da ANPED, Belo Horizonte : 15 a 19 out. 1990.
- LOURO, G. L. Magistério de 1º Grau: um trabalho de mulher. Educação e Realidade. Porto Alegre : v. 14, n. 2, p. 31-39, jul./dez. 1989.
- LOURO, G. L. Prendas e antiprendas: uma escola de mulheres. Porto Alegre : Ed. da Universidade, UFRGS, 1987. 103p.
- MADRE, Magdalena e sua fundação: as Irmãs Franciscanas no Rio Grande do Sul; homenagem a Madre Magdalena. Porto Alegre : Globo, 1935. 46p. Centenário da Congregação das Irmãs Franciscanas, São Leopoldo : 1835-1935.
- MANOEL, I. A. Igreja e educação feminina: os colégios das Irmãs de São José de Chamberry (1859-1919). São Paulo : USP, 1988. 306p. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo : 1988.
- MARGERIE, B., s.j., A Igreja e a educação feminina: promoção da mulher. Estudos, São Leopoldo : Faculdade de Teologia Cristo Rei, 1968.
- MILLOT, Catherine. Freud antipedagogo. Buenos Aires : Paidós, 1979. 213p.
- MORAES, M. Q. Família e Feminismo. Cadernos de Pesquisa. São Paulo : n. 37, p. 44-51, maio 1981.
- MORENO, Montserrat. Cómo se ensina a ser niña: el sexismo en la escuela. Barcelona: Icaria, 1986. 71p.
- NOSELLA, M. L. C. D. As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos. 9. ed. São Paulo : Moraes, 1981. 200p.
- NOVAES, M. E. Professora primária: mestra ou tia. 4. ed. São Paulo : Cortez, Autores Associados, 1991. 143p.

- ORLANDI, E. P. A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 2. ed. Campinas : Pontes, 1987. 276p.
- PERROT, Michelle. Mulheres. In: —. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988. Parte 2, Cap. 1-3, p. 167-231.
- PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. Revista Brasileira de História. São Paulo : v. 9, n. 18, p. 9-28, ago./set. 1989.
- POLIANTÉIA, Porto Alegre : Impramatur, 1947. Edição comemorativa do 75º aniversário da chegada das Irmãs Franciscanas ao Rio Grande do Sul, 1872-1947.
- PRADO, R.M. Um ideal de mulher: estudo dos romances de M. Delly. Rio de Janeiro : Zahar, 1981. 112p.
- PRANDI, Reginaldo. A família para a Igreja. Cadernos de Pesquisa. São Paulo : n. 37, p.90-93, maio 1981.
- RABUSKE, Arthur s.j. Os inícios históricos das Francisca nas no RS. Estudos Leopoldenses, São Leopoldo : n. 22, p.263-282, 1972.
- ROCKWELL, Elsie. Como observar a reprodução. Teoria e Educação, Porto Alegre : Palmarinca, n. 1, p. 65-78, 1990.
- SANTOS, T.M. Noções de Psicologia Educacional. 12. ed. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1966, 307p.
- SCOTT, J. W. Diez años de historia de las mujeres en los EE. UU. Debats, n. 7, p. 82-85.
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e realidade, Porto Alegre : v. 15, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

ATAS, PERIÓDICOS E DOCUMENTOS INTERNOS DA ENES

- ATAS de formatura: conclusão do curso normal: 1958-1974.
- BOLETIM de estudos da Escola Normal Espírito Santo, Bagé : |s.n.| 1962. 9f.
- CULTURA cinematográfica em Bagé, Bagé : |s.n.|, 1959. 3f.
- HISTÓRICO escolar sobre a ENES (diversos) mimeografado.

- JORNAL IBAGÉ. Bagé : v. 1, n. 1, set. 1945.
- JORNAL IBAGÉ. Bagé : v. 2, n. 1, maio 1946.
- JORNAL IBAGÉ. Bagé : v. 2, n. 2, jul. 1946.
- JORNAL IBAGÉ. Bagé : v. 2, n. 3, out. 1946.
- JORNAL IBAGÉ. Bagé : v. 2, n. 4, nov. 1946.
- JORNAL IBAGÉ. Bagé : v. 3, n. 1, abr. 1947.
- JORNAL IBAGÉ. Bagé : v. 3, n. 2, maio 1947.
- JORNAL NORMALISTA. Bagé : out. 1953.
- JORNAL NORMALISTA. Bagé : mar./abr. 1955.
- JORNAL NORMALISTA. Bagé : maio/jun. 1955.
- JORNAL A VOZ. Bagé : n. 2, 1968.
- JORNAL A VOZ. Bagé : n. 3, 1968.
- JORNAL A VOZ. Bagé : n. 4, 1968.
- JORNAL A VOZ. Bagé : n. 5, 1968.
- JORNAL A VOZ. Bagé : n. 6, 1968.
- JORNAL A VOZ. Bagé : n. 7, 1968.
- MADRES do Colégio Espírito Santo desde a fundação: 1905-1975. Bagé : |s.n.|, 1975.
- O PAPA João XXIII e a cultura cinematográfica. Porto Alegre : |s.n.|, 1959. 23f.
- SOUZA, T. T., Catarina Daemen (1787-1858): Madre Madalena - fundadora da Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã. Bagé : maio, 1979. 4f.

A IGREJA E A EDUCAÇÃO FEMININA – PROMOÇÃO DA MULHER

Pe. Bertrand de Margerie, s.j. 1968.

O fato foi constatado por psicólogos e por médicos: há moças e mulheres que, num ou noutro momento, não aceitam a sua condição feminina, e algumas jamais. Confidenciava uma religiosa de trinta anos, inteligente, brilhante mesmo: "*Descubro hoje claramente que nunca aceitei do fundo do coração ter nascido mulher*".

Por detrás desta dramática confissão, surgem vários problemas, pedindo urgentes respostas. Em que consiste esta "*con*-*di*ção *feminina*", a vocação própria da mulher no plano divino sobre a sociedade humana? Em que termos se concretiza hoje a opção existencial de cada mulher pela primeira ou pela segunda Eva? Como será possível as educadoras dar as futuras mulheres uma educação humana e cristã especificamente *femi*-*nina*? A tais perguntas, tentaremos oferecer as respostas da Igreja de Cristo no século XX.

1. Vocação pessoal, maternal e social da mulher:

A vocação própria da mulher está intimamente ligada com a sua origem divina. Ora, o drama da mulher é de ter que viver num mundo masculino que vê essencialmente nela o instrumento impessoal de um prazer fugaz, num mundo de homens que

a despersonalizam, e que negam implícitamente esta origem divina da Eva moderna.

1. *Vocação pessoal, origem divina e fim último da mulher:*

A mulher é chamada como pessoa, por um Deus pessoal, a desenvolver plenamente a sua personalidade pelo conhecimento e pelo amor das Três Pessoas divinas. Desta afirmação, ao mesmo tempo básica e banal, aos olhos da cristã, resulta imediatamente uma consequência importante: apesar das calúnias existencialistas e marxistas, a Igreja não afirma que a mulher seja uma máquina exclusivamente destinada a fabricar filhos, nem admite que a mulher possa realizar o seu destino só sendo mãe e esposa, como pensavam os Israelitas na Antiga Aliança: a mulher nem esposa nem mãe parecia sofrer em Israel o opróbrio de uma desgraça ou de um castigo.

Perante um tal conjunto de negações e de fatos, assumem um novo sentido as declarações de Pio XII ao XIV Congresso da União Mundial das Organizações católicas femininas, a 30 de setembro de 1957:

"A verdade mais desconhecida dos homens hoje em dia, e no entanto a mais fundamental para vós; é a relação da mulher para com Deus. A mulher vem de Deus; deve-lhe a sua existência, as características do seu ser, da sua tarefa terrena, e o destino eterno que coroará o fiel cumprimento da sua missão. Certeza absoluta, que vos prestará um apoio indispensável quando estiverdes expostas ao fluxo e refluxo das idéias, que o romance, o cinema, o teatro difundem incessantemente nas massas e que lhes dão da mulher uma concepção profundamente viciada" (Pio XII. Documento Pontifício 125, ed. Vozes, § 7).

Tomando a liberdade de precisar o sentido das frases seguintes da mensagem papal, diríamos: em nenhum momento, Deus cessa de dar a existência a cada mulher, de lhe imprimir na inteligência o sinal da sua presença, de lhe pôr no coração uma atração invencível para o bem, para o absoluto, para a beatitude perfeita. O sentido da vida feminina pode resumir-se numa palavra: buscar a Deus, que chama a si a mulher para cumulá-la sempre mais da plenitude da sua vida e do seu amor. Deus ama a mulher em si, não como um objeto, mas como um sujeito.

Ora, as conseqüências do desconhecimento prático desta verdade fundamental pela maioria dos homens de hoje afeta, como observava justamente Pio XII, mais sériamente as mulheres do que os homens:

"Essa atmosfera de ateísmo combativo ou latente ameaça mais gravemente a mulher do que o homem, tanto na sua vida pessoal como no seu papel social: porquanto, pelas suas disposições inatas e pela fundação a que a sua natureza a destinou, a mulher está mais em harmonia com as realidades espirituais".

E o Papa explica por quais motivos a mulher é, como bem sabemos, sem o ter analisado com a mesma precisão, mais religiosa do que o homem:

"(ela) percebe as realidades espirituais mais facilmente, vive delas mais conscientemente, interpreta-as e torna-as sensíveis aos outros, e particularmente aqueles de quem ela tem o encargo como esposa e como mãe. A sua dignidade pessoal, o respeito que se lhe deve, são motivados primeiramente pela salvaguarda dessa missão espiritual, e, portanto, em última análise, pela sua proximidade de Deus. O respeito da mulher e o reconhecimen-

to do seu papel verdadeiro estão estreitamente ligados às concepções religiosas do grupo social a que pertence" (Pio XII, D.P.125,§ 9.)

Numa palavra, a mulher que se separasse de Deus veria inevitavelmente a sua personalidade feminina desprezada pelos homens, cujo ateísmo prático acaba necessariamente em anti-feminismo. Às pretensões marxistas ou liberais de "emancipação feminina" mediante o ateísmo, a Igreja retorque que a ruptura com Deus é o começo da escravidão, não só espiritual, mas ainda social da mulher. Nem se pense que o homem beneficiará desta escravidão. Ensina-o a história:

"lá onde o homem aviltou a mulher até fazer dela uma mercadoria que compra, explora e troca à vontade, ele mesmo torna-se sem demora o bem e a coisa de um tirano. No [antigo] Oriente, a mulher é a propriedade do homem, e o homem a propriedade do despota".

Eis o primeiro aspecto da vocação feminina que deveria ser focalizado na educação das moças: a consciência da dignidade pessoal da mulher, chamada, mais ainda do que o homem, a manter nova relação imediata de caridade com Deus, sem a qual será despersonalizada e reduzida a condição de objeto. Mas a Igreja não é unilateral, e mesmo como a relação da mulher com Deus não é só imediata, mas ainda mediata, a mediatizada por sua função social e maternal.

2. *Vocação maternal, física ou espiritual, da mulher:*

Precisado o fim último da mulher, no plano divino, devemos determinar de mais perto seu fim imediato, mediante o qual chegará ao fim último.

Numa outra alocução dirigida às mulheres, em 1945, dizia

Pio XII:

"A função da mulher aparece claramente determinada pelos traços, pelas aptidões, pelas qualidades particulares de seu sexo. Ela colabora com o homem, mas da maneira que lhe é própria, conforme sua tendência natural. Ora, o papel da mulher, a maneira de ser e inclinação inata dela é a maternidade. Toda a mulher é destinada a ser mãe; mãe no sentido físico da palavra, ou num sentido mais espiritual e mais elevado, mas não menos real. É para este fim que o Criador ordenou todo o ser próprio da mulher: seu organismo e mais ainda seu espírito, e sobretudo sua maravilhosa sensibilidade... A mulher verdadeiramente tal não pode considerar ou compreender a fundo todos os problemas da vida humana, senão sob o aspecto da família" (Discurso dirigido por Pio XII às mulheres da Itália, 1945).

O testemunho dos médicos sobre a vocação maternal da mulher é unânime. Esta vocação maternal, aliás, nunca é só física. Prolongando o pensamento de Pio XII, poderíamos sublinhar a natureza essencialmente espiritual da vocação à maternidade. Um exemplo será instrutivo.

Num círculo de estudos de que participavam rapazes e moças, a discussão veio sobre a vocação feminina. Uma das moças declarou subitamente: "Então, assim, nós poderíamos somente fazer filhos" ("alors, comme ça, nous, on ne serait bonne qu'a faire des enfants"). Reflexo inconsciente de uma certa mentalidade feminista e existencialista. Desprezo pela humilhação biológica da maternidade carnal. No espírito desta moça, a doutrina tradicional rebaixava a mulher ao nível dos animais sem razão. O emprêgo da palavra *fazer* proclamava o sofrimento experimentado perante a idéia que seu espírito

to não estava integrado na tarefa materna: uma vida nova desenvolver-se-ia nela conforme leis subtraídas à vontade dela. Grito de uma dignidade ferida. Uma discussão seguiu. Foi objetado:

"O que é mais importante e mais bonito? Construir casas, fabricar móveis, afinal instalar um 'décor', ou velar pela educação e pela personalidade das personagens para os quais este 'décor' está sendo feito? Sob um certo aspecto, a atividade masculina consiste essencialmente em plantar o 'décor'. A mulher, tem como missão velar pela vida e pelo desenvolvimento das personagens" (M. Clément).

(N.B.: perdoe-se o galicismo "décor", que poderia ser traduzido pela palavra portuguesa ambígua: decoração).

Numa palavra, a maternidade é muito mais ainda educação do que procriação, a maternidade é essencialmente relação inter-pessoal que permite o pleno desabrochar, humano e espiritual da personalidade maternal, não menos do que da personalidade filial.

Mais: aos olhos de S. Paulo, a maternidade está integrada no plano de Deus sobre a salvação da mulher. "Salvar-se-á pela criação dos filhos, se permanecer na fé, na caridade e numa vida santa e recatada" (I Tim 2,15). Isso verificar-se-á sempre que a maternidade fôr a consequência de uma decisão livre, do consentimento espiritual pelo qual a mulher aceita, num ato de amor e de doação, não só de carregar e nutrir uma nova vida, mas ainda de consagrar dezenas de anos a velar por esta vida, e ao crescimento físico, intelectual e espiritual dela. E mesmo quando a maternidade não tem como

origem um tal ato livre e espiritual, a aceitação posterior, enraizada no amor de Deus, torna-se salvífica para a mulher, e, logo, para a criança.

Mas o caráter espiritual da maternidade nunca brilha tão claramente como no caso da maternidade exclusivamente espiritual, embora manifestada às vezes por um amor sensível, mas não sentimental, da virgem que renunciou às alegrias da maternidade física para receber em troca filhos espirituais muito mais numerosos.

Alguém poderia objetar: como realizará a sua vocação maternal uma mulher que não casou, embora o tivesse desejado, nem tampouco tem a vocação religiosa? Pio XII respondeu à dolorosa, e sempre renascente, pergunta nestes termos:

"A jovem cristã que, contra seu desejo, permanece não casada, mas que acredita firmamente na Providência do Pai celestial, reconhece no meio das vicissitudes da vida a voz do Mestre: 'Magister adest et vocat te', o Mestre está lá e te chama (Jo. 11,28). Ela responde, ela renuncia ao doce sonho da sua adolescência e da sua juventude: ter um companheiro fiel na vida, fundar uma família. E perante a impossibilidade do casamento, entrevê sua vocação, e então, com o coração frangido mas submetido, consagra-se às múltiplas obras de beneficência" (Pio XII, 1945).

Michèle Aumont explica-nos muito bem como as celibatárias podem ser plenamente mulheres:

"o matrimônio não é um fim, mas um meio, entre outros, de alcançar o verdadeiro fim dos seres: o dom de si mesmos. A mulher celibatária que não quer perder seu destino feminino deve ser capaz de dar a cada instante, a todos, e sob outras formas, o que a mulher casada dá a seu marido e a seus filhos... O

*dom dupremo é o dom de si mesma" (Michèle Au-
mont, 1960.*

E a célebre autora francesa sublinha que uma mulher casada pode não desenvolver plenamente sua feminilidade, como acontece inversamente que solteiras façam o contrário.

É o dever das educadoras, como sublinharemos mais adiante, expor estes vários horizontes da vida feminina às educandas. Senão, como teriam sido estas últimas preparadas para a vida? Devem as moças de hoje ser ajudadas a perceberem que, em toda e qualquer situação poderão sempre realizar a sua vocação feminina: a felicidade no dom maternal de si, o salvar-se pelo louvor e serviço especificamente femininos do Deus vivo, que é serviço materno.

Pela maternidade psico-somática ou pela maternidade espiritual, a mulher, sobretudo a mulher contemporânea, está inserida no tecido social, colocada ao serviço da sociedade inteira. A vocação pessoal e maternal da mulher é, inseparavelmente, social.

3. *Vocação social da mulher:*

Uma mãe de família já desempenha um grande papel na sociedade pelo simples fato de educar bem os seus filhos. Deste modo, ela está realmente construindo a sociedade de hoje e de amanhã e trabalhando pela humanidade inteira.

Até que ponto poderá inserir-se na vocação social da mulher o exercício de uma profissão fora de casa? Problema concreto de imensa importância, sobre o qual observamos uma evo

lução harmoniosa, sem contradição, mas com acentos diversos, nos documentos pontifícios.

Em 1931, Pio XI, no Quadragésimo Ano, sublinhava um ponto que permanece justo 37 anos depois: não se pode, nem se deve obrigar as mães de família a trabalharem fora do lar:

"É justo que toda a família, na medida das suas forças, contribua para a sua manutenção, como vemos que fazem as famílias dos negociantes. Mas é uma iniquidade abusar da idade infantil ou da fraqueza feminina. As mães de família devem trabalhar em casa ou na vizinhança, dando-se aos cuidados domésticos. É um péssimo abuso, que deve a todo custo cessar, o de as obrigar, por causa da mesquizez do salário paterno, a ganhar a vida fora das paredes domésticas, descuidando... a educação dos filhos" (Pio XI, D.P. 3, § 71).

Por este motivo, vários sociólogos sugerem que seja retribuído pela comunidade o trabalho doméstico da mãe de família, e com toda razão. Com efeito, inquéritos feitos na França mostraram que a mãe de família é a grande trabalhadora do mundo moderno, muito mais do que a média dos homens, e do que muitas solteiras: trabalha, não 40 ou 50 horas por semana, mas 70 ou 80.

Neste texto onde estava pelo menos implícitamente focalizado o valor social do trabalho de mãe de família, Pio XI, não obstante, admitia explicitamente o dever dela de *"contribuir para sua manutenção"*, e a liceidade de um trabalho fóra de casa, na vizinhança. Pio XII devia acentuar muito esta orientação.

Na notável mensagem ao centro italiano feminino, de 15

de outubro de 1956, Pio XII sublinhava que homem e mulher têm "um idêntico destino sobrenatural", e um "comum destino terreno", ao qual alude o preceito do Criador, dado, por assim dizer solidariamente aos dois progenitores: "Crescei e multiplicai-vos e povoai a terra e submetei a terra e tende poder..." (Gn 1,28).

"Em virtude deste comum destino temporal, nenhuma atividade humana fica, de per si, fechada à mulher, cujos horizontes portanto se estendem às regiões da ciência, da política, do trabalho, das artes, do esporte, porém subordinadamente às funções primárias a ela fixadas pela própria natureza... Não há dúvida de que a função primária, a missão sublime da mulher seja a maternidade, ... via ordinária pela qual a mulher atinge a sua própria perfeição moral e, ao mesmo tempo, o seu duplo destino terreno e celeste" (Pio XII, 1957).

Como se explica esta atitude mais favorável ao ingresso da mulher na vida profissional e pública? Por dois motivos fundamentais. O primeiro, ao qual se refere Pio XII, é uma percepção mais nítida das conseqüências temporais da igualdade fundamental e natural entre homem e mulher, da sua comunidade de destino. O segundo foi indicado numa outra alocução de Pio XII, às operárias italianas: trata-se da "transformação sem precedentes na história da civilização humana que a indústria trouxe dentro da vida familiar":

"A indústria chamou a si uma parte considerável dos trabalhos domésticos, que por sua natureza cabiam à mulher; e vice-versa obrigou grandes levadas do mundo feminino a sair do lar doméstico e a prestar seus trabalhos nas fábricas, nos escritórios e empresas. Não poucos deploram tal mudança; mas esta é um fato consumado a que é impossível fugir no presente" (Pio XII, 1946).

Não raras são as mulheres que trabalham fora de casa, não por uma necessidade econômica absoluta, mas para escapar à solidão, garantir-se economicamente contra as conseqüências de uma possível separação conjugal, ou mesmo, em alguns casos, para poder procriar e educar outros filhos. M. Aumont a nalizou bem tais necessidades "psicológicas".

Perante a grande variedade das situações possíveis, valem as observações de Blanche de Sercey, diretora do Centro de Orientação e de Exame psicológico de Paris:

"A mulher é, antes de tudo, responsável por seu lar. Mas cada mulher tem seu temperamento, suas necessidades, suas aspirações, seu grau de resistência nervosa. Deve organizar sua vida conforme uma opção madura e generosamente refletida, e periodicamente revisada"
(Revista "Ecclesia", nº 170, 1963).

Em muitos casos, um emprêgo parcial, perto de casa, será uma boa solução. Não será excluído a priori o costume adotado por algumas jovens mulheres da burguesia européia: pedir a seus maridos a mesma remuneração que poderia ser dada a uma empregada. Isso, evidentemente, no caso de a jovem esposa preferir trabalhar em casa e dispor livremente do dinheiro assim ganho!

Contudo, em geral, não podemos esconder que o trabalho feminino fora do lar vem a ser abandono do lar, com as gravíssimas conseqüências familiares e sociais denunciadas, não só por Pio XI, mas ainda por observadoras femininas e por Pio XII, no seu discurso de 21 de outubro de 1945 às mulheres italianas.

Perante uma tal situação, o papel social extra-familiar da mulher será mais condizente com a situação da celibatária, sobretudo se se trata de uma profissão exercida com tempo integral. Lá está a magnífica missão das educadoras cristãs: descortinar às moças hodiernas os horizontes políticos, científicos, artísticos, abertos a seus olhos; inculcar o princípio de Pio XII: "*nenhuma atividade humana fica, de per si, fechada à mulher*".

Na mesma mensagem, Pio XII precisava o seu pensamento:

"No tocante à sua extensão e à sua eficácia, a força da classe feminina manifestar-se-á numa ação resolutiva, exercida sem exclusão de terreno, portanto também no campo político e jurídico, a fim de que as instituições, as leis os costumes, reconheçam e respeitem as exigências particulares da mulher" (Pio XII, 1957).

isto é, do papel maternal que ela desempenha na sociedade.

Por outras palavras, o plano divino para os tempos modernos supõe a intervenção ativa de algumas mulheres no campo político e jurídico em benefício de todas as outras; a promoção da mulher chega mesmo a ser, no pensamento da Igreja, um dos três sinais que Deus fêz aos nossos tempos. Este sinal não consiste somente numa promoção da mulher no plano individual ou familiar, mas, conforme João XXIII, manifesta a vontade divina no tocante ao "*ingresso da mulher na vida pública*".

Escrevia João XXIII na *Pacem in Terris*:

"Torna-se a mulher cada vez mais cônica da própria dig

nidade humana, não sofre mais ser tratada como objeto ou instrumento, reivindica direitos e deveres consentâneos com sua dignidade de pessoa, tanto na vida familiar como na vida social" (João XXIII, D.P. 141, § 41).

No pensamento de Igreja, as mulheres devem ser as primeiras protagonistas da defesa dos seus direitos e da promoção feminina.

De que maneira?

II. Opção pela primeira, ou pela segunda Eva?

Eva e Maria são os dois protótipos eternos da falsa e da verdadeira promoção feminina. À primeira, contanto que ela consentisse em se emancipar da submissão devida a Deus, o demônio prometia a imortalidade e a "ciência do bem e do mal", isto é, o conhecimento dos bens e dos males futuros e contingentes na ordem temporal; Eva, depois de se ter falsamente emancipado, isto é, escravizada ao demônio, ouviu as palavras da maldição divina: "multiplicarei a tua dor, teu marido te dominará" (Gn. 3.16). Pelo contrário, a segunda Eva, Maria, reparava o pecado da primeira, submetendo-se completamente ao plano de Deus apresentado pelo Arcanjo Gabriel, e se tornava assim Mãe de Deus: "Eis a serva do Senhor, faça-se em mim conforme a tua palavra".

O demônio e a Virgem Maria, entre os quais Deus pôs inimidades eternas, apresentam à mulher moderna, à Eva Contemporânea seus respectivos planos de promoção feminina. Vamos delinear os principais passos destes dois planos:

1. A "emancipação" oferecida pelo demônio:

Como outrora o demônio tentava Eva pela concupiscência de um fruto proibido, a fim de que ela corrompesse por vaidade o homem, e caísse assim no orgulho de uma falsa desculpa ("a serpente me enganou"), assim, hoje, o inimigo da natureza feminina tenta as filhas de Eva pela miragem de uma tríplice e gradativa "emancipação", igualmente proporcionada pelo comunismo e pelos abusos do capitalismo liberal: emancipação econômica, social e fisiológica. Descrevemos estes três graus, partindo de uma análise de Pio XI, com uma inversão da ordem seguida por êle; não há melhor resumo do falso feminismo que ameaça a saúde física, psíquica e espiritual da mulher:

"Muitos defendem com arrogância certa emancipação da mulher, já alcançada ou a alcançar. Estabelecem que esta emancipação deve ser tríplice:

- a) emancipação econômica, por força da qual a mulher, mesmo sem conhecimento e contra a vontade de marido, possa livremente ter, gerir, e administrar os seus negócios privados, desprezando os filhos, o marido e toda a família;
- b) emancipação social, enquanto se afastam da mulher os cuidados domésticos, tanto dos filhos como da família, para que, desprezados estes, possa entregar-se até às funções e negócios públicos, muitos afirmam ser a sujeição da mulher ao marido uma indigna escravidão de um cônjuge ao outro;
- c) emancipação fisiológica enquanto querem que a mulher, de harmonia com a sua vontade, se ja ou deva ser livre dos encargos de esposa, quer conjugais, quer maternos" (Pio XI, D.P., 4, § 75).

Como se concretizará esta tríplice emancipação escravizadora aos olhos da sociedade feminina?

A primeira, na esfera econômica, traduzir-se-á numa escolha profissional dominada pela preocupação do lucro, do maior lucro financeiro que se possa conseguir. As profissões assim abraçadas não são ordinariamente aquelas que satisfazem mais a vocação feminina de generosa dedicação, e a frustração afetiva aparece. O mesmo diga-se no caso de uma escolha dominada pelo desejo do conforto, que tem o seu ponto culminante (como veremos mais adiante) na vontade de limitar o número de filhos. A estas moças, mister se faz relembrar as palavras de Jesus: *"Não podeis servir a Deus e ao dinheiro"*.

A segunda manifestação falsamente emancipadora que seduz a moça moderna é o vedetismo, o exibicionismo. Fazer das *"estrelas"* seus modelos, com o secreto desejo de ser também, um dia, uma delas! Preferir, não o ser, não a glória que vem de Deus, mas o parecer e a glória que vem dos homens, dos seres humanos de sexo masculino, e, mediante êles, das outras mulheres! Com efeito, o que é uma vedeta? *"Por definição, responde S.M. Durand, uma pessoa vista, que dá na vista, cuja existência se joga quase inteiramente na esfera do parecer, e não do ser"*. Pensemos em Françoise Sagan, Brigitte Bardot etc. O culto idolátrico das vedetas altera, fanatiza e despersonaliza a vida profunda de numerosas moças. Daí a sedução das aventuras perigosas. o horror pelas humildes tarefas domésticas, que ocupam a vida da mãe de família numerosa. O vedetismo, eis a *"emancipação social"* proposta pelo demônio à moça de hoje.

A tradução atual da *"emancipação fisiológica"* e pré-ma-

trimonial, proposta por Satanaz às jovens, é demasiado conhecida. Namoros sensuais sem nenhum intuito de matrimônio, aventuras que entregam o corpo para preservar, de um modo puramente material, a integridade física, conversas entre colegas que, já muitos anos antes do matrimônio, projetam uma limitação drástica do número de filhos, tudo isso representa a revolta da moça moderna contra Deus, criador e fim da sua própria sexualidade e feminidade, fonte e termo último da sua função primária, a maternidade física ou espiritual, serviço de Deus, ao mesmo tempo que exaltação da pessoa humana.

Juntamente com esta revolta, e como partes integrantes dela, o demônio insinua na sensibilidade da moça hodierna uma repulsa profunda perante a possibilidade de ter mais de dois filhos, e, não menos, perante o conceito do homem como chefe de família. Do mesmo modo que êle inspira ao homem, ao marido horror para com a obediência devida à autoridade do Estado ou da Igreja!

A moça moderna não deixa de ser filha de Eva, e mesmo as águas do batismo não destroem as concupiscências dos olhos e dos sentidos, o orgulho da vida, que nasceram do pecado de Adão instigado por Eva, e conduzem às vezes a Eva batizada ao pecado atual. Chamemos, em estilo paulino, o conjunto desta tríplice concupiscência e do tríplice movimento emancipatório com duas palavras só: a velha Eva, as aspirações da velha Eva que sobrevivem mesmo na Eva moderna batizada nas lágrimas da segunda e nova Eva.

Esta, antes de propor o seu programa àquela, desmascara

as ciladas da velha Eva:

"Nem esta emancipação da mulher é verdadeira, nem é a razoável e digna liberdade que convêm à cristã e nobre missão da mulher e da espôsa... Pelo contrário, essa falsa liberdade redundará em prejuízo da própria mulher; porque se a mulher desce daquêle trono real a que dentro do lar doméstico foi elevado pelo Evangelho, depressa cairá na antiga escravidão (senão aparente, certamente de fato) tornando-se, como no paganismo, simples instrumento do homem" (Pio XI, D.P. 4, § 76).

No fundo, sob pretexto de emancipação, Satanaz, disfarçado em anjo de lua, não só escraviza (pensemos nas prostitutas) mas ainda propõe à mulher uma alienação em todos os sentidos da palavra: pela recusa revoltada da condição feminina, tentar quiméricamente tornar-se outra do que ela é, tentar a masculinização (alienação no sentido etimológico), renunciar a sua subjetividade para tornar-se objeto da concupiscência alheia (alienação no sentido filosófico).

2. *A promoção autêntica da mulher, exemplificada e dada por Maria, nova Eva:*

Frente ao programa demoníaco de "emancipação" feminina, Deus ostenta em Maria uma promoção feminina que jamais qualquer criatura, humana ou mesmo angélica, teria podido conceber. E a promoção das outras mulheres, embora inferior, está concretamente ligada com a conscientização por elas da suprema promoção feminina que constitui a maternidade divina. Ouçamos de novo a voz de Pio XII:

"A união de Cristo com a mulher achou o seu maior brilho e o seu perfeito cumprimento na

Virgem Maria. Foi pela Virgem Maria que Deus assumiu a natureza humana e se inseriu na raça dos filhos de Adão. A dignidade de Mãe de Deus chamou sobre Maria graças insígnies e privilégios extraordinários: preservação do pecado, esplendor das virtudes, participação íntima da sua obra na Igreja, e na sua Realidade sobre todas as criaturas, tudo isto lhe foi dado porque ela era Mãe de Deus, e porque, assim, tinha a desempenhar um papel único na Redenção do mundo".

Relembra a missão única de Maria, e tendo assim insinuado que nenhuma pessoa humana do sexo masculino colaborou como Ela com a maior obra da história humana que é a obra da Redenção, cumprida pela Pessoa divina de Jesus Cristo, Pio XII podia apostrofar suas ouvintes e desenvolver mais claramente sua insinuação:

"Quais são as conseqüências de tudo isto para vós mesmas?

Primeiramente, deveis conceber com isso a ufania de vosso sexo. De uma mulher que o poder do Altíssimo cobriu com sua sombra foi que a segunda pessoa da Trindade tomou a sua carne e o seu sangue, sem a colaboração do homem. Se a vida revela até que profundezas do vício e da abjeção a mulher às vezes desce, Maria mostra até onde a mulher pode subir, em Cristo e por Cristo, até se elevar a cima de todas as criaturas. Que civilização, que religião jamais levou o ideal feminino a tais alturas, exaltou-o até essa perfeição?

O humanismo moderno, o laicismo, a propaganda marxista, os cultos não-cristãos mais evolutivos e mais difundidos nada oferecem que possa sequer ser comparado a essa visão, a um tempo tão gloriosa e tão humilde! tão transcendente, e, no entanto, tão facilmente acessível!

Queríamos esboçar o ideal da mulher tal como vo-lo apresenta a fé: mas o achais em Maria. Nunca percais de vista este exemplo: inspire ele as vossas palavras, atitudes, diligências quando vos empregardes em focalizar a dignidade da mulher e a nobreza da sua missão.

Não basta, entretanto, conhecer Maria e suas grandezas; é preciso também aproximar-se dela e viver na irradiação da sua presença. Que uma mulher católica empenhada no apostolado não nutra uma devoção fervorosa à Mãe de Deus, isto seria quase uma contradição" (Pio XII, D.P. 125, § 16-9).

Por outras palavras, o feminismo católico (que definiremos com maior precisão) é essencial e visceralmente mariano: não existirá sem o conhecimento, a imitação, o culto, a presença e a proclamação dos louvores de Maria, sempre visível no fundo de tela de todo focalizar e de toda promoção da dignidade feminina. Se tôdas as gerações têm que realizar a profecia de Maria e anunciar a felicidade dela, como não sublinhar que as mulheres, ao cumprirem com êste dever, tem o privilégio de exaltar o seu sexo e a sua condição?

A condição feminina: tal expressão (como a de condição humana, tão empregada pelos pensadores existencialistas) frisa bastante que esta exaltação não é, nem divinização pagã, nem idolatria de uma criatura, mas pressupõe a referência ao Criador que transcende Maria muito mais ainda, infinitamente mais do que ela as outras criaturas (e não é pouco dizer).

Ora, precisamente, a promoção livre e libertadora da mulher, programa da Mulher bendita por, para, entre e sôbre as mulheres suas filhas e irmãs, é a dádiva da nova Eva às filhas da primeira, e inclui, como pressuposto e ponto básico, a laboriosa e humilde aceitação da sua própria condição feminina por cada uma delas.

À tríplice e falsa emancipação individualista proposta

por Satanaz, Maria opõe uma tríplice promoção a um tempo coletiva, orgânica e personalizadora, eis os três graus do plano marial de promoção feminina, para a qual pede a colaboração de cada mulher:

a) *promoção econômica*: de tôdas as mulheres do mundo inteiro, e sobretudo das mais indigentes, graças à prática de uma certa pobreza efetiva por cada uma, sem miséria, para melhorar a sorte das outras.

Dizia Pio XII às 700 participantes do XIV Congresso da União Mundial das Organizações femininas católicas:

"Salientastes que no patrimônio espiritual, familiar e social da América Latina encontra-se um profundo sentimento religioso de base, uma forte abnegação na vida da mulher, uma e vídente generosidade, e um desejo veemente de expandir-se... No que concerne à América Latina, verifica-se que um trabalho urgente se impõe...: encarai uma ação social extensa para melhorar a situação gravemente deficiente de uma boa parte da população rural, como também de importantes frações do proletariado urbano. É urgente incitar as classes dirigentes a tomarem consciência das exigências da justiça social e da necessidade de uma dedicação pessoal na assistência caritativa, mas sobretudo é preciso empreender sem tardança a formação de elites populares no meio rural e urbano, fermento misturado à massa" (Pio XII, D.P. 125, § 31,42).

Ora, como seria possível que moças apegadas ao dinheiro e ao lucro, na escolha da profissão ou do marido, fossem as obreiras da promoção econômica das suas irmãs do proletariado rural e urbano? Daí a insistência da nova Eva, pobre esposa de um carpinteiro galileu, contra tôdas as formas da ostentação (inclusive nas formaturas) e em prôl de um estilo

de vida simples. Como conseguir isso, se a moça não se acostumar a tomar nota, num caderno especial, das despesas diárias?

b) *promoção social*, não sō de algumas, mas de tōdas, pela dedicaçāo voluntária de cada uma e pela estima dos humildes trabalhos domēsticos.

Dizia ainda Pio XII às mesmas ouvintes:

"Podeis e deveis fazer vosso, sem restrições, o programa da promoçāo da mulher que levanta numa imensa esperançā a multidāo incontável das vossas irmãs ainda submetidas a costumes degradantes ou vītimas da miséria, da ignorância do seu meio, da falta total de meios de cultura e de formaçāo. Mas essa promoçāo da mulher, vōs a quereis concebida em tērmos cristãos, na luz da fē, na perspectiva da Redençāo e da vossa vocaçāo sobrenatural" (Pio XII, D.P. 125, § 4).

E, falando da Amērica Latina ao II Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos em 1957, Pio XII acrescentava:

"Apliquem-se a formar sistemáticamente e a por em obra os apōstolos leigos. Depois, introduzam-se no ensino, da escola primária até à universidade, homens e mulheres católicas exemplares como docentes e como educadores. Em terceiro lugar, sejam êles metidos na direçāo da vida econômica, social e política" (Pio XII, D.P. 127, parte II, § 47).

Como o Vigário de Cristo, nesta última frase, não falava de outras pessoas diferentes das mencionadas na precedente, devemos concluir: Pio XII desejava que as mulheres católicas tomassem suas responsabilidades não sō no apostolado leigo e nas escolas primárias, mas ainda no ensino universi-

tário e nas funções diretivas da vida econômica, social e política da América Latina.

Mas este imenso esforço de promoção social feminina, perdida pela nova Eva à cada moça, difere da emancipação social preconizada pelo demônio num ponto bem preciso: não só a ausência completa de desprezo, mas ainda a estima positiva pelos trabalhos domésticos e pela vida no lar familiar, cuja melhoria finaliza as recomendações precedentes.

Falando, a 19 de janeiro de 1958, a 15.000 "trabalhadores de casa" (expressão mais adequada do termo aqui usual de "empregadas"), Pio XII explicou de uma maneira profunda a superioridade do trabalho doméstico para com o trabalho agrícola, industrial ou de escritório (setores primário, secundário e terciário da economia moderna, cujos teóricos desconhecem o valor econômico do trabalho feito em casa!):

"O serviço doméstico supera-os em dignidade, porque, enquanto o termo destas funções consiste ordinariamente nas 'coisas', o do serviço doméstico está mais perto da pessoa humana: isto é, ajudais mais diretamente o vosso próximo nas suas necessidades." (Pio XII, M. Clément, p. 223).

Como, hoje em dia, estes trabalhos domésticos são desprezados por muitas, será preciso que a mulher católica obtenha da Virgem Nazaretana, dona de casa que jamais gozou dos serviços de uma "empregada", mas empregou-se ao serviço das outras, a graça de amá-los e praticá-los com perseverança.

Não é verdade que a Mãe de Deus e Rainha da Criação preparava as refeições, cozinhava, buscava a água, cuidava do

jardim e dos animais, confeccionava as vestes da Sagrada Família? Ufanava-se de tudo isso, e não duvidava de que, também dêste modo, era a serva do Senhor, e cooperadora na Sua obra redentora.

c) *promoção maternal de tôdas, pela humilde submissão ao plano de Deus sôbre a condição feminina; promoção da mulher por numerosas maternidades:*

Êste terceiro aspecto do programa da Virgem Deípara opõe-se frontalmente ao terceiro ponto programado pelo demônio: a "emancipação fisiológica", eufemismo destinado a significar a negação da função primariamente material da mulher, e, logo, da condição feminina.

A Virgem Deípara quer a promoção maternal de tôdas as mulheres, seja no plano espiritual, seja no plano psico-somático. A primeira, que resulta da virgindade, é a mais vasta e a mais fecunda:

"como poderia Santa Francisca Xavier Cabrini suportar tantos incômodos e trabalhos, se tivesse de prover às necessidades corporais e espirituais dos filhos e do marido?" (Pio XII, D.P. 107, § 19).

Casada, não teria sido a "incansável mãe dos emigrantes" já canonizada por Pio XII, embora ainda viva em 1917!

A promoção maternal no plano psico-somático será o modo mais comum de realizar a vocação maternal feminina. Será neste quadro que a mulher encontrará, não uma escravidão, de que seja preciso libertar-se, mas uma plenitude, e a satisfação

das suas aspirações profundas.

Enquanto o demônio "homicida desde o princípio" (Jo 8,44) quer impedir os nascimentos, e o desejo de propagar a vida, a Mãe espiritual de todos os homens quer que numerosas mulheres gerem numerosos filhos aos quais Ela poderá, nas águas do batismo, e de suas lágrimas derramadas ao pé da cruz, conferir por sua intercessão, a vida divina.

Dizia Pio XII a 20 de janeiro de 1958.

"As famílias numerosas são mais abençoadas por Deus, queridas e estimadas pela Igreja como os tesouros mais preciosos. Destas recebe, com efeito, com mais evidência um triplice testamento... Quando são encontradas com frequência, as famílias numerosas atestam a saúde física e moral do povo cristão, a fé vivida em Deus e a confiança em sua Providência, a santidade fecunda e feliz do casamento católico... O valor do testemunho dos pais de famílias numerosas não consiste apenas em rejeitar sem meios-térmos qualquer compromisso intencional entre a lei de Deus e o egoísmo do homem, mas na prontidão em aceitar com alegria e gratidão os inestimáveis dons de Deus que são os filhos, e no número que lhe apraz" (Pio XII, D.P. 124, § 4,9).

A jovem católica de hoje, discípula sincera da nova Eva, terá, como imagem mental ideal da mulher casada, a visão de uma mãe de família numerosa, e que não se envergonha, mas se ufana humildemente disso.

Uma coroa de filhos numerosos promoveria a mulher cristã na sua felicidade feminina. Mas esta promoção maternal, quantitativa, é concretamente inseparável da humilde e incondicional busca e aceitação da vontade divina em todas as direções, inclusive quando se manifesta através da autoridade

de um marido.

Nesta autoridade, exprime-se o que santo Agostinho chamava: "*a ordem do amor*". A mulher moderna tem t \hat{o} da raz \hat{o} o quando afirma que, como pessoa, est \hat{a} fundamentalmente igual a seu marido, como o reconhece a Igreja. Ambos s \hat{a} o iguais no tocante aos direitos e deveres rec \hat{i} procos. "*Quanto ao resto, deve existir uma certa desigualdade*", prosseguia Pio XI; "*a ordem do amor implica a pronta sujei \hat{c} o e obedi \hat{e} ncia da mulher*" e dos filhos. Tal obedi \hat{e} ncia \acute{e} fonte de seguran \hat{c} a e exerc \hat{i} cio aut \hat{e} ntico da liberdade para a mulher casada, e a mo \hat{c} a deve j \hat{a} abra \hat{c} ar esta perspectiva como "*estrutura essencial da pr \hat{o} pria fam \hat{i} lia e sua lei firmemente estabelecida por Deus*" (Pio XI, D.P. 4, \S 28 cf. \S 29), o que ser \hat{a} imposs \hat{i} vel sem uma convic \hat{c} o profundamente enraizada da fonte divina de t \hat{o} da autoridade, sem o exerc \hat{i} cio da humildade de mente, da vontade e do cora \hat{c} o.

N \hat{a} o haver \hat{a} promo \hat{c} o feminina, nem educa \hat{c} o s \hat{e} ria da mocidade feminina, l \hat{a} onde n \hat{a} o reluzir, como raios ca \hat{i} dos das m \hat{a} os maternais de Maria Imaculada, o valor, a beleza e a felicidade da vida de uma m \hat{a} e de fam \hat{i} lia numerosa, humildemente submetida a seu marido pelo amor de Cristo, l \hat{a} onde n \hat{a} o brilhar a dignidade e a utilidade, maiores ainda, da maternidade espiritual alcan \hat{c} ada pela consagra \hat{c} o virginal a Deus.

Mas, se repararmos bem, a tr \hat{i} plice promo \hat{c} o feminina realmente dada pela nova Eva a suas continuadoras n \hat{a} o s \hat{o} se op \hat{o} e \grave{a} tr \hat{i} plice emancipa \hat{c} o falsamente prometida pela serpente demon \hat{i} aca a Eva moderna, mas ainda retem t \hat{o} das as partes

de verdade contidas nos erros desmascarados; a Igreja, longe de escravizar a mulher, como pensam os socialistas partidários da emancipação feminina, libertou a mulher, e procurará sempre aperfeiçoar esta libertação em três planos.

– *libertação econômica*: a Igreja não poupou esforços para arrancar a mulher à escravidão capitalista e marxista; reconhece o direito de propriedade pessoal da mulher mesmo casada assim como seu direito ao trabalho: "*quanto às mulheres, seja-lhes facultado trabalhar em condições adequadas às suas necessidades e deveres de espôsas e mães*" (João XXIII. D.P. 141, § 19), os direitos da pessoa humana do sexo feminino, na esfera econômica, são "*universais*" (competem a todas as mulheres), "*invioláveis*" (mesmo pelo marido), e "*inalienáveis*" (a mulher não pode renunciar a seus direitos, mesmo a pedido de seu marido, embora não tenha sempre a obrigação de exercê-los), a Igreja, ao proclamar tudo isso, afirma também o direito da mulher a um salário igual ao do homem, para o mesmo trabalho; enfim, a espôsa, provida dos necessários conhecimentos, poderá livremente, com o consentimento e autorização de seu marido, gerir e administrar seus negócios privados, sempre que isso fôr para o bem da família no conjunto;

– *libertação social*: perante um certo paganismo masculino desejoso de fazer da mulher uma escrava da casa, em lugar de ser a dona dela, a Igreja reage, relembra ao marido que a obediência não obriga sua esposa

"a condescender com todos os caprichos de homem, por menos conformes que sejam à própria

razão ou à dignidade da esposa, nem exige que a mulher se equipare às menores, as quais se não costuma conceder o livre exercício de seus direitos (Pio XI, D.P. 4, § 27).

a mulher é maior, adulta, não criança. A Igreja sauda o "ingresso da mulher na vida pública" (João XXIII, D.P. 141, § 41), e em tôdas as profissões dignas dêste nome como a "superação de opiniões seculares que admitiam classes inferiores e superiores derivadas do sexo". (João XXIII, D.P. 141 § 43); tais opiniões constituíam, mesmo se professadas por cristãos, remanescentes do paganismo;

- *libertação física e fisiológica*: não no sentido de afastar a mulher casada da maternidade física ou dos deveres conjugais, muito pelo contrário; mas no sentido de libertar o corpo feminino de todos os encargos desnecessários, e mesmo contra-producentes, para o desempenho das funções de mãe, de esposa e de educadora; ainda no sentido de libertar a mulher de uma tirania masculina e pagã, sempre renascente, que a reduzisse à condição de uma máquina de reprodução e perpetuação da raça, de genitora irracional, destinada a procriar (e anualmente) o máximo número de filhos possíveis, quaisquer que fôssem as conseqüências médicas, econômicas e sociais. Contra todas estas deformações pagãs, a Igreja regozija-se ao ver a mãe de família libertada de muitos cuidados domésticos pela descoberta de novas máquinas que vêm substituindo o trabalho humano; o ideal da Igreja é que a esposa tenha o maior número possível de filhos, não absoluta, mas relativamente, isto é, o maior número de filhos que seja possível

educar bem, levando em conta os auxílios extraordinários que a divina Providência não recusa àqueles que colocam nela a sua confiança:

"Deus, dizia Pio XII, não recusa os meios de viver àquele que traz a vida... O número de filhos não impede a sua excelente e perfeita educação; o número, neste assunto, não traz desvantagem para a qualidade no que se refere aos valores tanto físicos como espirituais" (Pio XII, D.P. 124, § 16, 22)

simultaneamente, Pio XII admitia a liceidade moral, não do controle artificial dos nascimentos, mas de uma "regulação de prole", baseada na observância dos períodos infecundos e abraçada só por motivos sérios de natureza médica, eugênica, econômica e social.

O mesmo Pontífice admitiu a liceidade do emprêgo das técnicas psico-somáticas do parto sem dor que descreveu longamente. Descoberto por cientistas ateus, este método procura "levar a mãe a estimar a grandeza natural e a dignidade do que se cumpre no momento de dar à luz". Esta confissão, da parte daqueles que advogam a "emancipação fisiológica" da mulher, conduz-nos a reconhecer o verdadeiro sentido da libertação fisiológica da mulher propugnada pela Igreja: a utilização racional das descobertas industriais (máquinas), psico-somáticas (parto sem dor) e físicas (períodos infecundos ou fecundos) pela mulher desejosa de expandir plenamente sua liberdade de ser mãe e educadora, no sentido humano e não só animal da palavra: mãe.

Eis a parte de verdade contida no feminismo socialista que propala a tríplice emancipação da mulher. *"Todo êrro contém uma parte de verdade"* (Pio XI, D. P. 1, § 15), observava Pio XI ao falar do comunismo em geral. Se as mulheres de hoje quiserem escapar às ciladas da antiga serpente, têm que procurar esta joia da verdade escondida no êrro, e salientá-la. Hoje, a condenação da tríplice emancipação seria muito mais matizada de que na época de Pio XI, em 1930. Devemos reconhecer que o movimento feminista de nosso tempo decorre de fontes bem diferentes: o cristianismo por um lado, o liberalismo e o marxismo pelo outro. É isso que insinuou João XXIII

O feminismo é um *"movimento histórico de finalidade econômica, social cultural e política"*; como diria João XXIII, um movimento que encontra (parcialmente) *"sua origem e inspiração em falsas idéias filosóficas sôbre a natureza, a origem e o fim do universo, do homem"* e da mulher (João XXIII, D. P. 141, § 159). Cumpre não identificar o movimento histórico, *"sinal dos tempos"* com a doutrina falsa que lhe condicionou em parte a vida. *"Quem ousará negar que nesses movimentos, na medida em que concordam com as normas da reta razão e interpretam as justas aspirações humanas, não possa haver elementos positivos dignos de aprovação?"*, perguntava ainda João XXIII.

A história comparada da Igreja e do feminismo mostra como a nova Eva, Maria, serviu-se dos erros favorecidos pelo demônio, pai da mentira, a fim de manifestar, libertar e promover, em todos os planos inclusive no temporal, suas filhas

e irmãs. Como o demônio quer semear a confusão, e como Maria é Genitora da Luz e da Verdade, evitaremos de falar em emancipação feminina, embora se possa definir favoravelmente tal noção; a palavra, além de ser um chavão marxista, evoca demais a idéia de uma revolta contra a condição feminina, e não só contra algumas injustiças temporárias de que foi, e é ainda, vítima o sexo feminino; falemos preferivelmente em libertação da mulher (como a Igreja falou da libertação dos escravos no século XIX) e, com Pio XII, em sua promoção. Tais matices verbais têm sua importância, revelando e plasmando uma mentalidade.

A Virgem Mãe de Deus, ao apresentar o seu programa à mocidade feminina de hoje, quer seja bem entendida a natureza, e a finalidade, de verdadeiro feminino:

"não se trata só de um debate escolar sobre a mulher em si, mas de um debate histórico sobre a mulher em nossa sociedade, nem de suprimir a diferença entre sexos! O movimento feminista é menos uma insurreição da mulher contra a feminidade de seu sexo, prossegue o filósofo católico Vilatoux, do que uma queixa profunda e uma comum reação instintiva contra uma sociedade que não soube aceitar os requisitos essenciais da natureza feminina" (J. Vialatoux, XIX).

Tal é o feminismo como luta necessária contra a injustiça social anti-feminina. Mas é preciso focalizar o aspecto mais positivo do autêntico feminismo.

"O verdadeiro feminismo, escreve o famoso jurista dominicano, Pe. Renard, é um esforço racional e refletido para perscrutar de mais perto a natureza da mulher, no que lhe é comum com toda a natureza humana e no que a difere

ferença de outro sexo, para apreciar mais exatamente o rendimento de que é capaz; para adaptar mais útilmente suas energias às oportunidades do meio histórico; numa palavra, para permitir à mulher a realização mais plena de sua humanidade e de sua feminidade". (J. Leclercq, La Famille).

Este verdadeiro feminismo pressupõe e integra uma doutrina sobre as relações da mulher com a natureza física, com a sociedade humana e com o Criador de ambas: isto é, sobre a promoção econômica, social e fisico-pessoal da mulher. Esta exposição já foi esboçada aqui, e convém agora somente frisar que o feminismo não será plenamente verdadeiro, ficará gravemente truncado se se contentar com um perscrutar da natureza da mulher, sem olhar para a sua elevação à ordem sobrenatural, que culminou historicamente em Maria, Virgem perpétua, espôsa de S. José, Mãe do Deus Salvador, a Mãe da Igreja universal. Na maior parte dos casos, confessamo-lo francamente, o feminismo contemporâneo permanece não só truncado, mas ainda ineficaz, porque lhe falta a base e a coroa: a figura protetora de Maria Imaculada e Asrsunta. Não podemos deixar de ver nisso a ação e o dedo de Satanaz, inimigo mortal da Mulher bendita que o desalojou e sobre a qual o demônio quer lançar um véu de silêncio e de esquecimento, quando não é de blasfêmia.

Estas últimas considerações abrem-nos um caminho para os desenvolvimentos mais concretos da nossa terceira parte: dar às futuras mulheres uma educação especificamente feminina?

III. Dar às futuras mulheres uma educação especificamente feminina?

1. Necessidade:

"Encontramo-nos agora num mundo onde, transformada em trabalhadora, a mulher não cumpre senão subsidiariamente as funções de esposa e de mãe" (observam várias mulheres). Entre estes dois aspectos da sua vida, a mulher está física e moralmente dilacerada. Como lhe dar uma educação que a prepare para as várias profissões, mas sobretudo para a profissão feminina por excelência: a maternidade educadora?

Muitos e muitas ainda não se deram conta de que é irracional pretender educar e instruir do mesmo modo rapazes e moças, cujas funções e vocações na sociedade são distintas, embora complementares. As moças têm direito a uma educação própria. E a sociedade tem o dever de a fornecer.

Pio XII pronunciou-se sobre o assunto em termos insofismáveis:

"Temos delineado o programa dos deveres da mulher, cujo objeto prático é duplo: preparação e formação para a vida social e política, desdobramento desta vida política e social no domínio privado e público.

A função da mulher assim entendida, é claro, não se improvisa. O instinto maternal é nela um instinto humano, não determinado pela natureza até nos últimos pormenores de aplicação; é dirigido por uma vontade livre, e esta, em seu turno, guiada pela inteligência. Daí decorre o valor moral e a dignidade deste instinto, como a sua imperfeição que deve ser compensada e resgatada pela educação. A educação feminina da moça e, frequentemente, da mulher é, logo, uma condição necessária da sua preparação e formação para uma vida digna delas... No imenso tesouro da cultura ca-

tólica, os problemas da mulher têm, em virtude de de uma longa tradição e graças às obras de mestres insignes, um lugar de destaque."
(Pio XII, 1945).

É possível apanhar assim o pensamento de Pio XII: a educação e a instrução especificamente femininas consistirão essencialmente em preservar, aperfeiçoar, racionalizar, sobrenaturalizar e divinizar o instinto materno, inato em cada menina e moça, mas ainda indeterminado, porque é humano e não puramente animal. É o dado básico e inegável, próprio do sexo feminino, deste instinto materno que justifica e exige uma instrução e educação especificamente femininas. "*Mestres insignes*", como Fénelon, Dupanloup, Madame Daniélou e muitos outros, frisaram estes problemas da instrução feminina. Depois deles, Pio XI, na sua encíclica sobre a educação expressiu o pensamento da Igreja sobre a necessidade de dispensar uma educação própria, logo, separada, às moças.

Um primeiro problema surge: como reconhecer que uma moça pode prosseguir proveitosamente estudos secundários e universitários? Não faltam critérios de fácil aplicação. É preciso:

a) que a moça se sinta à vontade nestes estudos e os domine;

b) que descubra neles um interesse intrínseco, graças ao qual tais estudos estructurem a vida dela em lugar de ficar na superfície de seu ser;

c) que conserve a liberdade de espírito necessária para prestar atenção a horizontes não livrescos: cultura reli-

giosa, artística e familiar.

Presentes estes sinais (complacência, interesse alegre, lazes judiciosamente empregados), poderemos dizer que uma moça está no seu caminho ao prosseguir estudos secundários e sobretudo superiores. No caso contrário, perigará a vocação própria feminina e maternal da moça.

Solucionada esta primeira dificuldade, às vezes muito séria, uma outra aparece: como equilibrar e integrar os elementos de formação doméstica e técnica com os mais intelectuais de modo a obter uma formação tipicamente feminina e totalmente tal? Como superar o dilema: mulher caseira ou mulher intelectual?

Várias tentativas foram feitas, aqui no Brasil, e alhures, em particular no Canadá, onde Monsenhor Tessier, tendo percebido que a fórmula das escolas domésticas com predominância de ensinamentos técnicos estava superada, fundou os "Institutos familiares", em 1937. Em 1959, estes Institutos já eram 47, com mais de 3.000 alunas.

O que é um Instituto familiar? Um educandário de nível secundário, com 4 anos de estudos (de 16 a 20 anos). 60% das aulas são consagradas às atividades intelectuais, 40% à formação prática em que ainda tem o seu papel a inteligência. A tentativa foi um brilhante êxito, efetivando uma síntese de educação funcional (concebida em função da família) e personalista (sem o matiz de desprezo que o adjetivo tem em certos casos).

Tais Institutos satisfazem, por sua programação, o desejo exprimido pelo famoso médico autor, Alexis Carrel.

"Criar galinhas ou carneiros é uma profissão infinitamente menos difícil do que educar pequenos seres humanos; contudo, quem deseja criar animais segue uma aprendizagem especial numa escola de agricultura. Ninguém teria a loucura de preparar-se para este trabalho pelo estudo da literatura, das matemáticas ou da filosofia: não obstante, tal é a loucura que praticam hoje as moças. A maior parte delas não sabe praticamente nada fora dos programas escolares.

Elas chegam ao matrimônio totalmente ignorantes da sua profissão de mulher. É evidente que, para inculcar à mocidade feminina sua função específica na sociedade, escolas especiais são necessárias: escolas onde as moças aprenderão as realidades da vida e a formação racional das crianças.

Uma tal educação pede vários anos. Não se assemelha em nada ao ensinamento dado hoje nas escolas domésticas, ou nas escolas de puericultura. Trata-se, com efeito, de realizar a formação harmoniosa das atividades femininas, corporais como mentais; atividades que não são menos elevadas do que as dos homens mas de um caráter diferente; porque, na espécie humana, a estrutura orgânica, nervosa e mental da mulher está longe de ser semelhante à do homem.

Dar a mesma educação aos rapazes e as moças é uma concepção antiquada, uma sobrevivência da era pré-científica da história da humanidade". (A. Carrel).

Um dos aspectos mais felizes destes Institutos familiares consiste em educar o instinto maternal da moça confiando às alunas maiores responsabilidades para com as menores. Aquelas, chamadas de "mães", assistidas por "irmãs", cuidam da disciplina das suas "filhas", descobrindo as particularidades temperamentais delas, assim ajudadas, aconselhadas e corrigidas. Estas "equipes familiares" exercem uma profunda

influência sôbre o desenvolvimento da personalidade feminina, dando às adolescentes equilíbrio e madureza, prevendo muitos problemas afetivos inerentes a esta idade difícil e desenvolvendo nelas o sentido altruísta.

2. *Seu aspecto social*

No tocante às atividades intelectuais, uma instrução humana e cristã especificamente feminina deveria ser tal no domínio sócio-literário e religioso. Quando é que os Institutos religiosos femininos comporão e publicarão antologias de textos literários do Brasil em que sejam focalizados os problemas femininos e as soluções que receberam no decorrer da história? Como seria atraente o papel da professora que, através da literatura e da história, mostrasse a contribuição da mulher como mãe, espôsa, viúva, solteira e trabalhadora (fora e dentro do lar) para o bem-estar e o progresso da sociedade humana!

Frisar-se-ia como e por quais motivos o racismo ameaça mais gravemente a mulher do que o homem, isto é, aquela é mais fãcilmente racista do que êste, mais acessível (não digo sempre e por tôda a parte, mas no Brasil do século XX) aos preconceitos racistas. Seriam apontadas as profissões ainda vetadas à mulher no Brasil contemporâneo (não pode inscrever-se no concurso para o Banco do Brasil, por exemplo!). Analizar-se-ia a sedução particular que apresentam o espiritismo e os cultos africanos aos olhos da Brasileira: não seria interessante colocar frente a frente, numa explicação insepará

velmente literária, social e histórica, a freira adoradora do S. Sacramento e a "mãe de santo", sacerdotisa do Candomblê. E quem é que assumiria a responsabilidade de calar, perante a juventude feminina, sobre o terrível drama da prostituição, descrito pelo Pe. Barruel de Lagenest, O.P.? Se não mostramos, em termos objetivos e sociológicos, e não só moralizantes, porque e como muitas mulheres acabam no bordel ou no terreiro, não fazemos a educação social das nossas alunas.

Mediante o estudo da literatura e da história, temos amplas ocasiões de ajudar as moças a ver a condição da mulher no decorrer dos séculos e hoje, a julgar esta situação à luz da razão e da fé, e a agir para incentivar e apressar sempre mais a promoção das suas irmãs. Ver, julgar, agir: o método recomendado por João XXIII na formação social deve ser aplicado em particular no estudo dos problemas femininos pela juventude feminina.

Mas a visão exata do presente que condiciona o juízo e a ação da apostola no futuro, será tanto mais rica que se situará mais no fundo de tela de um conhecimento mais aprofundado da história passada da condição feminina, no nível da história das civilizações e das religiões. O fato de que a agricultura foi, segundo muito autores uma invenção feminina ajuda a entender que a inferioridade social da mulher na chamada "*civilização ocidental*" não era inata, mas adquirida. Raras são as mulheres que tenham, hoje, consciência do fato! Contudo, a constatação da atual inferioridade social da mulher do campo para com a sua irmã da cidade ajudará a moça e

estudante a compreender como, em 1889, a jovem Laura da Silveira conclamava "aos homens para que completassem a libertação dos escravos negros, dos brancos, do povo e da pátria, libertando suas próprias mães, mulheres, filhas e irmãs". Quantas entre as mulheres hodiernas se dão conta de que, ainda na segunda metade do século XIX, a imensa maioria das mulheres não recebia instrução nenhuma, mesmo nos meios sociais em que os homens eram alfabetizados? Daí resultava uma "insociabilidade" da mulher brasileira incapaz de falar com os viajantes, desacostumada, para não dizer proibida, de sair do lar senão para ir à igreja, vigiada, e como que encarcerada, sucessivamente pelo pai, pelo marido e pelo filho!

Constatados tais fatos sociológicos, que constituem sobrevivências pagãs dentro de uma "civilização" ainda não completamente penetrada pelo fermento do Evangelho de Jesus, Filho de Maria, será mais fácil justificar o conjunto das reivindicações da ONU, em 1946, em prol da mulher, a ser libertada de seu antigo estado de inferioridade pelos 10 meios seguintes: 1) sufrágio universal; 2) eleitorado passivo; 3) participação em pé de igualdade a tôdas as funções públicas; 4) abolição da diferença nas condições sociais e nos costumes; 5) igualdade de retribuição; 6) igualdade no matrimônio (liberdade de escolher o marido, monogamia, direito igual de obter a separação); 7, comum exercício do pátrio poder; 8) direito de conservar a própria cidadania e direito dos filhos de optar pela cidadania materna; 9) direito à independência econômica, com faculdade de possuir bens autônomos, administrar, herdar; 10) abolição da prostituição.

Tal é o programa da sub-comissão da ONU sobre o estatuto da mulher. Um católico pode subscrevê-lo quase inteiramente, matizando contudo, e sobretudo completando algumas afirmações. Infelizmente, o programa não menciona o direito da mulher a receber uma educação específica, que a prepare para desempenhar perfeitamente sua tarefa de mãe e de esposa. Nem tampouco menciona o direito da mulher de não casar e de consagrar-se totalmente a Deus. Mas, evidentemente, não era possível esperar que a União Soviética subscrevesse tal declaração!

Talvez alguns dos autores tenham partilhado dos erros de orientação de muitos e muitas orientadores e protagonistas do movimento feminista, como Simone de Beauvoir "*considerar que o problema da feminilidade se resolve dando à mulher uma igualdade exterior de direitos e de ações*", por ulteriores quedas de barreiras sociais, econômicas e materiais. Este aspecto do problema é importante em si e como condicionalmente parcial do verdadeiro problema, de natureza psicológica e religiosa: o reconhecimento e a aceitação total, pela mulher, da sua própria feminilidade, com todos os seus valores, mas também com as suas limitações, coisa impossível fora de uma mundividência religiosa, da fé num Deus pessoal.

Este erro de orientação é comum aos existencialistas ateus e aos marxistas, por causa de suas premissas materialistas e foi justamente denunciado pelos psicólogos e psicanalistas: "*na experiência psicanalítica, encontramos continuamente mulheres diplomadas, profissionais, economicamente in-*

*dependentes, atormentadas por conflitos inerentes à sua femi-
nilidade não integrada". A feminilidade, como a condição mas-
culina, é uma parte, uma parte só (embora invada o tudo) que
deve ser integrada pelo Eu livre e imortal na totalidade da
sua personalidade psico-somática e isso é meta inatingível
fora de uma relação pessoal com o Deus vivo. Daí a falência
terapêutica de muitos psicólogos, que desprezam ou negam es-
ta relação pessoal. O problema social da mulher é condiciona-
do por um problema de formação religiosa.*

3. Necessidade de uma educação especificamente feminina no plano religioso:

Se o fim da educação feminina é a aceitação grata e fe-
liz da sua vocação pessoal, maternal e social pela educanda,
é claro que a futura mulher, muito mais do que o homem, tem
que prestar atenção às verdades que Deus revelou sôbre a mu-
lher, às mulheres e para a salvação delas.

A catequese das adolescentes deverá frisar estas verda-
des, tais como são ensinadas pela Bíblia, sistematizadas pe-
lo Magistério vivo da Igreja, e exemplificadas nas vidas das
santas que Ela apresenta como modêlos a tôdas as moças. A e-
ducação religiosa deverá ser especificamente feminina no pla-
no bíblico, magisterial e hagiográfico. E estas três linhas
convergirão para focalizar o papel de Maria.

a) no plano bíblico:

As alunas estudarão de um modo peculiar os livros de

Ruth, Esther, Judith, e o papel da rainha-mãe na monarquia da vídica; dentro do Nôvo Testamento, o evangelho de S. Lucas, que é o evangelho da mulher; refletirão, à luz dos textos, sôbre o papel de Madalena, da Samaritana, das santas mulheres, de Prisca e Lídia, colaboradoras do apostolado de S. Paulo (Atos dos Apóstolos, 18,18 sq; 16,14), na evangelização do mundo judeu e pagão de então. Não só analisarão a condição social da mulher nos tempos bíblicos, mas procurarão entender, através das páginas do texto inspirado, até onde a mulher pode descer ou subir na vida moral e religiosa, e sobretudo o que Deus quis nos ensinar sôbre o destino pessoal e a função social da mulher. Conviria redigir um manual nêste sentido. Nêle deveria ser frisado um fato negativo de grande importância: não se observa, na vida de Jesus, que qualquer mulher tenha tomado posição contra o Salvador. Enquanto os A-póstolos, salvo João, abandonavam o Mestre crucificado, as mulheres permaneciam ao pé da cruz. Dada a inferioridade da condição social da mulher na sociedade judia, tratava-se, da parte destas mulheres judias, de uma audaciosa e irrestrita adesão às doutrinas e à pessoa de um Homem condenado e excomun-gado pela sinagoga. De uma libertação em prol do Libertador!

O ponto importante seria que as alunas tomassem um contacto imediato com o texto sagrado, possuído por cada uma, e que algumas fôsem encarregadas de palestrar sôbre os referi-dos assuntos perante as colegas. Evidentemente, os textos bíblicos sôbre Maria seriam objeto de uma particular atenção. Embora poucos, são muito ricos de conteúdo.

b) *no plano do Magistério da Igreja:*

O sentido das sagradas Escrituras permanece, às vezes, escuro. Deus confiou a sua guarda e interpretação ao magistério vivo da Igreja, norma próxima e universal de verdade em matéria de fé e de moral. O dado revelado na Bíblia sobre a mulher será retamente entendido só à luz deste magistério vivo. Por isso, convém que as moças estudem de um modo orgânico a doutrina da Igreja sobre a mulher tal como aparece nos documentos pontifícios.

Sugerimos aqui o plano seguinte, exequível no prazo de um ou dois anos, conforme o caso: os números indicam os respectivos documentos pontifícios publicados pela Editora Vozes:

introdução: vocação da mulher e sua tarefa na vida social e eclesial: 125.127
 primeira parte: a moça: 59, 60, 126, 136;
 segunda parte: tarefas e problemas da esposa e da mãe: 4, 7, 61, 76, 82, 86, 113 e 124;
 terceira parte: a viúva: 124;
 quarta parte: a mulher consagrada a Deus: 107, 137 e 139;
 quinta parte: Maria Santíssima: aqui seguimos a ordem lógica dos assuntos:
 94 (maternidade divina), 48 e 105 (imaculada concepção), 78 e 110 (assunção e realeza), 56, 97-102, 121 e 138 (Rosário e maternidade espiritual, tema também muito bem desenvolvido pelo documento 48: encíclica de S. Pio X, "Ad diem illum").

Nestas aulas, seria o próprio texto do Papa que serviria de manual, possuído por cada aluna, o que é fácil, dado o preço módico e considerada a brevidade do documento.

Um tal estudo de conjunto, metódicamente feito, daria à moça uma visão sintética dos problemas que deve enfrentar, norteada pela fé católica, a mulher moderna.

c) *no plano hagiográfico:*

As moças são destinadas por Deus a atingir, não um grau de virtude qualquer, mas a perfeição, a realizar uma santidade feminina conforme a doutrina do Novo Testamento aplicada às necessidades da nossa época pelo magistério vivo da Igreja. Ora, o magistério da Igreja cumpre com a sua função de ensinamento ao apresentar, pelo pronunciamento infalível das canonizações, modelos autênticos da santidade cristã aos fiéis. E no decorrer dos séculos XIX e XX, sem falarmos dos precedentes, a Igreja canonizou um número crescente de mulheres!

Ordinariamente, a santidade femina não será atingível senão por uma imitação, aliás original, das mulheres já santificadas por Deus através da Santa Igreja. Elas mesmas não chegaram à santidade de outra maneira. A juventude gosta de heróis e de heroínas. Às vedetas, devemos opor as santas, que poderíamos chamar as vedetas de Cristo e de sua Igreja. Nenhuma pedagogia feminina será completa se não fornecer ocasiões concretas de contactos íntimos com as vidas, as obras, as façanhas das santas. Todas elas repetem às moças: "*Sêde minhas imitadoras, como eu a sou de Cristo*". (cfr. Cor. 11,1).

Não podemos nos deixar vitimar por esta cilada do demônio: *"as vidas das santas são mal escritas, não é possível propô-las a mocidade feminina de hoje"*. Muitas são bastante bem escritas (mesmo se não obras-primas do ponto de vista literário) para serem lidas com interêsse. Isso vale sobretudo das autobiografias (como as de Santa Teresa do Menino Jesus e de Santa Teresa de Ávila) e das vidas das santas modernas, cheias de fatos reais e de nenhum modo imaginados.

Estas vidas de santas são os romances verdadeiros e históricos do amor divino, do amor sobrenatural para com o próximo, que superam imensamente em atração os romances de um certo amor humano. Nêstes, por via de regra, triunfa o fatalismo fictício das paixões desordenadas do velho Adão e da velha Eva, o psiquismo inferior sôbre o psiquismo superior. Naqueles, pelo contrário, patenteia-se a vitória da liberdade feminina, internamente sustentada pela graça divina, assim como a santificação e a divinização, por esta Graça onipotente, da imaginação e da sensibilidade da mulher.

Seria então de aconselhar que as próprias alunas apresentassem, no quadro de aulas de religião, as santas que condissessem mais com as necessidades da juventude moderna. Mártires como Blandina de Lião ou Maria Goretti, apóstolas leigas como Catarina de Sena, ou Joana de Arc, educadoras como Santa Luiza de Marillac ou a Bemaventurada Paula Frassinetti, ou Santa Maria Eufrasia Pelletier, confidentes de Maria Imaculada como as santas Catarina Labouré e Bernadette Soubirous, não deveriam ser menos familiares às alunas dos nossos edu-

candários do que as estrêlas do cinema, para me exprimir em Litotes! Se as educandas resumissem, numa breve exposição, o sentido de uma tal vida para o benefício das suas colegas, e-las teriam uma ótima ocasião de descobrir por dentro as maravilhas da graça divina na alma humana.

Verificariam concretamente como se realizou, na história humana, êste conselho que dava Pio XII às moças italianas, a 17 de maio de 1942:

"Vossa decisão, vossa palavra franca, vossa atitude ajudar-vos-ão a vos defender. Na rua, nas reuniões, nas lojas, nas oficinas, nos escriptorios, nas Universidades, nas bibliotecas, uma palavra vigorosa vos libertará de um insolente, um riso franco desencorajará um namorado inoportuno, num gesto amável vossa mão lançara ao fogo ou na lama o desenho, o periódico, o livro oriundos do lodo de onde nunca deveriam ter saído" (Pio XII).

Descobririam a epopéia missionária feminina, esboçada no século XVII por Marie de l'Incarnation no Canadá francês, e encarnada no século XIX pela Bemaventurada Madre Javouhey, A partir do século passado, esta presença da mulher nas missões corresponde, dentro da Igreja, à feminina na sociedade civil.

Mediante tudo isso, perceberiam melhor as alunas dos nossos colégios suas imensas possibilidades no domínio da catequese. Um dos critérios a adotar para poder julgar da eficácia da educação dada por nossas instituições católicas é o número de catequistas e de freiras que saem delas. Os Institutos familiares do Canadá foram um incontestável êxito neste

último plano: deram à Igreja 1.500 Religiosas.

Conclusão: a Promoção da Mulher, dever e direito feminino em prol de toda a humanidade:

Conclamando as mulheres italianas, dizia Pio XII em 1945:

"O destino da família e da comunidade humana está em jogo: ambas estão em vossas mãos. Por conseguinte, toda mulher, sem exceção, tem o dever, o estrito dever de consciência de não ficar ausente, mas de agir para conter as correntes que ameaçam o lar, para combater as doutrinas que fazem vacilar os seus fundamentos, e para levar adiante a sua restauração" (Pio XII, 1945).

Numa nação onde muitos vivem sem lar algum, e em que os que existem são, às vezes solapados, não só pelo comunismo, mas ainda pelos abusos do capitalismo, tal advertência reveste singular atualidade. O futuro do Brasil está nas mãos da mulher brasileira. E sobretudo desta pequena minoria das mulheres brasileiras que recebem uma educação secundária.

Estas devem, de um modo particular, apressar a promoção da massa feminina no plano humano e no plano religioso. João XXIII mostrou a ligação entre esta promoção e um trabalho de sã e moderada "conscientização", caminho da mulher moderna para chegar a Deus;

"Torna-se a mulher cada vez mais cônica da própria dignidade humana... reivindica direitos e deveres consentâneos com sua dignidade de pessoa, tanto na vida familiar como na vida social".

Não haverá, contudo, ainda um certo número de mulheres, no campo, que obedecem a seus maridos mais como escravas do que como companheiras, para retomar, mas invertida, a fórmula de Leão XIII e de Pio XI?

Prossegue João XXIII: *"em nosso tempo, estão superadas seculares opiniões que admitiam classes inferiores e superiores, derivadas da situação econômico-social, do sexo ou posição política"*.

O Papa não quis pretender que tais preconceitos seculares foram por toda a parte, e em particular nos países subdesenvolvidos superados... Muito ainda deve ser feito para que seja verificada nos fatos a afirmação lapidar de São Paulo: *"Não há judeu ou grego, não há servo ou livre, não há varão ou mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus"* (Gal, 3.28). A luta contra o preconceito da inferioridade feminina é o dever de toda cristã. A aceitação da condição feminina, exigência de equilíbrio e de felicidade para a mulher, não pode nem deve ser a aceitação da condição concreta que séculos de preconceitos anti-femininos e de escravidão parcial da mulher sob o jugo de um pagão orgulho masculino conseguiram criar (não por causa, mas apesar do cristianismo). O pior foi que estes *"preconceitos seculares"* invadiram, e ainda hoje invadem, a alma feminina! Dai decorre o dever de conscientização, como condição prévia de uma autêntica aceitação da condição feminina: João XXIII o descreve assim:

"Quando numa pessoa surge a consciência dos próprios direitos, nela nascerá forçosamente

a consciência do dever: no titular dos direitos, o dever de reclamar êsses direitos, como expressão de sua dignidade... Quando as relações de convivência se colocam em termos de direito e dever... os homens abrem-se ao mundo dos valores culturais e espirituais: verdade, justiça, caridade, liberdade. São levados, por essa estrada, a conhecer melhor o verdadeiro Deus transcendente e pessoal" (João XXIII, D.P. 141, § 41).

Não se podia dizer mais claramente à mulher moderna: "a luta pela promoção feminina conduzirá vossas irmãs a Deus"!

Oxalá o culto da Virgem Assunta, cujo Coração Imaculado é o Coração da Igreja, facilite, para as moças modernas, esta conscientização da vocação pessoal, maternal e social pela opção incondicional em prol da nova Eva, resultado de uma educação especificamente feminina! Dêste modo, todos perceberiam melhor que a mulher tem, na família e na sociedade, a primazia do amor que cabe à Maria dentro da Igreja universal.